

Balsemão tenciona ausentar-se da reunião do Conselho Nacional Freitas e Eurico de Melo podem ter preparado Governo com Mota Pinto

Pinto Balsemão tem a intenção de abandonar, amanhã à noite, a reunião do Conselho Nacional do seu partido logo após a leitura de um discurso em que analisará a situação de crise governamental. Como cenário mais provável das discussões em torno da sua substituição, desenhava-se, ao fim da manhã de hoje, a certeza de que, na sequência da escolha da «Metropolitana de Lisboa», Cavaco e Silva será apresentado pelo «grupo dos 15» como candidato a primeiro-ministro. Por outro lado, a maioria do Conselho poderá defender que a única alternativa a Balsemão é o próprio Balsemão, como testemunham os crescentes apoios de que, nesta semana, tem sido alvo dentro do PSD. Aparentemente, porém, a demissão do Primeiro-Ministro foi uma decisão irreversível e Balsemão não estará na disposição de satisfazer esse pedido de recondução como chefe do Governo.

Um cenário alternativo de «solução» para a crise governamental, que talvez venha a ser objecto de discussão na reunião do Conselho Nacional de amanhã, é, entretanto, o de



Mas permitiria Eanes um tal cenário?

um possível «acordo secreto» que teria sido estabelecido entre Freitas do Amaral e Eurico de Melo e consistiria no seguinte: segundo o CDS de

Freitas do Amaral e os «duros» do PSD, a «crise» da AD, tal como o líder centrista a diagnosticou na Televisão, exige um Governo que seja o

herdeiro do projecto político da candidatura do general Soares Carneiro, em Dezembro passado. O Primeiro-Ministro de tal Governo seria

Mota Pinto, que já teria sido contactado para o efeito por Freitas do Amaral antes de seguir, por uns dias, para o Brasil. O próprio Soares Carneiro seria convidado para ministro da Defesa. Eurico de Melo voltaria à Administração Interna e Vaz Portugal à Agricultura. Ao que parece, o caso tal Governo acabasse por aparecer como «solução» no seio da AD dividida e em crise, o próprio Freitas do Amaral aceitaria participar nele, ao mesmo título que Cavaco e Silva, ambos como vice-primeiros-ministros. Para Helena Roseta, que diz nada saber deste projecto, estaria reservada a pasta da Habitação. Barbosa de Melo teria o Ministério da Justiça e António Maria Pereira o dos Negócios Estrangeiros. A fonte de informação que revelou este plano garantiu que os Estados-Maiores da Marinha e da Aviação já foram sondados sobre a eventualidade de Soares Carneiro vir a assumir as funções de ministro da Defesa. O Estado-Maior do Exército, cujo chefe é Garcia dos Santos, próximo de Eanes, não terá sido sondado.

Págs. 5 e 6

Controladores
aéreos
portugueses:

Greve de sete dias adiada para segunda-feira

Os controladores portugueses de tráfego aéreo iniciam às zero horas de segunda-feira um boicote aos voos de e para os Estados Unidos — disse hoje à ANOP um porta-voz da respectiva associação.

O boicote esteve inicialmente previsto para começar às 00h00 de domingo mas foi adiado por 24 horas por razões que se prendem com os prazos legais do pré-aviso de greve — precisou o dirigente da Associação Portuguesa de Controladores de Tráfego Aéreo (APCTA).

Acrescentou que o pré-aviso foi subscrito pelos dois sindicatos que representam os controladores aéreos — o SITAVA e o SINCTA.

A greve tem uma duração de sete dias, que podem porém ser prolongados com novo pré-aviso de greve e é uma forma de solidariedade com os controladores aéreos norte-americanos e protesto contra as medidas tomadas pela administração Reagan contra os grevistas.

Apesar de se tratar de um pré-aviso de greve nos termos legais, esta só se tornará efectiva em relação aos voos de e para os Estados Unidos.

Para passar
à reserva

Jaime Neves abandona Regimento de Comandos

O coronel Jaime Neves vai abandonar o cargo de comandante do Regimento de Comandos da Amadora, e passar à reserva sendo substituído pelo coronel Jorge Oliveira, um oficial oriundo da Arma de Artilharia, soube esta manhã o «DL» junto do Estado-Maior do Exército.

Segundo a mesma fonte, a escolha do coronel Jorge Oliveira ficou a dever-se ao facto de ser de momento o único oficial comando com este posto, considerado disponível para comandar o Regimento de Comandos da Amadora e garantir o tempo de permanência julgado conveniente.

Jaime Neves, ao que consta — deveria ser chamado para frequentar o Curso de Altos Comandos, mas optou por abandonar o Exército.

Depois da reunião da «Metropolitana de Lisboa» do PSD

Helena Roseta confirma escolha de Cavaco e Silva



«O único cargo que eu aceitaria seria o de secretário-geral do estado a que isto chegou», disse Helena Roseta, esta manhã, em conferência de imprensa. Na foto: a deputada PSD ao lado de Santana Lopes, na reunião da «Metropolitana de Lisboa» de ontem à noite.

Pág. 6

Na Serra da Estrela «Esquadrão Incendiário» volta a atacar

O tempo quente e seco continua a favorecer a destruição das matas portuguesas. Mas não é apenas a acção da Natureza a morte do nosso precioso património florestal. O autodenominado «Esquadrão Incendiário», uma organização clandestina com fins criminosos, voltou a atacar: desta vez, foi na serra da Estrela, onde um sinistro cuja autoria reclamou, destruiu mais de 300 hectares de pinheiro bravo. Entretanto, as autoridades não perdem tempo. A Brigada de Fogo Posto da Polícia Judiciária prendeu seis indivíduos acusados de atearem incêndios nas zonas de Sintra e Cascais. A mando de quem e com que fins, é o que continua por apurar.

Pág. 7

Hoje: ler/escrever

Notícias, artigos e comentários literários e culturais, profusamente ilustrados, constituem as quatro páginas do suplemento «Ler/Escrever» de hoje, em que se fala de Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, José Rodrigues Miguéis, Oskar Panizza e outros. Colaboração de Joaquim Namorado, Ernesto Sampaio, Luís de Miranda Rocha, Manuel Cintra, Carlos Lopez e ainda, com um poema inédito, Alvaro Magalhães.

a paladraq com...

Mário Murteira



O estado da Natureza e a natureza do Estado

Os incêndios que têm devorado parte da riqueza florestal do País, ao mesmo tempo que têm suscitado inquietação e escândalo na opinião pública, manifestam a impotência das autoridades perante um desastre ecológico sobre o qual — além do mais — o poder parece desinteressado em apurar as verdadeiras causas. E seria fácil ironizar sobre a capacidade de quem arde para apagar incêndios.

Não é porém essa questão particular que motiva estas notas. Mais geralmente, trata-se dum exemplo flagrante de como a «natureza do Estado» condiciona o «estado da Natureza». Mas vamos por partes.

Em 16 de Março de 1978, um petroleiro denominado **Amoco Cadiz** naufragou ao largo da Bretanha, lançando no mar 223 mil toneladas de petróleo e poluindo cerca de 400 quilómetros de costa, extensão equivalente a mais de metade da costa portuguesa. Outros incidentes semelhantes, mas de menores proporções, haviam já flagelado a Bretanha, desde o também muito falado naufrágio do **Torrey Canyon** que onze anos antes (quase dia por dia, pois o facto deu-se em 18 de Março de 1967) naufragara na costa da Cornualha, lançando trinta mil toneladas de petróleo ao

mar — quarenta mil consumiram-se no próprio barco, deliberadamente e incendiado depois do acidente — que ventos e correntes levaram às costas da Bretanha. Em 1978 o Senado francês nomeou uma comissão de inquérito sobre o caso do **Amoco Cadiz**, cujo mandato e composição todos os grupos políticos decidiram por unanimidade, tal como sobre as respectivas conclusões. O relatório foi amplamente divulgado (utilizo a edição da «Hachette» com o título **La catastrophe de l'Amoco Cadiz**) e pode considerar-se modelar na sua elaboração. São muito interessantes as conclusões desse relatório particularmente no respeitante a três ordens de questões: relativamente ao direito internacional em matéria de navegação marítima; quanto à organização administrativa do Estado; enfim, no respeitante aos financiamentos necessários para assegurar um dispositivo razoável de prevenção e luta contra acidentes desta natureza.

Interessa-me sobretudo referir, ainda que apenas de passagem, o segundo aspecto: está em causa assegurar uma efectiva capacidade de actuação do Estado ao nível regional e local, com co-

mando bem definido para cada função, em lugar de múltiplas burocracias que se ignoram entre si, ligadas ao centro de (in)decisão por canais próprios que informam mal e decidem pior... quando o fazem.

Nesta ordem de ideias, já se reconheceu ser o Estado moderno **demasiado pequeno** para as grandes questões que tem a defrontar e **demasiado grande** para chegar à actuação eficaz no caso concreto, local e regionalmente bem caracterizado, mas indefinido e distante do ponto de vista do centro. O caso do **Amoco Cadiz** é exemplar nos dois aspectos: por um lado, levanta questões transnacionais que têm a ver com os armadores que utilizam «pavilhões de favor» (o da Libéria, por exemplo) para fugirem a regulamentos apertados e com o direito de os Estados se protegerem contra agentes externos que circundam as águas territoriais ou nelas penetram sem respeitarem minimamente os legítimos interesses nacionais; é uma questão regional, de organização interna do Estado, pois trata-se de administrar meios financeiros, materiais e humanos em condições eficazes a essa escala, perante a eminência ou reali-

dade de catástrofes ecológicas.

Uma e outra coisa manifestam dimensões da crise do Estado, de que se fala por todo o lado, mesmo a propósito da ecologia, crise que o é também da política.

A ecologia é, por assim dizer, uma lógica de última instância, de Julho Final, de sobrevivência da espécie e da vida em geral. O meu filho mais jovem — de quinze anos de idade — associa no seu militantismo ecológico, a defesa da baleia, a protecção do linco da serra da Malcata e a rejeição categórica do nuclear. Para homens da minha geração, esta militância fará sorrir, habituados que estamos à **macropolítica**, dos grandes afrontamentos de ideias e classes. Mas o desinteresse dos jovens por essa macropolítica a favor da militância ecológica é talvez o instinto de sobrevivência da espécie que o anima, quando a macropolítica, afinal, se reduz a descalhada alienação.

No fundo, sabemos-lo bem, a natureza do Estado é questão logicamente anterior ao estado da Natureza. Precisamente quando esse estado se tornou o grande agente contranatura, por acção ou omissão.

Confrontando os dois de-

sastres ecológicos que motivam esta reflexão — a destruição da floresta pelo fogo em Portugal, em 1981, a poluição das costas da Bretanha pela «maré negra» em 1978 — há todavia uma distinção importante a fazer no que se refere ao comportamento dos estados em causa. Na França, a estrutura política, apesar das profundas divergências ao nível da tal macro-política, soube convergir no diagnóstico e terapêutica, sem ilusões embora quanto à capacidade do poder político nacional para exceder certos limites. No caso português, o Estado revelou uma vez mais a sua abulia e apatia, como monstro sonolento que a nada reage, apenas estremece às cócegas epidérmicas.

Por muito respeito que o meu filho me mereça, não creio que o estado da Natureza seja susceptível de efectiva protecção quando a natureza do Estado, digamos, se degradou demasiado, excedendo-se os limites toleráveis de poluição da vida política. E esses limites são excedidos logo que toda a política se profissionaliza, se reduz a uma casta, da qual a maioria nem sequer é competente na sua profissão.

A ideia do desenvolvimento **self-reliant**, (autoconfiante),

do desenvolvimento baseado nas próprias forças, da **auto-gestão** levada tão longe quanto possível, é hoje lugar comum da literatura progressista sobre os problemas económicos e sociais do mundo contemporâneo. Ao contrário do que possa supor-se, não é defendida apenas no Terceiro Mundo mas também, por exemplo, ao nível da própria França, no âmbito da actual maioria.

É talvez de mau gosto lembrar hoje como essas ideias adquiriram força no Portugal de 1974/75 e como as experiências de então ficaram pelo caminho, à medida que a recomposição do Estado se identificou com o mais estrito e estafado parlamentarismo burguês. Das U.C.P. às cooperativas, às comissões de moradores, às comissões de trabalhadores, que sei eu, o poder reconstruído depois de 1976 aproveitou o que lhe serviu e destruiu quase tudo que lhe não foi útil.

Talvez por isso, embora num contexto diferente, o isolamento do poder face ao País parece hoje tão completo como tempos finais do regime de Marcelo Caetano. Daí também que a Natureza só possa salvar-se a si própria, enquanto o Estado não puder ser salvo pelo povo.

SALDOS INACREDITÁVEIS

vestar



DOBRE O VALOR DO SEU DINHEIRO!

Vá já aos Saldos da **vestar**

LISBOA Avenida de Roma, 59-B
PONTINHA Rua Cidade da Horta
SETUBAL Avenida Infante D. Henrique, 3-A
T. VEDRAS Praceta Calouste Gulbenkian, Lote A, Loja Direita (junto ao Centro Comercial)
V. N. FAMALICÃO Rua Vasconcelos e Castro

Concurso "DL"/81

Envie as colecções até 20 de Agosto

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de jun-

tar um selo de correio de 8\$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar — não use fita gomada, não agrave e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 20 de Agosto de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 7 e 15 de Setembro, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

CONCURSO DL

Os números atrasados poderão ser adquiridos na Rua Luz Soriano, 17

HORÁRIO: 09.00 AS 18.00

ABERTO À HORA DO ALMOÇO

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS

política de A a Z

A esquerda e a alternativa

D O embaraço da esquerda face a esta arrastada crise — crise de Governo, crise das relações Governo/governados, crise de liderança da «coligação AD» e crise na cúpula do principal partido da AD — foi-nos dado público testemunho num texto literariamente brilhante, cintilante de ironia e de graça, mas que politicamente, não constitui uma réplica positiva ou a indicação de um caminho.

Na graciosa, fina e irónica nota, redigida pelo dr. Almeida Santos e que foi distribuída, em nome do Partido Socialista, pelo seu «Gabinete de Imprensa», a comunicação televisiva do professor Freitas do Amaral é reduzida às suas proporções: «Uma forma subtil de se envolver ficando de fora».

Certo. Todavia, nem a denúncia da banalidade óbvia das medidas que o professor preconizara, nem a caracterização do «médico» como «coveiro», oferecem ao militante socialista, e aos democratas de um modo geral, as linhas de uma solução de **alternativa democrática e social**. Lemos a nota, sorrimos, comentámos a qualidade literária, o fulgor de espírito, mas ficámos com a nossa sede, sem uma orientação, sem uma linha de actuação, sem uma perspectiva.

Construída que foi a teoria da «legitimidade democrática» da AD para governar — mesmo depois da significativa derrota de 7 de Dezembro —, passou-se a uma previsão teórica: a de que governando a AD se desgastará. A **crise** — no seio da «coligação» e na cúpula do seu maior «partido» — parece, com efeito, confirmar este ponto de vista. Mas, se dedicarmos à questão uma mais atenta análise, verificamos que a AD cria problemas políticos e na gestão da coisa pública que não consentem que uma oposição democrática, de vocação ou de princípios socialista, assista, expectante, ou com o mágico cinismo do aproveitador de desgraças, ao degradar da vida económica e financeira, ao avanço «restauracionista», à deterioração do próprio tecido institucional.

Porque, com a «coligação AD» — à qual se continua a reconhecer a «legitimidade democrática» que resulta de dispor de «maioria parlamentar» —, e com a proclamada inviabilidade de uma alternativa, é o **regime democrático** que se apresenta, à consciência nacional, como um jogo formal ferido de insanáveis defeitos de funcionamento e são as forças políticas, no seu conjunto, que partilham a responsabilidade de uma **crise** que não tem solução na obscuridade de «um projecto» que se esvaziou com o desaparecimento de Francisco Sá Carneiro.

Considere-se, na comunicação televisiva do professor Freitas do Amaral, a síntese breve, seca e vaga que traçou do «projecto AD». Citamos: «...foi para oferecer aos Portugueses uma nova política — decididamente democrática, moderna e europeia — que o PSD, o CDS e o PPM resolveram unir os seus esforços num projecto comum, que não visa apenas a partilha e o exercício do Poder, antes tinha como objectivo transformar a sociedade, reconstruir o Estado, obter a plena democratização do regime e oferecer melhores condições de vida aos Portugueses» (RTP — 6 de Agosto). Para este «projecto» era — como confessou o professor Freitas do Amaral — «a vitória do general Soares Carneiro». Para este «projecto» — proclamou o professor Freitas do Amaral — é necessário definir o general Ramalho Eanes como «um adversário».

Dos dirigentes nacionais da «Aliança Democrática»

aquele que tem mais bagagem no domínio da teoria política, maior preparação jurídica, mais sólido nome como valor intelectual, a fama universitária, o prestígio de estudioso, não desenleia a meada do «projecto AD». Fica-se nas generalidades, nas intenções, no óbvio. A explanação das dificuldades de uma política «restauracionista», resume-se à lamentação do general Soares Carneiro ter sido derrotado. A perspectiva política limita-se a um voluntarismo insensível às contradições no seio da «aliança»: manter a coligação dos três partidos, PSD, CDS, PPM, e levá-la para além de 1984. O **projecto político**, nas palavras solenemente ditas do presidente do CDS e candidato à liderança da AD, é uma vaga declaração de intenções, não tem altura doutrinal, o lampejo de uma ideia nova, uma estrutura programática. E já era assim, obscuridade e voluntarismo, no discurso veemente, mas vazio, de Francisco Sá Carneiro.

Ora — e aqui a política portuguesa como a porca do proloquio torce o rabo — é perante este vazio político e um voluntarismo «restauracionista» que se não disfarça, que a **esquerda** se esquia de embaraços maiores com comentários graciosos ou fastidiosas repetições de afirmações de princípio.

Não se nega às afirmações de princípio, às definições de posição política perante situações conjunturais, a validade que lhes é intrínseca, nem às réplicas irónicas a graça ágil, mas a **situação política**, a arrastada **crise**, o carácter globalizante do **processo da crise**, as incidências estruturais que apresenta, impõem a procura de **uma saída da crise**. A qual, saída, aqui e agora, neste Portugal depois de Abril e neste segundo semestre de 1981, oito meses decorridos sobre a vitória do general Ramalho Eanes e a deslocação de votos que ela implicou, o repúdio do «projecto AD» que ela demonstrou, não poderá ser desenhada como uma simples recomposição no mesmo território político, terá de ser promovida como uma **alternativa democrática e social** verídica. O rigor democrático não é imcompatível com a audácia revolucionária. Muito pelo contrário: é a legitimidade constitucional que deverá animar, com rasgo patriótico, a **solução democrática de alternativa**.

Esperar o desgaste da AD, condená-la a governar para perder espaço eleitoral, é um cálculo de política estreita e mesquinha. Por esse plano inclinado repetem-se as astúcias eleitorais e parlamentares de António Maria I (o Fontes Pereira de Melo) e de António Maria II (o Silva). Cidadãos de grande intuição política, mas os resultados de tais intuições, marcaram profundamente os dois sucessivos constitucionalismos: o monárquico e o republicano.

Nem o nosso liberalismo foi democrático (acaso não poderia sê-lo), nem a nossa democracia manteve a unanimidade liberal (acaso não poderia bater-se à sua **esquerda** e à sua **direita**, com os conservadores monárquicos e capitalistas e com os operários reivindicando a transformação social) — e hoje, volvidos, vividos, sete anos de um Abril de cravos e de esperanças, os cálculos partidários, as astúcias partidárias — e as ambições pessoais — adiam a solução política de uma situação que, nas palavras do professor Freitas do Amaral, à coligação se referindo, é: «uma crise difícil e tudo parece posto em causa».

Quando a complexidade da **crise**, e as dificuldades que se deparam a uma **solução de alternativa**, põem em causa o regime democrático, não se pode aceitar que os jogos estratégicos se limitem a previsões de desgaste e a cálculos eleitorais. Em política, as astúcias têm limites naturais, condicionamentos sociológicos, determinantes estruturais. Não se faz **política** contra a **realidade social**. Ou faz-se política reacçãoária.

Cinquenta anos depois

1 — Vou-me abstrair, embora na hora em que escrevo Balsemão foi-se. Freitas do Amaral faz boquinhas para dizer Democracia e Ribeiro Teles apressa-se a defender a República.

Vale a pena tomar lá a sério? Claro que não, mas fica para outra ocasião.

Cinquenta anos depois! Uma vida inteira a partir daquela data em que cheguei a Peniche estudante de direito, com 20 anos, e como sempre me fez muita impressão estar cercado ou preso dali me evadiria três meses depois, por causa das moscas, ou melhor «dos moscas» de Pina Manique em «tra-vesti» de polícia de informação.

Tanta e tanta coisa já passou depois desses cinquenta anos quase completados no dia em que o Presidente da República me colocou a seu lado, na apoteose habitual dos que nele acreditam. E haverá mais alguém em quem acreditar? Talvez.

Há cinquenta anos eclodia o movimento revolucionário na Madeira e nos Açores que teve uma repercussão muito modesta na revolta estudantil de Abril, a qual revolta naturalmente ven-

cida me atirou para a penitenciária, depois para Setúbal, depois ainda para Peniche e em seguida para Espanha. Estamos em 1930.

Só em 25 de Abril de 1974 os nossos sonhos se concretizaram.

Era uma época de grande idealidade. O exército republicano revoltava-se, os operários ensaiavam greves, a Espanha referia no seu republicanismo e os estudantes vinham para a rua, tudo isto uma luta desproporcionada tendo contra si «os moscas», a tropa abúlica e os exilios repletos de inconformados e até de desavindos, este o nosso grande mal.

Seja como for viviam-se horas duras na clandestinidade com revolucionários intemeratos apostados em oferecer a vida — entre tantos e sempre exemplificadamente: João Soares, Maldonado Freitas, Sarmento Beires, Nuno Cruz, Tenente Pio, César de Almeida e como não podia deixar de ser Carlos Vilhena.

Repetimos, era uma época de exaltação e de determinação, esta última expressa na valentia

Vasco da Gama Fernandes

com que se assaltaram os quartéis de Artilharia 1, Metrelhadoras, Pontinha, sob os comandos corajosos de Utra Machado, Jaime Baptista e Dias Antunes. Morreria nas ruas de Lisboa mais de uma centena de gente nova, entinchados e sem esperanças.

É este o princípio dos cinquenta anos. Depois, tentativas frustradas, sacrifícios sem parança, cadeias cheias e a abertura macabra do campo de concentração de Timor.

Mas se havia a frustração das revoluções, só mais tarde ensaiadas as juntas de militares liberais decididas, em plena guerra mundial, a reintegrar o país no seu destino histórico e republicano.

Mas por maiores que fossem tais frustrações o povo português, que éramos nós todos, jamais se submeteu, sem armas, é certo, mas com o acicate da sua verticalidade: o movimento de Unidade Democrática, antes o mo-

vimento de unidade antifascista e, na sua esteira, as eleições para deputados, antecipadamente perdidas, as campanhas presidenciais de Norton de Matos, de Quintão Meireles e, finalmente, a de Humberto Delgado, a primeira e a última galvanizando totalmente o país, o mesmo país que aclamaria a vitória dos aliados e, coitado dele, à espera da hora, que só chegaria em 25 de Abril, sofrendo a crueldade das guerras coloniais, a ferocidade policíesca, o salazarismo cheio de rancores e o intervalo desconexo de Marcelo Caetano.

Cinquenta anos será pouca coisa para um ciclo histórico embora seja muito para o ciclo vital. E eu que o diga.

Tudo isto me vem à lembrança no dia da apoteose a Eanes. Claro alguns velhos e velhas ainda me reconheceram, bem poucos porque a morte já levava não só a maioria esmagadora

Continua na pág. 4



● A Confederação Nacional da Agricultura (CNA), vai realizar, a partir do próximo mês, **plenários regionais de organizações da lavoura**, com o objectivo de analisar os problemas mais prementes do sector.

● O CDS insurgiu-se contra a expulsão de quatro membros do Partido Democrata-Cristão chileno, entre os quais Jaime Castillo, dirigente do mesmo, pelo Governo de Pinochet.

Em comunicado distribuído em Lisboa, o CDS diz que a expulsão dos políticos constituiu uma «grave ofensa à causa da democracia e da liberdade perpetrada pelo Governo ditatorial do Chile».

Jaime Castillo, também presidente da Comissão Nacional dos Direitos do Homem, «foi expulso por defender o direito de expressão e por denunciar as violências, humilhações e privações a que estão sujeitos alguns milhares de cidadãos chilenos» — sublinha o comunicado do CDS.



● No domingo próximo, terão lugar na freguesia de Fajã Grande, na ilha das Flores (Açores), eleições intercalares para a assembleia de freguesia, tendo sido apresentadas listas do PSD e da APU. A anterior assembleia, composta por nove membros todos do PSD, demitiu-se por incompatibilidade com a direcção da junta de freguesia.



● O secretário-geral do Partido Socialista, **Mário Soares**, visita os Açores de 22 a 30 deste mês, soube-se de fonte partidária.

Mário Soares, que inicia a sua visita partidária à região autónoma em Santa Maria, desloca-se depois às ilhas de S. Miguel, S. Jorge, Flores, Corvo e Terceira.



● A recente declaração de Mário Soares a um jornal jugoslavo, segundo a qual «os socialistas estão prontos a vir para a rua defender os interesses dos trabalhadores», acaba de suscitar à UDP o seguinte comentário, em forma de comunicado: «A UDP reafirma a sua disponibilidade de conjugar esforços com todos os trabalhadores e democratas, nomeadamente os trabalhadores socialistas, para em unidade e em luta imporem na rua, nas fábricas, nas empresas, nas escolas e nos campos uma derrota definitiva à AD, na afirmação dos reais interesses populares, defendendo o 25 de Abril e as suas conquistas».

Cinquenta anos depois

Continuação da pág. 3

dos meus companheiros de deportação como igual maioria dos habitantes desse tempo, sobretudo aqueles com quem convivi e a alguns dos quais me sentia ligado pelos laços da fraternal amizade. Dois dos meus companheiros de universidade, meus verdadeiros irmãos, e que inauguraram comigo o campo de Peniche, morreram muito novos — Asdrubal de Aguiar e António Maldonado Freitas — minhas saudades permanentes, além do mais porque fomos vizinhos durante os meus 35 anos de permanência em Leiria.

2 — Vale a pena fazer um balanço.

Cinquenta anos de ilusões, de desenganos, mas cinquenta anos viris em que tudo se perdeu menos a honra, ou melhor a «hombridade» tão acarinhada por Miguel Unamuno, figura popular da Ibéria e do universo sensível com quem me cruzaria nas estradas fascinantes do meu exílio de juventude. Foi a «hombridade» que nos salvou: a recusa terminante à adesivagem, a luta frontal contra a ditadura, a decisão de morrer se fosse preciso na defesa de uma causa que bem merecia a morte, a causa de um povo violentador que procuraria no salto pelas fronteiras a fuga à miséria ou à indigência, a honradez pessoal e profissional dos que para ganhar a vida dentro da Pátria jamais se demitiram da sua condição de homens livres.

Valeu a pena? Que responda Fernando Pessoa: «Porque só não vale a pena se a alma é pequena».

E resistentes de todas as horas mais não fizemos se não sobemos ou não pudemos.

E tudo isto pensava eu no alto do cabo Carvoeiro ao ver passar

as traineiras dos pescadores, desfilando perante o Homem que queiram ou não é o garante dos cinquenta anos pretéritos e a certeza de que aconteça o que acontecer, jamais voltaremos para trás.

Mas será possível tal desígnio se os democratas deste país se convencerem de que a unidade, na lealdade e na frontalidade, será o segredo da nossa sobrevivência.

3 — Que importa o desaire de Balsemão, as boquinhas de Amaral, o monarquismo republicano do PPM (neste ponto que saudades de um Afonso Lopes Vieira ou de um Luís de Almeida Braga) o oportunismo dos cristãos-novos e a falta de senso de alguns responsáveis, inebriados pelo poder ou dementados pelo contrabando das pequenas e grandes loucuras.

Que importa? Para trás os cinquenta anos com os seus mortos, às centenas com a amargura das mulheres e das crianças, os lares desfeitos para sempre, o Tarrafal, o S. Nicolau, o Timor, a pida, Aljube, Penitenciária, Caxias, calabouços da polícia de Segurança Pública.

Já lá vai tudo. O que eu vejo à minha frente é a luz da esperança que nunca nos abandonou e a luz dos pescadores de Peniche, onde eles já com o seu vinhoto aclamavam: «Para trás mijá a burra» (desculpem-me o plebeísmo).

Ao regressar a casa sonhei com o meu Peniche de há cinquenta anos e embora a telefonía na manhã me anunciasse que os reaccionários não desistiam de serem indignos, uma certeza se me fincou no peito e que posso sintetizar: Nunca mais o Peniche de há cinquenta anos. E por aqui me fico com alguma coisa.

“Época de Incêndios” regressa em força

• Detidos oito incendiários • “Esquadrão” ataca de novo

• Zona Centro flagelada

Seis indivíduos de idades compreendidas entre 17 e 37 anos foram detidos pela Brigada de Fogo Posto da Polícia Judiciária, revelou o Gabinete de Imprensa desta corporação hoje de manhã.

As suas identidades não foram reveladas, para não comprometer o desenvolvimento das investigações, que prosseguem entretanto.

Os detidos são considerados autores de sete fogos postos entre Julho do ano passado e o presente momento, nas zonas de Sintra e Cascais.

Segundo foi revelado, seriam nomeadamente autores de dois fogos na Quinta da Marinha, junto ao Cemitério da Guia (Cascais) em Julho do ano passado, um incêndio ocorrido na Quinta do Atrozelo (serra de Sintra) em Agosto de 1980, dois fogos nas Quintas da Penha Longa e Saldanha (serra de Sintra) em Junho deste ano e, finalmente, na Quinta do Pizão (Sintra) e junto à Standard Elétrica (Cascais) em Julho passado.

«Esquadrão Incendiário» ataca na serra da Estrela

O autodenominado «Esquadrão Incendiário», que reivindicou recentemente a autoria de incêndios postos em florestas nacionais, tornou a reclamar a responsabilidade de fogos declarados na região da Guarda.

Esta comunicação foi feita por via telefónica, por duas vezes durante o dia de ontem, para a delegação da ANOP na Guarda.

Repetindo as palavras da primeira comunicação, o porta-voz do «Esquadrão Incendiário» afirmou que «ainda hão-de ver mais fogo na serra».

Com efeito, mais de cinco mil hectares de floresta foram destruídos pelo incêndio que devas-

tou durante mais de 24 horas o flanco Nordeste da serra da Estrela, declararam ontem os bombeiros de Manteigas.

O sinistro destruiu uma das mais importantes áreas florestais da serra, sobretudo na zona da Cabena Alta.

Os bombeiros da Guarda, Manteigas, Sabugal, Belmonte e Gonçalo, que combateram as chamas, declararam ter o incêndio origem criminosa, «dada a configuração e disposição do fogo na serra, em terrenos praticamente inacessíveis».

O incêndio chegou a pôr em perigo as localidades de Valheiras, Sendão, Famalicão da Serra e Videmonte e várias quintas dispersas pela serra.

Colaboraram ainda no combate às chamas forças do Regimento de Infantaria de Viseu, Serviços Florestais e aviação da Lousã, além de muitos populares.

Origem criminosa, segundo os bombeiros

Um outro foco de incêndio eclodiu esta tarde na localidade de Quinta dos Prados (concelho da Guarda) tendo destruído uma área considerável de matas e pinhais.

Os Bombeiros Voluntários da Guarda, contactados pela ANOP, afirmaram não duvidar da origem criminosa deste incêndio, devido ao facto de, após a extinção do primeiro fogo, ter surgido um outro em local oposto e praticamente inacessível.

A meio do dia de ontem, o incêndio era finalmente considerado extinto pelos Serviços Florestais de Manteigas.

O balanço é severo: o fogo destruiu uma zona florestal da serra da Estrela de aproximadamente 900 hectares de pinheiros bravos e uma área de expe-

riências de introdução de pinheiro manso.

Segundo referiram os Serviços Florestais de Manteigas, o material utilizado no combate às chamas «lembra a época da pedra lascada».

Flagelo volta à zona Centro

Os concelhos de Arganil, Pampilhosa da Serra e Miranda do Corvo (Coimbra) e Figueiró dos Vinhos (Leiria), foram os mais atingidos ontem na zona Centro por incêndios, indicaram fontes florestais.

Ao princípio da noite, perto de Oleiros (Pampilhosa da Serra), as chamas apresentavam frentes de vários quilómetros, tendo deflagrado outro em Ribeira de Tábuas (Miranda do Corvo).

Os sinistros, que consumiram cerca de 40 hectares de pinhal e mato nos concelhos de Figueiró dos Vinhos e Arganil, foram considerados extintos à mesma hora.

Três povoações do concelho de Arganil, entretanto, ficaram ontem ameaçadas por um violento incêndio que a meio da tarde de ontem se reacendeu na área.

O sinistro, que fora declarado na véspera extinto, ameaçou as localidades de Abrunheira, Pombeira e Portela de Urqueira, tendo sido combatido por mais de uma dezena de corporações de bombeiros, brigadas dos Serviços Florestais e meios aéreos.

O vento forte e o intenso calor que se têm feito sentir na região, dificultaram o combate às chamas.

Entretanto, o incêndio na zona da Chamusca (Ribatejo) continuava hoje de manhã a lavrar com intensidade, depois das chamas terem deflagrado há mais de 48 horas.

O fogo, declarado terça-feira às 17 horas, perto da igreja do Senhor do Bonfim, destruiu eucaliptos e pinheiros.

No entanto, as culturas têm sido poupadas assim como as habitações — informaram os bombeiros.

Ao fim da manhã as chamas aproximavam-se de Casal Faimão, não existindo perigo de maior na zona — acrescentou.

Combateram o incêndio dez corporações e um destacamento do Exército do Campo de Santa Margarida.

... E incendiários na prisão

Duas irmãs de 12 e 16 anos, foram ontem presas na serra da Boa Viagem, na Figueira da Foz, no momento em que ateavam vários focos de incêndio, indicou uma fonte florestal.

A sua detenção ficou a dever-se ao administrador florestal da Figueira da Foz, Duarte Morais, que passava ocasionalmente no local.

As jovens, Rosa e Zorinda Marques da Rocha, que já confessaram o crime, foram conduzidas ao posto da GNR de Maiorca, onde a última ficou detida.

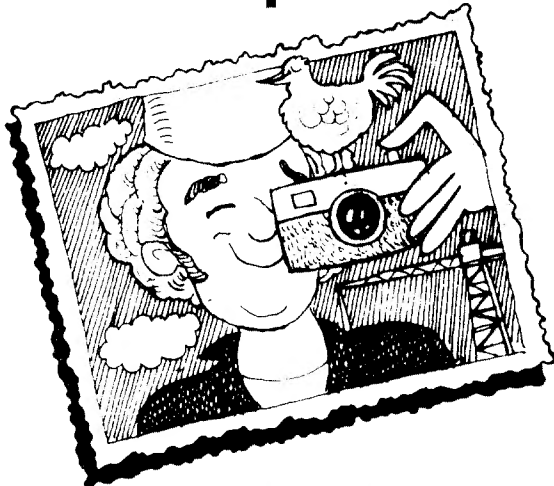
Aproveitamento de madeiras queimadas

O secretário de Estado da Produção, João Goulão, reuniu-se ontem à tarde com representantes de firmas industriais, procurando solucionar o problema do aproveitamento das madeiras destruídas pelos últimos incêndios.

Um informador do Ministério da Agricultura e Pescas (MAP) indicou à ANOP terem estado presentes à reunião representantes das empresas Caima, Celbi e Portucel, que aceitaram receber a madeira das árvores queimadas aos preços normais de mercado.

II Concurso de Fotografia da CGTP-IN

“Os trabalhadores e os tempos livres”



- A vida cultural, desportiva e recreativa das massas trabalhadoras
- As realizações do movimento sindical unitário neste domínio
- As iniciativas de tempos livres que tenham o trabalhador como sujeito principal

- Prémios para os três primeiros classificados nas modalidades de Preto e Branco, Cor e Diapositivo
- Prémio Especial para o melhor conjunto de obras
- Os dez melhores trabalhos serão expostos em Lisboa, no âmbito das comemorações do XI Aniversário da CGTP-IN, e posteriormente em todos os distritos

Os trabalhos, no mínimo de três e no máximo de seis por cada modalidade, deverão dar entrada, até às 24 horas do dia 17 de Agosto de 1981, em qualquer das Uniãos Distritais de Sindicatos, onde se encontra igualmente à disposição o Regulamento do Concurso

Fotografar é lutar



CARLOS
SALDANHA
MONIZ
WANZELLER

Agradecimento

Maria dos Santos Ramos Wanzeller, Virgínia Paula Ramos Wanzeller, José Carlos Ramos Wanzeller e mais família vêm por este meio muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que os acompanharam no doloroso transe porque passaram.



Câmara Municipal do Concelho de Seixal

EDITAL

Quiosques Municipais

EUFRÁZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SEIXAL:

FAZ SABER QUE: Nos termos e para os efeitos do n.º 4, do Art.º 1.º, do Regulamento de Utilização e Exploração de Quiosques Municipais, se encontra aberto até ao dia 27 de Agosto, p. f. concurso para atribuição do uso e exploração dos quiosques municipais localizados em Amora, Arrentela e Miratejo.

Os quiosques somente podem ser utilizados para a venda de jornais, livros, artigos de papelaria, tabacos, artigos de artesanato regional e bijutarias.

A taxa mens! de ocupação é de Esc: 1.000\$00.

Os interessados devem formular os seus pedidos em papel selado, dirigidos ao Presidente da Câmara Municipal do Seixal.

Seixal e Paços do Concelho de Seixal, aos 10 de Agosto de 1981

Presidente da Câmara

Eufrázio Filipe Garcez José

“Guardian” comenta: “Receita para um desastre” seria a hipótese Cavaco-Freitas

O jornal inglês “Guardian” refere no seu editorial de ontem, dedicado à situação política portuguesa, que Ramalho Eanes tem agora três alternativas para a demissão de Balsemão: convidar este novamente para formar Governo de gestão até ao Congresso do PSD; escolher “inimigos do Primeiro-Ministro dentro do PSD” para constituírem Executivo e, finalmente, procurar uma personalidade “apartidária” com vista a uma solução transitória.

Para o “Guardian”, a entrega do Executivo a personalidades que advogam o conflito com o chefe do Estado seria “uma receita para um desastre” e poderia fornecer oportunidade ao “Conselho da Revolução marxista para intervir” e “tentar

impor ditadura militar de esquerda”. O editorialista é a favor da primeira alternativa.

Itália: “vítima da área conservadora”

Toda a Imprensa italiana dá a notícia da demissão de Pinto Balsemão, considerado como “uma vítima da área conservadora do PSD”.

Assinalando que o seu gesto surpreendeu, apesar de se conhecerem “as pressões sobre ele exercidas, tanto por parte do próprio partido, como do CDS”, como perspectiva, a maioria dos meios admite o retorno de Balsemão, em “posição de força”.

Contudo, outros cenários são desenhados por “La Stampa”, como a indicação de Eurico de

Melo, classificado como “uma das figuras políticas mais à direita em Portugal”.

Uma terceira alternativa na Imprensa italiana é a formação de um Governo presidencial, caso se revele uma incapacidade da actual maioria em superar as dissidências no seu seio. «Minoria poderosa»

Também a Imprensa norte-americana tem apreciado a crise governamental portuguesa. O “Wall Street Journal”, considerando que a decisão de Balsemão é fruto da acção de uma “minoria poderosa” dentro do PSD, prevê que o Presidente da República nomeie um “caretaker government” (“zelador de Governo”) ou peça ao PSD que

nomeie outra personalidade para o cargo.

De acordo com este jornal de Washington Pinto Balsemão preocupar-se-ia, então, em solidificar a sua posição dentro do Partido e libertar-se dos seus opositores, na esperança de um regresso ao lugar de Primeiro-Ministro.

No “Christian Science Monitor”, Richard Timsar, sob o título “colapso da coligação”, defende que só uma pequena percentagem da AD entende a complexa situação criada, cujas raízes assentam na diferença de conceitos quanto ao exercício do poder, defendidos por grupos “apressadamente constituídos como uma fórmula para vencer uma eleição”.

Sem esquecer a hipótese de novas eleições

PCP sugere acção comum ou convergente com o PS, MDP, UEDS e ASDI

A “pronta disposição para, sem quaisquer condições prévias, examinar com os outros partidos democráticos — designadamente com o PS, MDP, UEDS e ASDI — as possibilidades de uma acção comum ou convergente na busca de uma solução democrática para a crise” — é reafirmada no comunicado da Comissão Política do CC do PCP, que reuniu no começo da semana para apreciar a crise da AD e a demissão do Primeiro-Ministro, classificando-as como “uma

séria derrota das forças reacionárias”.

O documento sublinha que uma “efectiva solução da crise política” passa pelo “completo afastamento da AD do Governo” e recorda a derrota nas presidenciais de 7 de Dezembro último e a “política de sistemática violação da legalidade democrática” para frisar que a AD “perdeu qualquer legitimidade para governar o País”.

O PCP considera ainda que “além da ponderação da possi-

bilidade e viabilidade de uma solução (sem os partidos da AD) no quadro da actual composição da AR, se apresente como solução necessária e inteiramente constitucional o recurso a novas eleições legislativas, precedida da dissolução da AR e da formação de um Governo de gestão que garanta a isenção e seriedade da consulta eleitoral”.

A “indiscutível gravidade do comportamento da direcção do PS perante a crise da AD”, ao recusar a “examinar com o PCP

as possibilidades de uma acção convergente” para o afastamento da AD do Governo e para a “concretização de uma solução democrática” é igualmente acentuada no documento dos comunistas.

Adverte, a propósito, o PCP que o “chamado Bloco Central (aliança do PS com o PSD) não resolveria nenhum dos problemas nacionais nem corresponderia às exigências da defesa e consolidação da democracia”.

Eanes visitou Alcochete e jantou com Lopes Graça

Fernando Lopes Graça foi um dos convidados de Ramalho Eanes ao jantar ontem realizado em Alcochete, durante a visita, de carácter particular, que o Presidente da República fez ao último dia das Festas do Barrete Verde.

Eanes, que chegou a Alcochete ao fim da tarde, acompanhado de membros das suas casas civil e militar, usou da palavra numa curta sessão de boas-vindas do executivo municipal, declarando, nomeadamente, que “numa democracia em construção, sujeita a crises, essas crises serão tanto menos perigosas quanto maior for a força do poder local”.

O presidente da câmara, Constantino Rodrigues (APU), falou antes do Chefe de Estado para vincar “o momento particularmente difícil” em que a visita se realizou e acrescentar que, com “um poder local forte e autónomo, a democracia acabará por vencer ao serviço do povo e do País”.

Ainda nos Paços do Concelho, Ramalho Eanes recebeu do consagrado maestro Lopes Graça, seu convidado, uma das obras mais famosas do compositor: “Marchas, Danças e Canções”.

O Presidente, que se escusou a comentar a crise governamental, assistiu, depois do jantar, a um espectáculo de variedades.

No intervalo do espectáculo,

Eanes entregou a várias figuras simbólicas da região condecorações atribuídas pelo Aposento do Barrete Verde.

Visita a Elvas

Eanes visitará Elvas a 20 ou 21 de Setembro para inaugurar oficialmente a Feira Agrícola, Comercial, Industrial e Pecuária de Elvas (FACIPE) — revelou o presidente da câmara, Ventura Trindade (PSD).

Ventura Trindade acrescentou que a FACIPE, que pela segunda vez irá decorrer em Elvas, visa “contribuir para a promoção das actividades económicas locais e regionais dos sectores agrícola, comercial, industrial e pecuário”.

O presidente da Câmara de Elvas afirmou ainda que, além do Presidente da República, está prevista a visita à FACIPE de alguns membros do Governo. Revelou, por outro lado, estar a comissão organizadora da feira a projectar a realização paralela de um ciclo de conferências subordinado ao tema “A CEE e a agricultura”.

O certame, organizado pela Câmara de Elvas, decorrerá nos terrenos anexos aos Arcos das Amoreiras entre 20 e 25 de Setembro e integrar-se-á na tradicional festa e feira anual de São Mateus.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccções

Av. João XXI, 5-D - 1100 (Metro Areeiro)
Rua Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA

DATSUN

SOMA E SEGUE...



Mais uma vitória, de
SANTINHO MENDES/FILIFE LOPES
em **DATSUN** no
campeonato Nacional de Ralis de 1981

Depois das vitórias nos Ralis Internacionais da
FIGUEIRA DA FOZ
FUTEBOL CLUBE DO PORTO
ROTA DO SOL
RALI DE S. MIGUEL — AÇORES

AGORA, VITÓRIA DO GRUPO II NO
RALI DA MADEIRA

DATSUN CAMPEÃO NACIONAL DE RALIS — 1980
DATSUN CAMPEÃO DO “RALI DO DIA-A-DIA”
DATSUN CAMPEÃO DA QUALIDADE



E-ENTREPOSTO

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

Helena Roseta confirma escolha de Cavaco e Silva

A Comissão Permanente da Área Metropolitana de Lisboa do PSD vai propor no Conselho Nacional o nome de Cavaco e Silva como «sendo o militante social-democrata que melhor se coaduna com o perfil de Primeiro-Ministro de um Governo AD» — revelou esta manhã, no decorrer de uma conferência de imprensa num hotel de Lisboa, a deputada Helena Roseta, que se encontrava ladeada por Pedro Santana Lopes, Conceição Monteiro e Américo Matias.

Esta é uma das seis deliberações que aquela Comissão tomou ontem «depois de ter consultado a Comissão Política Distrital do PSD». Esta tarde, pelas 15 e 30, uma delegação chefiada por Helena Roseta transmitirá essas decisões ao presidente do PSD, Francisco Pinto Balsemão, durante um encontro na sede do partido à Rua de Buenos Aires, marcado para as 15 e 30.

No decorrer da conferência de imprensa ficou claro, mais uma vez, a oposição da Área Metropolitana de Lisboa do PSD à liderança de Pinto Balsemão quer no partido, quer no Governo.

Helena Roseta e Pedro Santana Lopes, que responderam às perguntas dos jornalistas, acusaram Balsemão e os seus apoiantes de sustentarem «quanto à Aliança Democrática e

à atitude face ao Presidente da República posições políticas que vão contra as que foram defendidas pelo PSD quando era liderado por Sá Carneiro».

De resto a figura de Sá Carneiro esteve sempre presente neste encontro dos dirigentes do PSD da Área Metropolitana de Lisboa com os jornalistas, quer através da sua fotografia estrategicamente colocada por trás dos conferencistas, quer através de citações do falecido, quer ainda através das constantes referências ao seu nome. E até uma das condições postas para a escolha de um novo Primeiro-Ministro foi a de que «de preferência» tenha sido ministro do Governo de Sá Carneiro...

Congresso Extraordinário

Helena Roseta defendeu ainda a convocação urgente de um Congresso Extraordinário — o que poderá ser feito a partir de amanhã, pois já estão recolhidas perto de 5.000 assinaturas — e afirmou, que não conhece ninguém dentro do PSD que defenda a institucionalização da AD com prejuízo da identidade própria de cada um dos partidos que integram a coligação.

A necessidade de avançar ra-

pidamente e em força para a revisão constitucional «para acabar com o Conselho da Revolução e clarificar a partilha do poder em Portugal» foi outra das tónicas das intervenções dos representantes da Área Metropolitana de Lisboa, que não perdiam ao presidente do PSD o que consideraram uma «posição passiva» nesse domínio. Helena Roseta chegou até a lamentar que não tivesse sido ainda indicado um representante da AD que negociasse com o PS a revisão constitucional dada a necessidade de uma maioria de dois terços para a conseguir.

A fogosa deputada e dirigente social-democrata esclareceu ainda que não é ao Governo que compete encerrar Ramalho Eanes como inimigo, mas sim à AD — e tal também nunca foi feito por Balsemão e seus apoiantes.

Ataque a Mota Amaral

Roseta e Santana Lopes atacaram também dirigentes próximos de Balsemão — no que pareceu uma referência directa a Mota Amaral — de não cumprirem o que foi prometido pela AD ao seu eleitorado, na medida em que em reuniões do PSD afirmaram, por exemplo, que «AD é um

casamento de conveniência que pode até levar ao noivado do sepulcro».

«Ora» — sublinharam — «A AD, como Francisco Sá Carneiro a definiu, é um projecto para mudança da sociedade portuguesa e deve durar pelo menos até 1984».

A propósito de notícias que dão Mota Pinto como provável Primeiro-Ministro a propor pelos chamados «críticos» ou «duros» do PSD Helena Roseta disse desconhecer fosse o que fosse a esse respeito. Quanto à indicação do seu nome para ministro da Habitação desse Governo chefiado por Mota Pinto e que teria o aval de Freitas do Amaral, Roseta, com ironia, limitou-se a dizer:

«Neste momento o único cargo governamental que aceitará seria o de secretário do estado a que isto chegou.»

As deliberações da AM de Lisboa

As deliberações tomadas pela Comissão Permanente da Área Metropolitana de Lisboa do PSD, depois de consultada a Comissão Política Distrital, são as seguintes:

1 — Continuar a lutar pela total clarificação de posições dentro do PSD no que respeita à atitude a assumir face ao gen. Eanes e

quanto ao projecto de mudança da sociedade anunciado pela Aliança Democrática.

2 — Manifestar a sua total disponibilidade para colaborar com os órgãos nacionais do partido na procura de uma solução alternativa de Governo, pois em termos estatutários é à Comissão Política Nacional, e não a qualquer distrital, que compete propor ao Conselho Nacional a designação do Primeiro-Ministro.

3 — Expressar o desejo da Comissão Política Distrital de que o Primeiro-Ministro a indigitar pelo PSD reúna os seguintes atributos:

a) — comprovadas qualidades de governante, com prestígio nacional e reconhecida capacidade para resolver os problemas do povo português

b) — comprovada dedicação e militância no PSD e decidido empenho no projecto da Aliança Democrática

c) — Disponibilidade para prosseguir a luta pelo projecto do PSD, no seio da AD, o qual é um projecto, como dizia Sá Carneiro, «de liberdade, de livre escolha dos caminhos a seguir, visa unir os Portugueses, criar riqueza e distribuí-la com justiça, lutar contra a inflação e o desemprego, dar prioridade aos mais desfavorecidos, consolidar a democracia, regionalizar o

Pais, modernizar Portugal e avançar para a Europa», projecto este que se defronta com o da «Revolução Institucionalizada» sustentado por Eanes e pelas oposições.

d) — De preferência ter sido ministro do Governo de Sá Carneiro.

4. — A Comissão Permanente da AML reafirma que uma solução alternativa do PSD para o Governo só será viável se contar com o apoio inequívoco das bases e com a clara aceitação por parte da generalidade dos eleitores que votaram na Aliança Democrática.

5. — A Comissão Permanente da AML, após ter consultado os representantes das bases de Lisboa, reunidos na Comissão Política Distrital, constatou que a vontade das secções é de que seja proposto o nome de Cavaco Silva como sendo o militante social-democrata que melhor se coaduna com o perfil de Primeiro-Ministro de um Governo da AD.

6. — A Comissão Permanente espera que a solução alternativa de Governo seja deliberada pelo Conselho Nacional sem esquecer nem adiar as questões políticas de fundo e **declara que recusará envolver-se em quezílias pessoais** que não beneficiam a imagem do PSD e em nada ajudam a resolver a crise.

Cenário «duro» para Governo «forte»

Mota Pinto e Soares Carneiro com apoio militar

O Estado-Maior da Armada desmentiu energicamente a existência de quaisquer contactos entre o almirante Sousa Leitão e personalidades civis da AD, que teriam sondado este oficial sobre a possibilidade de o general Soares Carneiro vir a ser nomeado ministro da Defesa de um Governo presidido por Mota Pinto.

O Estado-Maior da Força Aérea, interrogado pelo «DL» sobre a mesma questão, limitou-se a afirmar que desconhecia quaisquer contactos e não fazia outros comentários.

Dois matutinos de quadrantes políticos bem diferenciados — O «Portugal Hoje» e o «Correio da Manhã» — garantiam nas suas edições de hoje que se preparava um cenário de solução para a crise política que passava pela constituição de um Governo forte, de confronto entre a AD e o Presidente da República, que seria presidido por Mota Pinto e teria o general Soares Carneiro, derrotado por Eanes nas eleições de Dezembro passado, na pasta da Defesa. Esta solução teria sido cuidadosamente preparada pelos «duros» do PSD, liderados por Eurico de Melo e por Freitas do Amaral.

O envolvimento dos militares na questão foi veementemente condenado por uma fonte do Estado-Maior da Armada que afirmou ser ele «tão falso e tão inverosímil, que nem merecia comentários».

Por seu turno, ouvido no Brasil, onde se encontra para participar num seminário de Direito Comparado, o antigo primeiro-ministro Mota Pinto afirmou à France Press e ao jor-

nal «Primeira Hora» que nada sabia do assunto, mas não desmentiu que pudesse vir a ser sucessor de Balsemão, embora se tenha afirmado amigo do chefe do VII Governo.

Entretanto, o «DL» confirmou que o presidente do PSD e Primeiro-Ministro demissionário não participará activamente na reunião do Conselho Nacional do seu partido, que se reúne amanhã à noite. Balsemão fará uma exposição introdutória logo no início da reunião e depois ausentar-se-á, deixando os conselheiros decidir sobre o nome a apontar para Primeiro-Ministro, completamente livres da sua influência.

Por outro lado, uma fonte social-democrata afirmou ao «DL» que a Comissão Política Nacional do partido não terá necessariamente de apresentar um nome para Primeiro-Ministro. Essa proposta pode ser preparada com antecedência, nomeadamente na reunião que amanhã mesmo a Comissão Política terá, mas também pode não surgir. Os «duros» do PSD defendem o

contrário, ou seja, que a Comissão Política deve apresentar um nome alternativo.

Governo duro

E é exactamente com base nesta teoria que o seu cenário, na versão publicada no «Portugal Hoje» se fundamenta citando fonte afectada a Balsemão. Assim, e perante a esperada incapacidade da maioria do partido, apoiante de Balsemão, de apresentar o nome de um sucessor, a minoria adiantaria a figura de Mota Pinto, que recentemente aderiu ao PSD, como a única solução possível.

O Governo Mota Pinto, que já estaria delineado, incluía os

nomes de Cavaco e Silva e de Freitas do Amaral como vice-primeiro-ministros, Eurico de Melo voltaria a encarregar-se da Administração Interna e Vaz Portugal da Agricultura. Barbosa de Melo, ex-PSD ficaria na Justiça, Helena Roseta na Habitação e António Maria Pereira (que hoje publicou no «Tempo» um artigo em que contesta Balsemão) seria ministro dos Negócios Estrangeiros. Álvaro Barreto voltaria à Indústria e Valente de Oliveira à Educação (onde já esteve no Governo Mota Pinto). Para Soares Carneiro estava, como já dissemos, reservada a pasta da Defesa.

Esta solução, ainda de acordo

com o mesmo matutino, estaria em cuidadosa preparação há pelo menos três semanas. Foi nessa altura que Mota Pinto foi contactado por Balsemão, no âmbito da projectada e falhada remodelação governamental, para assumir a pasta da Defesa. Depois de reflectir e dizer «sim», Mota Pinto, após uma reunião com Freitas do Amaral, daria o dito por não dito e recusava-se a participar no VII Governo. Isto por influência do presidente do CDS, que já então teria preparado com Eurico de Melo e Cavaco e Silva a alternativa Mota Pinto, assente no pressuposto da necessidade de criar um Governo «duro» que permitisse recriar a mística da AD de 1979 e 1980. Para isso regressavam à ribalta alguns dos principais estelões dessa política, que passou pelo violento confronto com o Presidente da República, e da qual foram figuras de proa Cavaco e Silva, Freitas do Amaral, Soares Carneiro e o seu mandatário nas eleições, Mota Pinto.

Esta estratégia serviria ainda para liquidar a linha que teria sido traçada por Pinto Balsemão, na expectativa de ser Cavaco e Silva o indicado Primeiro-Ministro. Balsemão estava preparado para desgastar a figura do seu sucessor e voltar a ocupar o lugar em Outubro ou Novembro, depois de um Congresso Extraordinário do PSD. E ao mesmo tempo, teria liquidado

a figura de Freitas do Amaral, que seria vice-primeiro-ministro de Cavaco e Silva.

No esquema dos «duros», Freitas do Amaral, que actualmente está em gozo de férias na região de Guimarães, deixaria de ser membro do Governo no fim do ano para se tornar presidente da Assembleia da República, preparando assim a sua eleição como Presidente da República em 1985, com o apoio de uma AD institucionalizada.

O «Correio da Manhã», por sua vez, apresenta esta versão, envolvendo figuras militares não identificadas, numa coluna que regularmente publica intitulada «As cartas do Primo Basílio», atribuídas por alguns observadores a uma figura importante do CDS que não seria necessariamente o ministro de Estado, Basílio Horta, mas que, como este, não estaria de acordo com as mais recentes posições do presidente do Partido, Freitas do Amaral.

Denunciando aquilo a que chama «A golpada Mota Pinto», o «Correio da Manhã» retoma os mesmos pontos das informações do «Portugal Hoje» e, nomeadamente, chama a atenção para o facto de os nomes lançados durante esta semana, como Cavaco Silva, serem «cortinas de fumo» destinadas a manter o segredo e apanhar a Comissão Política Nacional do PSD «desprevenida».

Mensagem interna do CEMA:

Querem dividir as Forças Armadas

Algumas unidades da Armada receberam ao fim da manhã de hoje uma mensagem interna do chefe do Estado-Maior da Armada em que o almirante Sousa Leitão desmente ter tido quaisquer contactos com personalidades civis sobre a nomeação do novo ministro da Defesa, apurou o «DL».

A mensagem que muito provavelmente deverá ter sido distribuída por todas as unidades, navios e outros estabelecimentos da Armada — diz que a notícia do «Portugal Hoje», «falsa e inverosível caracteriza um tipo de jornalismo ignóbil e sem escrúpulos que se situa em deliberada campanha para dividir as Forças Armadas mais uma vez e isolar as suas hierarquias».

Depois de recordar afirmações feitas no discurso proferido nas cerimónias comemorativas do Dia da Marinha, contra acções que visam o descrédito das Forças Armadas, Sousa Leitão afirma que a «Marinha continuará a cumprir as suas missões encarando atenta e serenamente os desafios que lhe são postos, com determinação suficiente para os superar e vencer».

Enquanto CPN do PSD prossegue análise de alternativas

Açores, Coimbra e Beja insistem no nome de Balsemão

A Comissão Política do PSD, prosseguiu, esta tarde, a análise da actual crise governamental e o estudo de propostas a fazer ao Conselho Nacional de amanhã, designadamente a apresentação de nomes para o lugar de Primeiro-Ministro. Na reunião de ontem, que durou cerca de duas horas e meia, aquele órgão nacional do PSD não chegou a conclusões sobre a indigitação de um novo chefe do Governo.

Entretanto, numa nota divulgada no final da reunião de ontem, a Comissão Política daquele Partido afirma ter analisado «com profunda preocupa-

ção» as declarações de Mário Soares na Jugoslávia, nas quais o líder do PS afirma a disposição dos socialistas no sentido de encontrarem prontos a vir para a rua.

A CPN do PSD «lamenta e rejeita tal tipo de declarações que são descabidas e inoportunas no contexto da normalidade do regime democrático que se tem vivido no país» e sublinha a «significativa contradição dessas declarações com outras em que o dr. Mário Soares tem repetidamente afirmado o seu respeito pelos resultados eleitorais e pela maioria parlamentar e Go-

verno da AD deles decorrentes».

Por outro lado, uma fonte daquela CPN, citada pela ANOP, reafirmou não aceitar o PSD que um candidato seu a Primeiro-Ministro «seja recusado por qualquer dos outros parceiros da AD». A verificar-se tal situação — frisou a mesma fonte — poderia levar «ao fim da AD».

Está prevista a chegada esta noite a Lisboa do líder açoriano do PSD, Mota Amaral, que amanhã estará presente no Conselho Nacional do Partido. A delegação regional integra ainda Natalino Viveiros, Carlos Teixeira e

um representante da JSD dos Açores.

Paralelamente ao anúncio da vinda de Mota Amaral a Lisboa, a Comissão Política Regional do PSD dos Açores tornou público um comunicado onde se frisa que o novo Governo a formar deverá ter a «inequívoca liderança» do PSD.

Acrescenta o mesmo órgão, que os que, dentro do partido se têm oposto a Balsemão «devem ser disciplinados através dos órgãos próprios do Partido, acautando e respeitando democraticamente a vontade da maioria».

O comunicado acentua, por

outro lado, que as dificuldades com que se debate o País «não autorizam» os social-democratas a «adiarem sucessivamente a resolução dos grandes problemas nacionais», visto que a maioria parlamentar conseguida nas eleições de 5 de Outubro tem de ser utilizada para garantir uma governação eficaz e para permitir «uma rápida transformação da sociedade portuguesa que se pretende ver libertada da tutela militar e integrada no contexto europeu onde desejamos inserir-nos».

O documento sublinha, a concluir, que a crise nacional não

afecta o normal funcionamento dos órgãos do Governo próprio da Região Autónoma dos Açores e, nesta, do PSD.

Entretanto, ao nível das comissões distritais, os apoios a Balsemão continuam a surgir, casos de Coimbra e de Beja. A comissão coimbrã exorta Balsemão a aceitar a recondução no cargo de Primeiro-Ministro e, simultaneamente, repudia «os activistas do grupo minoritário que sistematicamente desrespeitam as decisões tomadas no último congresso e Conselho Nacional do partido».

a paladraq com...

Beja
Santos

Combate aos desperdícios

1. A crise económico-financeira com que o País se debate caracteriza-se, na actualidade, por um agravamento do défice da Balança de Pagamentos, a extrema dificuldade em atenuar no imediato as importações de bens e serviços essenciais em adequada compatibilização com os meios de pagamento; estagnação do valor das remessas dos emigrantes, crescentes dificuldades na exportação, deterioração das razões de troca, e uma impressionante dívida pública que absorve 34% das receitas do Estado.

O novo acordo com o FMI, cujos motivos de fundo estão longe de ser conhecidos da opinião pública, trará grandes limitações financeiras, com drásticas reduções no crédito, falência de pequenas e médias empresas, redução do poder de compra.

Os Governos mantêm uma olímpica incapacidade para corrigir as deficiências estruturais mais gritantes da nossa economia, para atenuar as graves assimetrias regionais; não há plano, diminui assustadoramente o investimento na agricultura, a construção de habitação social para as categorias não solventes foi posta de parte, não há programas de emprego, perdeu-se o sentido da participação colectiva.

2. Um País endividado que, paradoxalmente, esbanja e dissipa como nem os opulentos na década de 60. Ora, reduzir o défice orçamental, sem planos de desenvolvimento, sem um quadro amplo de referências económico-sociais que conduzam no médio prazo à satisfação das necessidades básicas da população, é a quadratura do círculo; precisamos, também, de conjugar esforços para, em prioritária linha de mobilização colectiva, combater os desperdícios e produzir riqueza.

Quem se quer apossar desta excelente tarefa? Vão passando alguns meses desde que se realizou em Lisboa um aprofundado seminário onde se diagnosticaram e propuseram medidas de combate ao desperdício com âmbito nacional. Como quase tudo o que acontece no nosso país, nem o Governo nem a Administração Pública se sentiram alertados para a importância do tema e aproveitamento dos valiosos contributos expendidos.

Pretende-se, neste despretençioso apontamento dar conta de algumas situações anómalas, apelando aos leitores interessados em debate em torno do combate à praga dos desperdícios.

3. Exemplificação concreta: papel, gorduras, hortofrutícolas, matéria animal, cereais.

— O papel desperdiçado em lixos urbanos ronda os 150 mil toneladas. Por outro lado, recuperam-se aparas de tipografia, recolhas de cartão canelado e jornais num total aproximado de 175 mil toneladas. Sabe-se que para produzir uma tonelada de papel são necessários cinco esteres de madeira — se se verificar a recuperação do papel, poupam-se 800 mil esteres de madeira. Por esta via, evitava-se o abate de milhões de árvores e é fácil entender o alcance económico desta recuperação.

— Desperdício não é só aquilo que esbanjamos mas também aquilo que não sabemos aproveitar. No sector de gorduras de natureza vegetal, e à excepção do azeite, importa-se a quase totalidade das matérias-primas com que se fabricam as gorduras. No entanto, não se aproveitam em Portugal os germes de cereais como o trigo e o arroz que poderiam representar cerca de 5% do nosso consumo de gordura vegetal.

Sabe-se que se poderiam obter concentrados para animais fabricados a partir de resíduos industriais de tomate e frutos, por concentração das matérias orgânicas fermentáveis e de licores das fábricas de papel. Aproveitando criteriosamente as plantas aromáticas poderíamos fazer a exploração dos óleos essenciais.

— No domínio dos hortofrutícolas, são desperdiçados pela deficiente conservação, escassez de rede de frio, falta de recolha e armazenamento, produtos de valor superior a dois milhões de contos. É óbvio que o combate ao desperdício pressupõe uma rede integrada de mercados abastecedores, investimentos de empresas públicas ou mistas na distribuição (centros de embalagem, centrais fruteiras, armazenagem de batata, centros de abate, etc.) que não só mitigariam os aspectos mais brutais da anarquia comercial como permitiriam preços justos ao produtor e consumidor com garantia de abastecimento.

— Desperdiça-se nas moagens pelo facto de não se utilizarem linhas continuas; não há uma política de transporte de mercadorias; por cada camiã carregado circulam seis ou sete camiões vazios; aumentam os buracos nas estradas, e o absurdo protelamento da sua reparação leva a avultados gastos não só na reparação das vias como ao esbanjamento de verbas astronómicas com a reparação de material circulante; os desperdícios em conservas de peixe chegam a representar 50% dos custos. A ausência de uma política de normalização leva a esbanjamentos impressionantes na construção civil, em pneus, baterias, cabos, embalagens, frascaria... Aumenta o número das casas degradadas, estão subaproveitados os lixos das

montureiras das cidades — enfim, o País onde se passa fome, onde as classes trabalhadoras são consecutivamente penalizadas pela incapacidade de acção governativa, amesquinha o engenho da reciclagem, do aproveitamento integral dos recursos. Aonde está a nossa solidariedade?

Os exemplos acima enunciados, através de uma harmonização de políticas entre o poder central e o poder local, dinamizando o sector público, estimulando com bonificações de várias ordens a política de qualidade, normalização, conduziria ao aproveitamento de fecundos recursos, à poupança de divisas, ao crescimento do número de postos de trabalho, à integração de complexos agro-industriais, por exemplo.

O combate ao desperdício aguarda uma resposta firme. Nós só podemos bradar e alertar. Convidamos os leitores a descer à liça.

Se acaso chegou a hora de mudar o conceito de progresso, o que implica a extinção das práticas de pilhagem e depredação da natureza, uma alteração às metas do desenvolvimento e uma reinvenção da política pela via de um exercício do quotidiano, a autodeterminação das regiões, a autodeterminação das relações sociais, há que militar com novo espírito, repensar sem esmorecer.

O militantismo do futuro passa também por uma nova prática consequente de propostas para o combate integral à dissipação capitalista e tecnocrática.

O futuro urge, reinventemo-lo pelo aprofundamento de propostas para novas estruturas de participação e grupos de base.

O prazer da reflexão está do nosso lado. Que se saiba que estamos actuantes.

Beja Santos

Alterações ao Código entram em vigor

Estado pode participar nas cooperativas

A participação do Estado nas cooperativas passa a ser possível com a entrada em vigor do Decreto-Lei 238/81, de 10 de Agosto, que introduz algumas alterações em profundidade ao Código Cooperativo. Esta participação far-se-á pela criação de uma nova figura jurídica, a cooperativa mista (ou regime cooperativo) que tem como característica a participação do Estado ou de outras pessoas colectivas de direito público.

Segundo o subsecretário de Estado do Fomento Cooperativo, Bento Gonçalves, esta poderá ser «a solução mais correcta para a desintervenção do Estado em empresas agro-industriais» (casos da União do Cacho e dos matadouros) não permitindo, ainda, a sua passagem para o sector privado e constituindo, além disso, um travão à entrada das transnacionais no sector.

Par o subsecretário de Estado, a solução, ainda por esboçar, é importante em termos de equilíbrio social, acautela os interesses dos consumidores e responsabiliza os produtores.

Neste caso, o Estado alienaria até um mínimo de 30 por cento das suas acções nas empresas mas daria os órgãos de fiscalização das mesmas até que, num prazo mais ou menos lato, pura e simplesmente se retirasse.

As cooperativas são ainda autorizadas, face a este novo decreto-lei, a associarem-se com outras pessoas colectivas de natureza cooperativa ou não; mas as pessoas jurídicas resultantes da Associação apenas serão cooperativas se aquelas

detiverem a maioria no capital social e nos órgãos de administração.

Em função das alterações ao Código Cooperativo e a outra legislação em preparação pelo Governo, as 3500 cooperativas existentes terão obrigatoriamente de alterar os seus estatutos até 31 de Dezembro, caso contrário serão forçadas à dissolução.

Bento Gonçalves revelou, ainda, estar já em Conselho de Ministros um «pacote cooperativo», ou seja, um conjunto de diplomas para nove dos 11 sectores passíveis de abertura às cooperativas, que regulará de forma concreta e precisa esses mesmos sectores.

Atendendo a possíveis demoras, tanto na aprovação dos diplomas como na escritura notarial dos novos estatutos até ao prazo indicado, a subsecretaria de Estado está a elaborar projectos de estatutos que permitirão às cooperativas um ganho substancial de tempo.

Os sectores que ainda ficaram de fora, o agrícola e o de crédito, serão alvo de negociações com os departamentos respectivos estando o do crédito a ser já debatido com a Secretaria de Estado do Tesouro.

O sector cooperativo, situado entre o público e o privado, tem uma importância já bastante grande se se atender a alguns números, entre os quais o valor bruto da produção e serviços prestado que ascendeu em 1979 a 150 milhões de contos, o número de postos de trabalho que atingia cem mil e o número de cooperantes que se elevava em 1979 a 2,5 milhões.

Armadores algarvios pretendem acordo com a Espanha

A Associação dos Armadores do Guadiana acusou o secretário de Estado das Pescas, Gonçalves Viana, de impedir a realização de um acordo com armadores espanhóis que consideraram «altamente vantajoso para a economia nacional».

«O senhor secretário de Estado das Pescas quer arruinar os pescadores e armadores de Vila Real de Santo António e Tavira» — afirma aquela associação, em comunicado enviado à Imprensa e segundo o qual o acordo (com duração até 30 de Setembro), a assinar com os armadores de Huelva, permitiria à parte portuguesa a manutenção de 800 postos de trabalho e a captura de pescado num valor de pelo menos 90 milhões de escudos.

Gonçalves Viana afirmara ontem à ANOP ter recusado o acordo porque representava um aumento do número de licenças a embarcações espanholas para arrasto de crustáceos no litoral

algarvio.

Actualmente, apenas duas traineiras portuguesas daquela zona têm licenças para pescar em águas espanholas e, ao abrigo do referido acordo, esse número seria elevado para 15, para além de mais 40 licenças para tresmalhos e 20 para alcatruzes, num total de 75.

Em contrapartida os espanhóis, que agora têm 50 licenças em regime de rotatividade (25 permanentes), pretendem a concessão de 36 licenças permanentes.

Com esta concessão, os pesqueiros portugueses seriam menos sacrificados — assegura a Associação, ao contrário do que afirmara Gonçalves Viana.

A Associação dos Armadores convidou o secretário de Estado e o director-geral das Pescas, Miranda Mendes, a visitarem Vila Real de Santo António para «apreciarem de perto o que acontece com as embarcações».

Réplica da "Pedra de Dighton" pode vir para Lisboa

Uma réplica da Pedra de Dighton será possivelmente enviada para Lisboa e colocada no jardim situado entre os Jerónimos e o Palácio de Belém — anuncia o «Phoenix Times», de Boston.

A Pedra de Dighton é um monumento do estado do Massachusetts, onde se encontram gravadas as armas de Portugal e inscrições em português.

Após longa controvérsia, os historiadores são da opinião de que se trata de inscrições mandadas fazer pelo navegador português Miguel Corte Real, o que faz remontar a descoberta da América do Norte para algumas dezenas de anos antes da histórica chegada de Cristóvão Colombo.

Na Sociedade de Geografia de Lisboa existiu durante anos uma réplica em gesso do monu-

mento, que acabou por ser destruída acidentalmente.

A exposição de uma réplica em lugar público de Lisboa é uma antiga aspiração daquela agremiação e há meio século foi o tema de debate entre o almirante Gago Coutinho e a presidência do município, que acabou por não aceitar a iniciativa.

Presentemente a iniciativa coube à comissão «Corte Real» da Sociedade de Geografia, a que preside o almirante Tengerinha Pires.

A zona proposta vai ser urbanizada para a realização da exposição sobre os descobrimentos, a realizar pelo Conselho da Europa, em 1983 — diz o jornal.

Trata-se dos terrenos onde chegou a iniciar-se a construção da gorada Feira de Belém.

comunicação social

Por iniciativa do FAOJ

Estágio juvenil de jornalismo na cidade do Porto

Um estágio de jornalismo para jovens, promovido pelo FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis) irá processar-se no Porto de 17 a 21 do corrente.

Além dos temas a desenvolver — comunicação, informação em Portugal, linguagem jornalística, trabalhos gráficos e outros —, este estágio proporcionará a feitura de um jornal inserindo textos dos jovens participantes.

O FAOJ sublinha que, com esta iniciativa, os promotores pretendem «atingir a sensibilização dos jovens em direcção à comunicação proporcionando assim uma continuidade para uns e uma alternativa para outros».

O estágio será completado por um «atelier» de Comunicação, de 26 a 30 de Agosto, no qual serão aplicadas todas as condições práticas para a realização de um jornal.

A iniciativa da delegação portuense do FAOJ integra-se nas

actividades de férias e ocupação dos tempos livres dos jovens e no seu plano de estágios socio-culturais de Verão.

China:
artigos curtos

Os jornalistas chineses foram convidados a escrever artigos curtos e concretos para o «Ramin Ribao» («Diário do Povo»).

O jornal, que, paradoxalmente, publica frequentemente intermináveis comentários ou editoriais, admitiu, citando um leitor, que «quanto mais longos são os artigos menos as pessoas os lêem».

O leitor em questão acrescentou que em Junho passado o «Ramin Ribao» publicou quatro comentários especiais cuja extensão ultrapassou os 8000 caracteres.

Desde 1946, um dos princi-

pais teóricos do Partido, Hu Qiaom, escrevia que o comprimento de cada informação não

devia ultrapassar os 500 caracteres, podendo ir as crónicas até 1000 e os ensaios até 2000.

Flashes

● Sete jornalistas britânicos continuam em Ponta Delgada, numa visita oficial iniciada em 12 do corrente a convite do Executivo local. Aqueles profissionais pertencem aos quadros redactoriais de «Daily Express», «Sunday Times», «Scotsman», «Radio Victory», «Daily Mail», «Tattler» e «Leeds Evening». São especialistas em turismo.

● O Governo chileno acaba de publicar uma lei que proíbe aos órgãos de Comunicação Social conceder destaque a acções consideradas pelas autoridades como «terroristas». A lei surgiu um dia depois de um polícia ter sido abatido a tiro em Santiago. Os atiradores deslocavam-se em dois automóveis. Segundo o Governo, está a tentar-se criar no país «um clima de insegurança».

● O Conselho de Informação para a RDP, na sua última reunião, debruçou-se sobre as relações da Comissão Administrativa no âmbito da problemática daquela empresa pública de Comunicação Social. A mesma CA será ouvida na próxima reunião, a efectuar no próximo dia 28 do corrente.

de ontem para hoje

Leite francês para Portugal: espanhóis ameaçam

Os agricultores espanhóis da região de Valladolid não respondem pelo que poderá acontecer aos camiões franceses que seguem por estradas espanholas, transportando leite para Portugal, segundo declarou o seu porta-voz durante uma conferência de imprensa ontem realizada naquela cidade. A mesma fonte referiu que já tinham sido feitas recomendações a todos os comerciantes locais que retirem das suas montras os produtos importados de França, «a fim de evitarem dificuldades mais sérias».

Timorenses no Vale do Jamor: as «manobras» da Comissão demissionária



permitirá, acrescentando mais trezentos metros ao molhe português (obra ainda não prevista), que a dragagem do Guadiana se faça naturalmente. Deste modo, segundo os técnicos, ficarão criadas condições para que os portos fluviais de Ayamonte e de Vila Real de Santo António possam receber embarcações com clado entre vinte e 22 pés.

Comemorações em Trancoso: emigrantes no Santuário de Fátima

Decorre hoje em Fátima a tradicional peregrinação de emigrantes àquele santuário. Entretanto, o «Dia do Emigrante» será assinalado no próximo domingo em Trancoso com um colóquio sobre a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

«Ano Negro» nas praias portuguesas: 83 banhistas afogados desde Julho

O director do Instituto de Socorros a Náufragos (ISN) almirante António Calhorda, considerou ontem que, segundo os elementos já disponíveis, o número de mortos na actual época balnear poderá vir a ser superior ao de 1980. O almirante Calhorda disse que já morreram este ano oitenta e três banhistas: cinco em praias vigiadas, 38 em praias não vigiadas do litoral e 40 em praias do interior. Na época balnear oficial, que se iniciou a 1 de Junho e se prolongou até 30 de Setembro, morreram em 1980, 90 banhistas.

Maria Lynn: «Miss» Cabrillo recebida em Belém

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, recebeu ontem Maria Lynn de Mello, «Miss» Cabrillo 81». A jovem, descendente de portugueses, irá passar uns dias em Castro D'Aire, terra natal do navegador português que descobriu a costa oeste americana ao serviço dos reis de Espanha.

Navegador solitário: Carlos Laje já está em Cabo Verde

O navegador solitário português Carlos Laje, que em Maio do ano passado partiu do Maputo rumo a Lisboa no iate «Aventura», de 6,7 metros, encontra-se desde ontem na Cidade da Praia, capital de Cabo Verde, após uma viagem de seis dias desde Bissau. Carlos Laje visitou já 24 portos na África do Sul, Namíbia, Angola, São Tomé e Príncipe, Costa do Marfim, Libéria, Guiné-Bissau e agora Cabo Verde. A maior permanência do navegador solitário português em Cabo Verde será na cidade do Mindelo, na ilha de S. Vicente, para onde partirá dentro de dois dias. O iate «Aventura», construído em 1974 e lançado à água em 1976, tem o casco de madeira e fibra, um mastro e duas velas latinas e um pequeno motor auxiliar de três cavalos.

O aniversário da «Banda»: já há festa em Matosinhos

A Sociedade Musical 1.º de Agosto — a «Banda», agremiação artística e recreativa de Matosinhos, está a comemorar desde ontem o seu 65.º aniversário. Do programa elaborado para as celebrações consta, ainda, no dia 21, às 21.30 horas, um espectáculo de variedades. No dia 28 à mesma hora, terá lugar um baile de aniversário e no dia seguinte, também às 21.30, realiza-se um concerto pela «Banda». Finalmente, no dia 30, às 10 horas, haverá uma sessão solene, com a presença das autoridades locais e convidados.

Revelado em Ayamonte: dragagem do Guadiana vai começar em Espanha

O presidente da Câmara de Ayamonte (Espanha), Juan António, revelou ontem que o molhe «de levanta» da barra do Guadiana, em Espanha, será elevado em um metro e cinquenta centímetros. A obra está incluída no plano trienal de obras públicas daquele Município, custará cerca de 130 milhões de pesetas e deverá iniciar-se no próximo ano. O levantamento do molhe

O balanço da PSP em Julho

Apreendidas onze granadas e «desactivadas» três bombas

A PSP apreendeu 25 armas, onze granadas e 104 munições e registou a desactivação de um engenho explosivo e a deflagração de dois, durante o último mês de Julho, segundo revelou ontem, em conferência de imprensa, o comandante-geral interino da PSP, coronel Armando Freire. Para o coronel Armando Freire, que substituiu o brigadeiro Almeida Bruno, de férias, a maior preocupação da PSP é «a qualidade» mas os efectivos de 17800 homens «são considerados insuficientes» para as tarefas a executar.

Outros dados fornecidos pelo coronel Armando Freire, relati-

vos ao mesmo período: a PSP recebeu 14.834 participações referentes a acidentes de trânsito e de trabalho, condução aos hospitais ou morgues, furtos, incêndios, perda ou entrega de objectos, açambarcamentos, danos e outros motivos. No campo da criminalidade foram notados nas áreas urbanas os desaparecimentos de 432 veículos e recuperados 439. A PSP prendeu 1.172 pessoas por furto, roubo, arrombamento, uso e venda de droga, desobediência, agressão ao captor, burla, abuso de confiança, vadiagem e prostituição. Foram registados 2.972 acidentes de viação de que resulta-

ram 39 mortos, 1.341 feridos ligeiros e 427 feridos graves. A PSP efectuou ainda 170 rusgas, sendo controladas 6.399 pessoas, das quais 31 foram detidas.

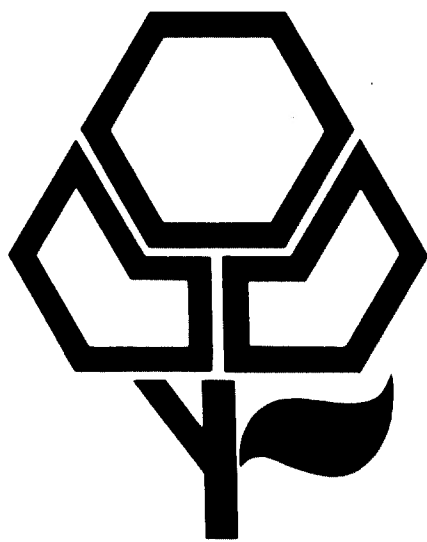
Delinquência juvenil nos Açores

A PSP dos Açores instruiu, por sua vez, também em Julho, cinco processos respeitantes a posse ilegal de armas e explosivos e

um pelo exercício da prostituição. No mesmo mês, o comando regional da corporação concluiu 249 inquéritos preliminares sobre criminalidade e 86 respeitantes a acidentes de trânsito.

A PSP recebeu, ainda, 101 queixas por furto, roubo e arrombamento, sete por burla e três de atentado ao pudor. No que respeita a delinquência juvenil, a PSP deteve quatro menores acusados de furto, roubo ou arrombamento e enviou quatro a tribunal.

Em Julho registaram-se nas estradas dos Açores 90 acidentes de viação, de que resultaram cinco mortos, 27 feridos graves e 46 ligeiros.



O crédito fértil!

agricultura
pecuária
pescas

Agora também
a Curto Prazo
juro Bonificado

Em qualquer
balcão da Caixa
Geral de Depósitos



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Informações e folhetos explicativos
em qualquer das nossas dependências.

A propósito da greve

A vida atribulada da distribuição domiciliária de correspondência

Toda a pessoa que quiser as suas cartas em casa, pagando cinco réis por cada uma, mandará declarar o seu nome e endereço ao director do Correio Geral - lê-se num regulamento da posta de 1800.

Vários acontecimentos políticos que se desenrolavam então no País impediram que o regulamento fosse posto em plena execução e só em 1821 é decretada a criação da distribuição domiciliária da correspondência através do «plano para o estabelecimento da posta diária em Lisboa».

No plano está prevista a colocação de caixas para recolher a correspondência.

«As caixas ficarão nas lojas que gozarem de mais crédito, preferindo-se entre estas as mercearias porque estão abertas ao domingo. O serviço postal espera que a distinção, de serem depositárias do correio, convença os comerciantes a fazer esse serviço gratuitamente, mas a posta garante ao mesmo tempo uma remuneração logo que o dito serviço se torne rentável», lê-se no plano.

No mesmo plano lamentava-se «o descaminho que as cartas levavam» quando conduzidas por mão particular e estabelecia-se que o almanaque existente, com cerca de 2500 nomes, fosse reimpresso e corrigido.

Até esta data, 1821, as pessoas eram obrigadas a procurar a sua correspondência no Correio Geral, ao que parece instalado no Palácio do Monteiro-Mor, à Calçada do Combro, em Lisboa.

Números nas portas e nomes nas ruas

Para se poder processar a distribuição domiciliária, a cidade foi entretanto, dividida em 18 distritos. O estabelecimento de moradas completas era fundamental para distribuição domiciliária e foi dado nome às ruas e número às portas.

Este facto verificou-se no princípio do século XIX e os proprietários foram obrigados a numerar as portas e a manter o número bem legível.

A Administração Geral dos Correios e Postas do Reino ficava, por sua vez, encarregada de assinalar com letreiros as

ruas, para facilitar o trabalho dos carteiros.

Em 1833, com data de 23 de Outubro, um diploma pede a instituição de casas com diversas acomodações - um vestibulo para os correios volantes e uma sala para a distribuição, onde estariam o director e um servente.

Uma das casas ficou situada no Rossio e outras na rua dos Fanqueiros, Rua da Madalena e Terreiro do Paço, na Esperança e nas Janelas Verdes e serviam a zona ocidental da cidade.

O Correio da Rua dos Fanqueiros era o Convento das Marianas.

Os portes eram pagos em dinheiro e a quantia era, por vezes, escrita no sobrescrito, no canto superior esquerdo, pois é apenas em 1853 que aparece o primeiro selo postal adesivo português, com a efígie da rainha D. Maria II.

Primeiro selo republicano

Em 1912, edita-se o primeiro selo republicano com um desenho do pintor Constantino Fernandes, cujo tema é «Ceres», deusa das Searas.

Em 1934, surge o novo selo-base, desenhado por Almada Negreiros e gravado por Arnaldo Frago, com a legenda salazariana, «Tudo pela Nação».

Em 1936, é emitido um selo dedicado ao correio aéreo, com desenho de Almada Negreiros, que obteve um prémio numa competição internacional.

O Correio público foi iniciado em Portugal pelo rei D. Manuel em 1520.

Luís Homem foi nomeado para o cargo de correio-mor e foi instituído o cargo de mestres da Posta.

Em 1606, Filipe II de Espanha vende o cargo de correio-mor a Luís Gomes da Mata e seus descendentes. Em 1644, publica-se o primeiro regimento do correio-mor. Em 1657, é criado o correio-mor das Cartas do Mar, para os então domínios de África e Ásia.

Finalmente, em 1797, o Estado Português reivindica a propriedade do Correio que Filipe II vendera à família Gomes da Mata.

Inácia Florillo
Serviço ANOP/«DL»

A última palavra pertence à Unesco

Grangeio Crespo prepara filmes sobre deficientes



Manuel Grangeio Crespo: de pré-candidato à Presidência da República a realizador cinematográfico

próximo dia 9 de Dezembro, através de uma decisão do Conselho de Ministros, recentemente publicada na folha oficial.

Pois o Manuel Grangeio Crespo falou para m «DL» e disse das suas dificuldades, que, por substância, são as dificuldades da própria Associação Portuguesa dos Deficientes, em levar por diante o seu duplo projecto. Um projecto que está orçamentado em cerca de sete mil e quinhentos contos, assim divididos: ficção, 5000 contos, e documentário, 2500 contos.

Já existem actores para «debatarem» os papéis, já existem dadas pessoais e dadas a nível de empresas, já existem respostas positivas do Ministério dos Assuntos Sociais e da Secretaria do Estado da Cultura (SEC), mas falta (e aí é que a APD torce a «manivela») a intenção aberta do Ministério dos Negócios Estrangeiros em dar «luz verde» à Unesco, entidade que, pela sua dimensão e perspectivas, poderia financiar e promover os filmes

a nível nacional e internacional, tanto no espaço televisivo como cinematográfico.

Militares: capitães Lavouras

Pois a proposta de Manuel Grangeio Crespo aí está, cristalina e urgente, num país, que, para além de ter um milhão de deficientes ditos de trabalho, tem, como «amostra» ainda a sangrar, trinta e seis mil mutilados da guerra colonial, «fruto amargo» de catorze anos de conflito nas frentes de Angola, Guiné e Moçambique. E, neste particular, o apoio da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), agora liderada pelo capitão Lavouras, embora já requerida, continua a ser estranhamente, uma incógnita. Que se passa para os lados do Palácio da Independência? Será que o capitão Lavouras, ainda vive sob o espectro dos «claros-

-chumbos» flamengos? Razão maior da sua incapacidade motora, adquirida não nos campos metralhados das sanzalas e «machambas» africanas. Mas sim nos campos de obstáculos, «comandados» das carreiras de tiro de Lamego?

Grangeio Crespo não vai desistir - assegurou-nos. Os filmes que projectou em conjunto com uma equipa, já motivada para a tarefa, poderão vir a ser uma «pedrada no charco» (que nos ilibe o Urbano por este plágio intencional) neste deserto pedagógico e de alerta, em termos do universo deficiente, que é como na maioria dos campos, o espaço português.

Pela nossa parte aqui deixamos o contributo de quem assume a intenção do projecto, embora reservando, claro, com o sentido crítico que é timbre no «DL», a palavra final para depois da exibição das obras filmicas em gestação.

Manuel Geraldo

Para evitar destruição sistemática

Árvore-monumento deve ter livro de registo

Quotidianamente devido a múltiplas formas de incúria dos homens, árvores com história de significado paisagístico e de implantação tradicional, são destruídas.

A especulação imobiliária, o uso indevido de áreas verdes públicas, a implantação das infra-estruturas urbanas e os incêndios, são os principais responsáveis por esta devastação por vezes tão criminoso como a destruição de um monumento ou obra de arte.

A morte recente de um célebre pinheiro que emoldurou todas as fotografias e telas da Baía de Nápoles figurou nas primeiras páginas de todos os jornais transalpinos e foi lamentada um pouco por todo o mundo.

Em Portugal não faltam árvores: com história, monumentos vegetais de grande porte a fazerem parte da paisagem urbana ou rural, mas pouco se fez para a sua preservação e os atentados contra a sua existência são frequentes.

Em alguns países tem-se



Quantas árvores como esta sucumbiram ao crescimento urbano desenfreado?

adoptado um método simples, que implica a responsabilização pela conservação dessas árvores-monumento de certas entidades oficiais.

Trata-se da criação de um livro de registo de árvores-monumento, em duas ou três vias, a cargo, por exemplo, dos Serviços Florestais, de um minis-

tério como o da Qualidade de Vida, dos municípios, etc.

Árvore-monumento e seus requisitos

A primeira entidade curaria da saúde física da árvore, a segunda promoveria a divulgação da sua existência e do seu valor (por hipótese com um letreiro na

própria árvore), a terceira vigiaria pela sua preservação. Todas elas seriam solidariamente responsáveis pelo que pudesse vir a acontecer.

Uma árvore-monumento deveria corresponder a alguns (ou todos) dos seguintes requisitos: possuir grande porte tanto em altura como (ou, em largura, em

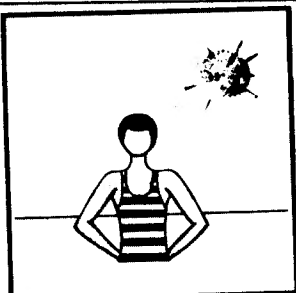
função da espécie; ter grande beleza, encontrar-se em bom estado fitossanitário, apresentar expectativa de grande longevidade, ser de espécie rara, nativa ou exótica, dentro de cada região, ter importância histórica, ser marco de algum acontecimento participante na memória pública ou ter sido plantada por figura histórica.

Árvores nestas condições deveriam ter direito, oficialmente reconhecido, a um espaço aéreo e subterrâneo para continuidade do desenvolvimento e livre de interferência representada por novas construções ou obras de infra-estruturas urbanas e prédios excessivamente altos que lhes roubem o necessário sol.

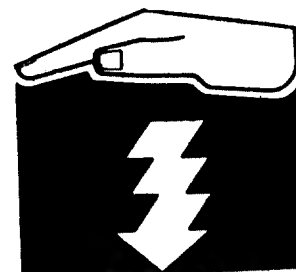
Direito, igualmente, a permanente assistência fitossanitária e tratamentos culturais. Direito, por último, a permanecer no local onde se desenvolveu.

O proposto livro de registo estaria a cargo das entidades oficiais responsáveis, nas páginas em aberto caberiam à iniciativa popular.

Roby Amorim
(Serviço ANOP/«DL»)



SE
não sabe nadar
entre na água
apenas até à cintura



POUPE
ELECTRICIDADE

Federação Internacional de Resistentes Bomba de neutrões é desafio à opinião pública mundial

A Federação Internacional de Resistentes (FIR) definiu a decisão do presidente Reagan de iniciar o fabrico e armanzenagem da bomba de neutrões, como «um desafio lançado à opinião mundial».

«Esta decisão — sublinhou o secretário daquela Federação em Viena — provocará, inevitavelmente, a deterioração da situação internacional e uma nova corrida aos armamentos, que colocará a humanidade mais perto de uma confrontação nuclear».

«A FIR colocar-se-á na primeira fileira dos combatentes contra a mais monstruosa e desumana arma de extermínio» — salienta a declaração.

Prosseguem, entretanto, em todo o Mundo, protestos energéticos contra a decisão do chefe do Executivo norte-americano.

«Em nome de milhões de mulheres, exprimimos a nossa indignação profunda por esta decisão que ignora o movimento de protesto vigoroso da opinião internacional» — lê-se num comunicado da Federação Democrática Internacional das Mulheres, difundido em Berlim.

O texto acrescenta que «as mulheres de todo o Mundo devem reunir esforços para exigir que os Estados Unidos anulem a sua decisão».

Também a Conferência Cristã para a Paz, acaba de condenar energicamente a decisão do presidente Reagan conforme se pode ler numa declaração dos dirigentes daquela organização, que integra personalidades religiosas de 86 países.

«A paz universal e a segurança só podem ser asseguradas através de negociações, da cooperação e do diálogo», afirma-se no documento que sublinha em seguida que «não existe alternativa ao desarmamento».

A Conferência Cristã para a Paz apela à administração Reagan para que reveja a sua decisão e para que «preste atenção à voz dos povos que aspiram à segurança e à paz».

O «ridículo» segundo Washington

A secretaria norte-americana de Estado considerou hoje «ridículas» as afirmações europeias segundo as quais a política da administração Reagan leva a uma futura guerra nuclear confinada à Europa, sem envolver os Estados Unidos.

Um porta-voz daquela secretaria declarou que a administra-

ção do presidente Ronald Reagan está aberta a conversações com a União Soviética antes do fim do ano, para a redução do armamento nuclear na Europa.

O mesmo funcionário comentou as dúvidas de países europeus em relação à posição dos Estados Unidos no controlo de armamento, afirmando que os preparativos da administração para as negociações com os soviéticos estão bastante avançadas.

A este «deitar água na fervura» da bomba de neutrões, a agência soviética TASS, referindo-se à explicação de que a «bomba que só mata» se destina a ser usada contra um eventual ataque de tanques soviéticos à Europa, responde: «Isto quer dizer que os Estados Unidos estão preparados para defender a Europa Ocidental com a bomba de neutrões, até ao último cidadão alemão ocidental, belga, italiano, holandês».

«Trata-se nada mais nada menos do que a admissão por parte de Washington, de que as bombas de neutrões se destinam não a ser utilizadas nos territórios do Texas ou do Arizona, mas, acima de tudo, no território dos países da NATO, na zona densamente habitada da Europa Ocidental».

Naufrágio na Indonésia: 227 desaparecidos

Duzentas e vinte e sete pessoas são dadas como desaparecidas e provavelmente mortas a bordo de um navio indonésio, o «Deliwaski Jaya», que naufragou em 5 de Agosto no mar de Buru, a leste da Indonésia, soube-se quinta-feira em Jacarta.

O barco, construído em madeira e desprovido de equipamentos de segurança, ligava a ilha de Butão, a sueste das Celebes, a Ambon, nas ilhas Molucas, quando naufragou por razões ainda desconhecidas.

Segundo a agência indonésia

de Imprensa «ANTARA», só três sobreviventes foram salvos por um bote, o «Niaga 15». As investigações prosseguem mas receia-se não encontrar nenhum dos 227 outros passageiros do «Deliwaski Jaya».

Congressistas dos EUA na África do Sul “Vimos o custo humano do a

«Testemunhámos o desespero e a tragédia humana de que tanto ouvíamos falar e que muito gostaríamos que não fosse verdade. Vimos o custo humano do 'apartheid' — afirmou um dos elementos da delegação do congresso norte-americano que visitou recentemente a África do Sul. (Visitar não será aqui o termo mais correcto, já que as autoridades racistas impediram os congressistas de entrar nos bairros negros das cidades brancas. Além disso, a delegação não conseguiu ser recebida pelo primeiro-ministro, Pieter Botha, como era seu desejo, nem lhe foi permitido avistar-se com o dirigente nacionalista Nelson Mandela, condenado a prisão perpétua).

Numa conferência de imprensa dada à partida no Aeroporto da Cidade do Cabo com manifesto desagradado das autoridades, a congressista Shirley Chisholm chorou, quando lhe pediram que falasse das suas impressões: «Sinto-me profundamente preocupada com o que vi, com a degradação, o desespero e a desilusão humana que deixam as pessoas sem qualquer esperança. É pior do que qualquer outra coisa que eu alguma vez tenha visto» — declarou.

Na passada sexta-feira, cinco membros da delegação avistaram-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelf Botha, que, entre outros «mimos», os acusou de «desperdiçarem o dinheiro dos contribuintes norte-americanos».

O grupo de congressistas (nove), que esteve já no Zimbábue, visitará agora o Quênia, seguindo depois para a Somália, Angola e a Nigéria, antes de regressar a Washington, onde apresentará relatórios da sua viagem ao presidente Reagan e ao secretário de Estado, Haig.



A Polícia ao serviço do Governo racista de Pretória, em acção no bairro negro de Nyanga, subúrbios da Cidade do Cabo. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Recebidos por Arap Moi

No Quênia, a delegação foi recebida durante duas horas pelo presidente, Daniel Arap Moi, que lhe manifestou a opinião de que Washington não deve auxiliar os adversários do Governo angolano.

Arap Moi manifestou a oposição do seu país às tentativas da Administração Reagan para acabar com a «emenda Clark», que impede os norte-americanos de intervir nos assuntos internos de Angola. Reagan deseja o fim da «emenda Clark» para poder auxiliar abertamente a Unita, grupo «rebelde» aliamentado pelos racistas sul-africanos.

O presidente queniano manifestou-se também preocupado com a possibilidade de Washington vir a querer alterar a Resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU (que estabelece a fórmula para a independência da Namíbia), de modo a agradar à minoria branca e à República da África do Sul, país com o qual Reagan quer manter relações de «boa amizade».

Repressão e luta no país do racismo

A Polícia ao serviço das autoridades racistas lançou gases lacrimogéneos contra centenas de negros desaloja-

Tráfego aéreo tende a normalizar-se — afirma Washington

O tráfego aéreo internacional deverá regressar hoje à normalidade, segundo afirmações feitas pelo secretário norte-americano dos Transportes, Drew Lewis.

Controladores aéreos canadianos de serviço no centro de controlo de Gander, na Terra Nova, retomaram ontem a coordenação dos voos entre o seu país e os Estados Unidos.

Os canadianos afirmavam que o sistema norte-americano de controlo de tráfego aéreo não estava a ser seguro. Alvo de greve desde há uma semana, esse sistema tem sido mantido por um conjunto de fiscais, de trabalhadores que não aderiram à greve e de controladores militares.

J. Lynn Helms, responsável pela Junta Federal de Aviação, afirmou que durante a manhã de quarta-feira 119 aviões viajaram da Europa para os Estados Unidos, com 36 mil passageiros. Outros 70 fizeram o percurso durante a tarde (horas locais) e muitos mais durante a noite.

Helms declarou que os voos transatlânticos já não devem registar hoje atrasos superiores a meia hora.

Lewis afirmou, no entanto, existir ainda a possibilidade de alguma perturbação no tráfego sobre o Atlântico, este fim-de-semana, se os controladores portugueses mantiverem os planos de boicotar os voos que se dirijam ou partam dos Estados Unidos e passem sobre os Açores.

O secretário norte-americano dos Transportes declarou que tal rota só tem três a quatro voos por hora e que os mesmos poderão ser encaminhados para rotas mais a norte, incluindo uma que atravessa o espaço aéreo canadiano.

Controlador libertado

Um juiz federal norte-americano libertou um dos organizadores da greve dos con-

troladores aéreos, em Alexandria, Estado de Virgínia.

Steven Wallaert tinha sido obrigado por um tribunal distrital a cumprir 60 dias de prisão por desobediência a uma ordem governamental para retomar o trabalho.

Wallaert aceitou cumprir uma nova ordem de retorno ao serviço agora modificada pelo Governo norte-americano.

O documento refere que os controladores que ainda possam voltar ao trabalho o devem fazer.

Desenvolve-se, entretanto, um surdo conflito entre a Justiça e a Administração norte-americanas. O juiz que ontem reduziu as multas aplicadas ao Sindicato dos Controladores e ao seu presidente, Roberto Poli, colocou o dedo na ferida, ao afirmar que Reagan tem de optar por uma de duas decisões: ou declarar a greve acabada... ou exigir o pagamento de multas, o que implica o continuar da greve. A indefinição coloca sérios problemas aos tribunais.

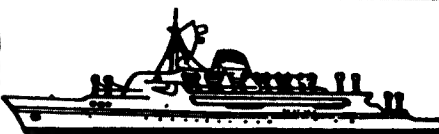
De sublinhar um facto que aparece diluído no noticiário sobre o assunto: o presidente mantém-se irredutível quanto ao despedimento de 12 mil grevistas. É calculado em 17 mil o número de controladores norte-americanos.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

CRUZEIROS abreu

A bordo do moderno paquete
FUNCHAL

Classe única * Serviço de 1.ª cl.



especialmente fretado para estes cruzeiros

3.º CRUZEIRO A PALMA E PORTOS FRANCOS — 7 DIAS

23 a 29 de Agosto

LISBOA - TÂNGER (porto franco) - PALMA DE MAIORCA - CEUTA (porto franco) - LISBOA

A sua melhor semana de 1981!

CRUZEIRO DOS 4 PORTOS FRANCOS — 9 DIAS

30 de Agosto a 7 de Setembro

LISBOA - GIBRALTAR (porto franco) - MELILLA (porto franco) - AGADIR (Marrocos) - LANZAROTE e LAS PALMAS (portos francos das Ilhas Canárias) - LISBOA

Turismo e "Shopping" — uma dupla aliciante!

6.º GRANDE CRUZEIRO NO MEDITERRÂNEO — 18 DIAS

8 a 25 de Setembro

LISBOA - LA VALETTA (Ilha de Malta) - DUBROVNIK e SPLIT (Jugoslávia) - VENEZA, TRIESTE e PALERMO (Itália) - GIBRALTAR (porto franco) - LISBOA

18 dias maravilhosos no Mediterrâneo e Adriático!

8.º CRUZEIRO À MADEIRA E CANÁRIAS — 9 DIAS

26 de Setembro a 4 de Outubro

LISBOA - FUNCHAL (Ilha da Madeira) - TENERIFE, LAS PALMAS e LANZAROTE (portos francos das Ilhas Canárias) - LISBOA

9 dias de encanto e repouso!

SEM AVERBAMENTO NO PASSAPORTE — Estes Cruzeiros, por serem feitos num navio português, estão isentos de averbamento no passaporte.

PREÇOS EXCEPCIONAIS DESDE 3.650\$ POR PESSOA E POR DIA

Desfrute o verdadeiro prazer de viajar: Faça um Cruzeiro / por menos do que gastaria / numa simples estadia / em Hotel no estrangeiro!

EXCELENTE OPORTUNIDADES! LUGARES LIMITADOS! INSCREVA-SE JÁ!

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telef. 37 13 41

LISBOA — Av. de Roma, 66-B — Telef. 80 50 96

PORTO — Av. Aliados, 207 — Telef. 31 79 21

COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Telef. 2 70 11/2

FARO — Av. República, 124 — Telef. 2 50 35/6

FUNCHAL — Rua Gorgulho, 1 — Telef. 3 10 77/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

Sul apartheid”

dos das suas precárias residências do Bairro de Nyanga, na região da Cidade do Cabo. As autoridades também se recusaram a permitir o fornecimento de água potável e alimentos àquela zona da cidade, onde se encontram os desalojados, deixados ao relento no gélido inverno austral, junto aos restos fumegantes das barracas que ocupavam. O Governo sul-africano pretende obrigar aqueles cidadãos a regressar às zonas tribais de que são originários.

Ao mesmo tempo, em Pretória, explodiram quatro «rockets», nos locais onde estão acantonadas instalações militares. Os «rockets», de 122 milímetros, caíram na zona de Voortrekkerhoogte, área habitada predominantemente por «afrikanders» (brancos descendentes de holandeses). Está situada nesta zona o maior complexo militar da África do Sul, incluindo duas bases aéreas e várias instalações do Exército.

Greve da fome

A Polícia sul-africana confirmou que um nacionalista não branco está há 23 dias em greve da fome na prisão, sem que a família tivesse alguma vez sido informada sobre o seu estado de saúde.

Derrick Naidoo, um professor de História de origem indiana, de 32 anos, foi preso a 19 de Julho, enquanto passava férias em casa dos pais, em Durban, acompanhado pela mulher e três filhos.

A sua mulher, Venetia, disse que não fora dada qualquer razão para a sua detenção e que a Polícia se recusou a dar informações sobre Naidoo até ontem à noite, altura em que três funcionários lhe disseram que ele estava em greve da fome.

Navio apresado pelo Irão transportava dinamite portuguesa

Um barco dinamarquês apresado pela marinha iraniana no estreito de Ormuz «transportava dinamite de Portugal para o Iraque» — afirmou um porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca.

O navio «Else Cat» foi levado para o porto de Bandar Abbas e depois de descarregar «os materiais de guerra, incluindo explosivos que transportava para o Iraque, será libertado» — indicou por seu turno a Rádio Teerão.

O porta-voz oficial dinamarquês frisou que o navio transportava dinamite «para ser usada apenas na construção», e que o apresamento «é um caso de pirataria, pois a carga era para fins pacíficos».

O proprietário do navio, Thor Nielsen, referiu que o caso está a ser resolvido entre as autoridades iranianas e o ministério dinamarquês dos Negócios Estrangeiros.

O advogado da Associação de Defesa dos Armadores Dinamarqueses Erik Stein disse que «haverá problemas internacionais legais se os iranianos confiscarem a carga do barco».

Nenhuma fonte portuguesa contactada por nós confirmou essa informação.

Terminou reunião do CC do POUP Kania fala de perigo de “confronto sangrento”

Com recomendações de moderação ao sindicato Solidariedade e condenação das últimas greves e manifestações de protesto no país, terminou ontem em Varsóvia a sessão de dois dias do Comité Central do Partido Operário Unificado da Polónia.

Os 200 membros que integram o novo Comité Central confirmaram a linha seguida até agora pelo POUP, não tendo tomado qualquer decisão referente à tensão política e ao problema do abastecimento de géneros que a Polónia tem vivido nos últimos tempos.

Uma moção aprovada por unanimidade condenou o Solidariedade por ter interrompido a semana passada as negociações em curso com o Governo.

Por outro lado, o primeiro secretário do POUP, Stanislaw Kania, afirmou no seu discurso de encerramento da sessão que a evolução da situação política na Polónia «levará inevitavelmente a um confronto sangrento, se não pararmos».

Numa dramática advertência, de que a agência PAP difundiu ontem o teor, Kania refere-se à «tarefa de salvação nacional» que o partido deve enfrentar actualmente. «Não podemos calar esta verdade. O nosso dever consiste em avisar toda a população. Devemos fazer tudo para o impedir» (confronto sangrento).

Face aos conflitos que surgiram até agora, relacionados com as greves, acentuou Kania, «o partido fez todos os possíveis para evitar semelhante confrontação. Agora, por culpa de um grupo de aventureiros da direcção do Solidariedade (...) encontramos-nos perante esse perigo».

Solidariedade pede fim das greves

Entretanto, os dirigentes do Solidariedade apelaram ontem para que sejam desconvocadas as marchas sobre Varsóvia, organizadas com o fim de exigir a libertação de prisioneiros políticos, assim como as greves e manifestações contra as dificuldades de abastecimento.

Esta medida dos dirigentes da central sindical independente polaca vem ao encontro dos apelos formulados durante a reunião do Comité Central do POUP para que fosse posto fim à onda de greves e manifestações em que o país tem vivido. Ignora-se contudo se as bases do sindicato seguirão o apelo da direcção.

Não houve até agora qualquer reacção dos organizadores das marchas de protesto, que deveriam realizar-se na próxima semana, a este apelo dos dirigentes do Solidariedade que afirmaram serem de opinião de que a luta pela libertação dos presos políticos deverá ser retomada mais tarde.

«Na presente situação, o sindicato deve opor-se a todas as acções que possam ser consideradas provocatórias ou que desviem a atenção do povo da situação trágica em que o país se encontra» — afirma uma moção aprovada durante a reunião da direcção do sindicato em Gdansk.

Os dirigentes do Solidariedade aprovaram também duas resoluções acusando o Governo de tentar furtar-se às responsabilidades pelo agravamento da situação económica.

«O Solidariedade lamenta profundamente que os ataques propagandísticos contra as organizações sindicais tenham atingido este tipo de forma e conteúdo», refere uma das resoluções aprovadas, que acrescenta: «A central sindical não tenciona responder com um contra-ataque no mesmo tom mas o que o Governo pretende é sacudir a responsabilidade pela actual situação.»

Um porta-voz sindical revelou que os 44 membros do Comité Coordenador da central trabalhavam neste momento numa resolução exigindo eleições livres dos representantes governamentais em cada região.

Entretanto os responsáveis policiais temem que as organizações protestantes respondam violentamente ao crescente apoio que os católicos estão a dar aos grevistas da fome na prisão de Long Kesh.

Centenas de soldados ingleses foram hoje enviados para Londonderry, a segunda cidade da Irlanda do Norte, anteendo confrontações violentas entre católicos e protestantes (nacionalistas e pró-britânicos).

Com efeito, milhares de protestantes reuniram-se nesta cidade para comemorar o cerco de Londonderry efectuado em 1689, em que os protestantes resistiram durante 105 dias ao exército católico do rei Jaime II.

Coincidindo com as manifestações protestantes, organizações católicas apoiantes dos grevistas da fome prepararam-se também para desfilar na cidade.

vam um taxi, mas não atingiu os alvos.

Este atentado seguiu-se a um outro ocorrido anteontem, também em Belfast, e que vitimou, ao que parece por engano, um homem de negócios, Charles Johnston, que segundo a Polícia teria sido tomado pelo seu irmão, um reservista da Polícia de Ulster.

Um outro atentado que no último fim-de-semana vitimou um católico no distrito maioritariamente católico de Ardoyne viria a ser mais tarde reivindicado por uma organização clandestina protestante, os «Combatentes pela Liberdade do Ulster», a quem são atribuídos inúmeros assassinatos ocorridos nos últimos anos na Irlanda do Norte.

Na semana passada, dois jovens ficaram gravemente feridos quando ao tentarem arrear uma bandeira inglesa armadilhada foram atingidos pela explosão.

A propósito da Irlanda do Norte

Intransigência de Thatcher divide governo inglês

Um número crescente de membros do Governo britânico deplora o imobilismo de Margaret Thatcher face ao problema colocado pelas greves de fome dos presos irlandeses da Cadeia de Long Kesh, afirma hoje o jornal «The Guardian».

Segundo aquele diário liberal, os ministros «dissidentes» estão «perturbados com a vitória da propaganda do IRA na Europa e nos Estados Unidos em consequência das greves de fome... e o Foreign Office faz cada vez mais pressão a favor de uma abordagem mais positiva da crise».

Segundo esses ministros, prossegue o «Guardian», o Governo «deveria ao menos fazer qualquer coisa para que acabe esta sucessão de falecimentos». Alguns propõem que os grevistas sejam mantidos vivos à força a partir da entrada em coma (contra a deontologia médica), outros que se estabeleçam negociações entre Londres e Dublin. Mas, acrescenta o jornal, «os ministros dissidentes sabem que o principal obstáculo a esta última proposta é a própria primeira-ministra».

O chefe da secção política do «Guardian» considera igualmente que o actual secretário para a Irlanda do Norte, Humphrey Atkins, poderá ser substituído em breve por James Prior, ministro do Emprego.

Atentados

Um atirador, que se julga ser um extremista protestante, abriu fogo sobre um grupo de católicos no centro de Belfast sem que no entanto alguém tivesse sido atingido — informou hoje a Polícia.

O atirador, de aparência jovem, disparou a curta distância sobre seis pessoas que espera-

24 horas

EXPLOÇÃO EM JERUSALÉM — Uma unidade de comandos palestinos, actuando no interior dos territórios ocupados por Israel, colocou várias cargas explosivas numa fábrica de equipamentos militares, localizada em pleno centro da zona industrial de Jerusalém — anunciou, ontem, a agência noticiosa palestiniana, «WAFA».

As cargas provocaram importante incêndio, que destruiu grande parte dos equipamentos militares e provocou ferimentos em vários membros do pessoal da fábrica.

AMNISTIA NA COREIA DO SUL

— O Governo sul-coreano poderá libertar o líder oposicionista Kim Dae Jung, condenado por sedição a prisão perpétua, anunciaram fontes diplomáticas de Tóquio.

De acordo com essa informação, Kim poderá ser levado

para um hospital sul-coreano para exames médicos, depois da sua possível libertação no sábado, incluída numa amnistia em massa por ocasião do trigésimo sexto aniversário da libertação da Coreia do domínio colonial japonês e fim da Segunda Guerra Mundial.

MINIPLANO MARSHALL — O subsecretário norte-americano de Estado para os Assuntos Latino-Americanos, Thomas Enders, qualificou quarta-feira a sua visita à Nicarágua como «muito positiva».

Extra-oficialmente, soube-se em Manágua que Enders abordou a questão do MiniPlano Marshall, que consiste na assistência económica dos Estados Unidos aos países da América Central e das Caraíbas.

CONFRONTO

NICARÁGUA-HONDURAS

— Unidades navais das Honduras e Nicarágua confrontaram-se quarta-feira durante 45 minutos, no golfo de Fonseca, Oceano Pacífico, cujas águas são partilhadas por estes dois países e El Salvador, anunciou um porta-voz oficial hondurenho.

MARIJUANA PROVOCA RECONTROS — Quinze camponeses mexicanos foram mortos e cinco soldados ficaram feridos, num recontro entre patrulhas do Exército e cultivadores de marijuana, ocorrido na zona montanhosa do Estado de Guerrero, no sudoeste do país.

O comissário do Município de Metlatonoc, onde ocorreu o recontro, declarou que o confronto teve lugar na povoação de San Martin Peras, quando pelotões do Exército patrulhavam a zona em busca de sementes de marijuana.

CONFLITOS RACIAIS

— Bombas e pedras atiradas contra um comício político da oposição feriram 18 pessoas — anunciou a Polícia do Sri Lanka.

O comício do Partido da Liberdade, na oposição, presidido pela senhora Sirimavo Bandaranaike, antigo pri-

meiro-ministro, foi atacado com bombas e outros projecteis quando decorria em Gampaha.

Os incidentes ocorreram uma hora depois de o presidente Junius Jayewardene ter encarregado as Forças Armadas de manter a paz em todo o país.

RELATÓRIO DO GOLPE — Foi ontem divulgado em Madrid o relatório do procurador militar sobre a tentativa de golpe de 23 de Fevereiro passado. Segundo o documento a preparação da intentona foi iniciada em Maio e Junho de 1980.

ANIVERSÁRIO DO MURO

— Manifestações, marchas e vários actos comemorativos em ambas as partes em que está dividida a

antiga capital alemã, celebram hoje o vigésimo aniversário da construção do muro de Berlim.

SISMO NA JUGOSLAVIA — Trinta e seis pessoas ficaram feridas num tremor de terra que se verificou hoje em Banja e Luka.

o professor

DIRECTOR
ROGÉRIO FERNANDES

uma revista de

CULTURA
EDUCAÇÃO
E ENSINO

o n.º 31
à venda

Assinatura
a cobrança
pedidos a CDL

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

PODER
LOCAL

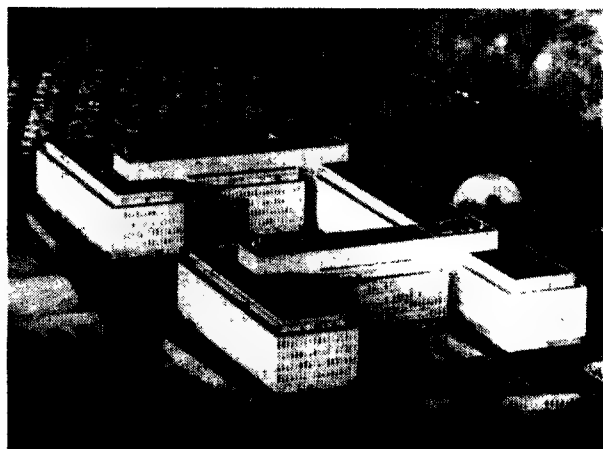
Director:
Luís Sá

à
venda
o
n.º
26

Neste número:
A Mulher e o Poder
Local • Évora:
Parque Municipal da
Barragem de Monte
Novo •
Freguesia de Alverca do
Ribatejo •
Salvadora de Magos: Auto da
Soporcel •

ASSINATURAS
A COBRANÇA
PEDIDOS
A CDL

exclusivo



Sede central da CIA, em Langley (Virgínia)

Tensões CIA governo Reagan surtem à luz do dia

■ Jim Khatami

□ IPS

O escândalo sobre as irregularidades financeiras cometidas pelo director da Agência Central de Informações (CIA), William Casey, desvaneceu-se quase tão rapidamente como surgiu no panorama político de Washington.

A controvérsia parece implicar não apenas as irregularidades financeiras mas também uma questão respeitante às táticas dos «velhos» da CIA bem implantados no aparelho da organização, na sua sede em Langley (Virgínia), e os novos homens trazidos pelo Governo de Reagan.

A designação de Casey, um advogado de Wall Street com experiência no gabinete de serviços estratégicos (predecessora da CIA) e aberto entusiasta das operações secretas, contou com o beneplácito da burocracia de informações.

Mas os funcionários de alta patente da CIA mostraram-se muito agastados quando Casey trouxe consigo Max Hugel, um seu colega na campanha eleitoral de Reagan e presidente numa fábrica de máquinas de costura sem experiência no sector das informações.

Os editorialistas conservadores Rowland Evans e Robert Novick afirmam que os «companheiros» da CIA começaram de imediato a arquitectar a queda de Hugel e induziram os seus ex-sócios no negócio — que desde então terminou — a deslocarem-se ao «Washington Post» com acusações de irregularidades financeiras contra Hugel. Este demitiu-se rapidamente e foi substituído por John Stein, um profissional da CIA.

Plano contra Kadhafi

A controvérsia prosseguiu. A revista «Newsweek» publicou um resumido plano traçado por Hugel para derrubar o líder líbio Muammar Kadhafi. No dia seguinte, a Casa Branca afirmou que o plano se destinava à Mauritânia e não à Líbia.

Entretanto, muitos jornais começaram a levantar o véu acerca das irregularidades financeiras de Casey em 1968 e o senador republicano conservador Barry Goldwater, presidente da comissão de informações do Senado, solicitou a sua demissão.

Reagan apoiou Casey firmemente e todo o assunto praticamente se desvaneceu após as esferas governamentais terem advertido que a continuação do escândalo danificaria a capacidade da CIA para pôr em prática as directivas presidenciais.

Embora as polémicas acerca de Casey e o suposto plano contra a Líbia também tenham sido abafados, os observadores afirmam que subsiste uma forte tensão entre os «antigos» da CIA e o Governo de Reagan.

Haig zangado com a CIA por causa da URSS

A maior parte dos atritos provém das disputas acerca da análise das informações. O braço de informações da CIA recebe grandes pressões do executivo para sustentar com provas o principal elemento da política externa do Governo: que a maior parte das dificuldades no mundo é causada pela União Soviética.

Soube-se entretanto que o secretário de Estado Alexander Haig estaria furioso em virtude de um estudo da CIA sobre o terrorismo não apolar as acusações anti-soviéticas do Governo.

Num recente discurso, proferido na sede da CIA, Casey repreendeu os seus funcionários por não apresentarem evidências da intervenção soviética na América Latina e África.

Muitos funcionários do Governo estão particularmente irritados também porque a CIA não documenta a denunciada ingerência soviética nas guerrilhas antigovernamentais salvadorenses, e sustentam que a agência é pelo menos parcialmente responsável pelo fracasso do «Livro Branco», difundido pelo Governo com esse propósito em Fevereiro último.

Contudo, os funcionários da CIA estão perturbados pela tendência do executivo em filtrar para a imprensa informações sobre actividades perigosas ou secretas para tirar dividendos políticos no Congresso ou perante o eleitorado.

Foram estas polémicas sobre os serviços secretos e as operações clandestinas no estrangeiro que começaram a vir a lume à medida que progredia o escândalo Casey. Graças ao esforço conjugado de Washington para pôr ponto final no escândalo Casey-Hugel, restaurou-se uma fachada de harmonia entre a CIA e o executivo.

Há no entanto poucas dúvidas de que num provável fracasso futuro numa qualquer operação ou aspecto da política externa, as tensões subjacentes entre o poderoso círculo da espionagem norte-americano e o Governo Reagan reaparecerão de novo.

Crianças escravas na Tailândia

Jovens são vendidas para fábricas e prostíbulos

■ IPS/«The National Catholic Reporter» (EUA)

TODOS os anos, milhares de crianças tailandesas são vendidas e compradas num grande mercado, manejado por profissionais, que abastece fábricas, prostíbulos e casas de massagens com mão de obra barata.

A maior parte das crianças — constituída por raparigas cujas idades oscilam entre os 10 e os 14 anos — é vendida aos compradores profissionais durante a época da seca, na empobrecida região do nordeste do país ou na principal estação ferroviária de Banguecoque. O preço de uma rapariga varia entre os 20 e os 100 dólares, segundo a sua idade, força e beleza, ainda que, ocasionalmente, uma rapariga particularmente formosa possa custar uns 500 dólares.

Muitas dessas crianças-escravos encontram-se depois nas piores condições possíveis em diminutas fábricas que, amiúde, não estão registadas e trabalham ilegalmente.

Numa dessas fábricas, situada na área dos bairros de barracas de K LONG Tuey, trabalham aproximadamente 20 raparigas que fabricam mosquiteiros e tela de algodão.

Nesta fábrica não há ventilação, e o calor é insuportável. As raparigas trabalham desde as 6 horas da manhã até às 9 horas

da noite e passam a noite fechadas à chave no armazém.

O ruído produzido pela maquinaria é ensurdecedor e o ar está cheio de poeira o que dificulta a respiração no meio dum calor sufocante.

O proprietário da fábrica orgulha-se pelos ágeis dedos das raparigas, que juntam os fios que se quebram sem reduzir o ritmo de trabalho. Da mesma forma, as raparigas têm uma estatura que lhes permite trabalhar facilmente com os fusos sem que necessitem de se agachar quando precisam de os mudar.

As raparigas podem ser mais facilmente controladas que os adultos. O proprietário não tem que preocupar-se com greves ou protestos laborais e as jovens não conhecem bem a cidade, o que torna um tanto ou quanto improvável que elas fujam.

Todas as semanas da estação seca, que vai de Novembro a Abril, são levadas mais de 500 destas raparigas para a estação ferroviária de Hualampong, onde são postas à venda. O comboio procedente do nordeste do país chega à estação entre as 04h30 e 05h00 da manhã.

Os agentes de emprego — denominados pescadores ou pescadoras — observam as crianças e decidem em seguida quais os que vão trabalhar nos prostíbulos, quais os que servirão para

serviços domésticos e quais os que poderão ir para as fábricas.

Nas imediações da estação existe aproximadamente uma dezena de agências de emprego, distarçadas entre várias lojas.

Quando o comboio parte, os «agentes de emprego» tratam de persuadir os jovens para que os acompanhem, em geral, às agências das imediações. Há no entanto ocasiões em que os agentes têm contratos com as fábricas. Nestes casos, os jovens são transportados em pequenos autocarros directamente para o seu novo local de trabalho.

Um dos trabalhos mais arriscados é o efectuado numa fábrica de acumuladores eléctricos, onde os pequenos estão encarregados de os encher de carvão. Não têm nem máscaras nem vestuário apropriado que os proteja da acção do manganésio, que prejudica os pulmões e que, eventualmente, pode provocar paralisia.

Em Novembro de 1980, a polícia passou uma busca a uma fábrica de material plástico no bairro de Yannawa em Banguecoque. Uma das raparigas, Bonome, declarou à polícia que a sua mãe a tinha levado há três meses da sua terra (Nongkai, um povoado do nordeste do país, a uma agência de empregos de Banguecoque. Depois, foi en-

viada para a fábrica de material plástico.

Os jovens trabalhadores afirmaram à polícia que durante quatro meses não tinham saído da fábrica e que dormiam no mesmo edifício onde trabalhavam, sem mosquiteiros.

Os funcionários do governo sustentam que se trata de exploração de crianças e não de escravidão.

Vichit Saengthong, director do departamento de trabalho da Tailândia, afirma que não deveria falar-se da compra ou venda de garotos em virtude de serem feitos contratos de trabalho por um período limitado de tempo que habitualmente é de um ano.

«Trata-se de empregar um rapaz durante seis meses ou um ano e de pagar aos seus pais adiantadamente», declarou Saengthong à «Asia Week» (uma revista tailandesa) em Fevereiro passado. «Se alguém vende uma rapariga a um prostíbulo por seis meses ou um ano, por exemplo, nessa altura trata-se de a libertar».

Frequentemente, os jovens são enviados de prostíbulo em prostíbulo até que vão para uma fábrica de onde não podem regressar às suas casas até terminar o seu contrato.

«As fábricas costumam cooperar entre si», explicou um assistente social. «Ao findar o ano, quando os pais vêm buscar as suas filhas, são informados de que a rapariga fugiu. Então, entram os prostíbulos no circuito seduzindo as jovens a trabalharem neles. Todos os meses, e porque os contratos há a terminar em cada final do mês, os proprietários destes estabelecimentos têm sempre a última palavra dizendo aos seus clientes que acabam de receber uma rapariga nova».

O departamento de trabalho dispõe apenas de 50 funcionários para inspecionar as 36.00 fábricas registadas mais as cinco mil não registadas. No caso de os inspectores descobrirem fábricas onde haja escravos, pouco podem fazer em virtude da corrupção ou suborno existentes.

Segundo muitos tailandeses, a solução para o problema de crianças escravos pode obter-se mediante o aumento dos rendimentos, sobretudo na região do nordeste (a mais pobre do país), de modo a que as famílias não se vejam forçadas a vender os seus filhos.

«Os agricultores da região nordeste logram apenas uma pequena colheita de arroz», afirma um sociólogo. «O governo baixou o preço do arroz de forma a que as fábricas possam pagar salários baixos e incrementar as suas exportações. Todos os anos, os agricultores endividam-se um pouco mais», acrescenta.

«Por outro lado, os prestamistas cobram juros altos e, em caso de para emergência, o agricultor vê-se obrigado a vender um dos seus filhos. Mesmo que todas as crianças nestas condições (trabalho escravo) fossem enviadas para suas casas, o problema continuaria a existir dado que, em poucas semanas, o agricultor ver-se-ia de novo obrigado a vender novamente os filhos afim de manter a sua exploração agrícola a salvo da bancarrota».



Crianças tailandesas: a exploração e a escravidão como futuro

Trabalhadores agrícolas de Évora vão paralisar dois dias em Setembro

Trabalhadores agrícolas do distrito de Évora vão paralisar por 48 horas no próximo mês de Setembro, se o Governo não ceder às reivindicações que os levaram a paralisar já ontem, durante todo o dia.

As exigências dos trabalhadores dizem respeito ao seu contrato colectivo de trabalho e apontam para aumentos nas tabelas salariais.

Ontem, durante a paralisação, houve concentração em frente da delegação eborense do Ministério do Trabalho. Numa intervenção, um dirigente sindical, Maria Antónia Caralinda, acusou o Executivo de procurar «facilitar ao grande patronato a violação das leis do trabalho».

Segundo a oradora, este seria um objectivo do Governo no tocante ao alargamento do CCT do sector.

Mais três dias de greve na Marinha Mercante

Começou ontem mais uma greve na Marinha Mercante, um dos sectores onde, nos últimos tempos, mais paralisações se têm registado.

Os motivos da presente greve são os mesmos que provocaram as anteriores, e prendem-se com a situação de impasse nas negociações, com a entidade patronal, do contrato de trabalho. As negociações ainda nem sequer tiveram início.

Estão em causa, principalmente, aumentos salariais: os trabalhadores, à partida, exigem 31 por cento.

A greve, desta feita, prolongar-se-á por 72 horas.

CGTP apela ao repúdio contra bomba de neutrões

A CGTP-IN emitiu ontem um apelo aos trabalhadores portugueses e às suas organizações para que manifestem repúdio pela recente decisão do presidente Reagan de fabricar e armazenar bombas de neutrões.

O apelo chama «criminoso» à decisão do responsável pela Casa Branca e diz que ela se insere numa «escalada da política de agressividade conduzida pelo actual Governo dos Estados Unidos».

A decisão de Reagan — diz a principal central portuguesa de sindicatos — revela «o mais acerrado desprezo pela vida e pela insegurança da humanidade, e constitui um sinistro atentado contra a manutenção da paz no Mundo».

Mais, e ainda no dizer da CGTP, trata-se de uma violação das «mais elementares normas de segurança», e está em causa «a mais sentida e profunda aspiração dos povos: viver em paz».

Os CTT entraram hoje no seu segundo dia de greve. Perspectivas de que a situação hoje se altere não há, pelo menos à hora em que o nosso jornal encerra. De modo que, sendo esta greve de três dias, é mais do que provável que amanhã se cumpra o terceiro. Como nos fins-de-semana a generalidade dos serviços naquela empresa encontram-se encerrados, a situação só poderá conhecer algum desenvolvimento na próxima segunda-feira. Para este dia está já anunciado que haverá uma audiência do secretário de Estado do Trabalho aos sindicatos, se os trabalhadores retomarem o trabalho, entretanto, e pensa-se que sim. É um lugar comum dizer-lo: a situação está grave, em conta quer das perspectivas de solução, que não se abrem, para o conflito, quer do estado em que os serviços se encontram, e que afectam, bem se pode dizer, a totalidade da população, dado o teor dos serviços e as suas características extensivas a pelo menos toda a população portuguesa, sem falar do que se prende às trocas com o estrangeiro.

A guerra dos números

Um pouco como acontece em todas as situações idênticas, a Administração e os sindicatos entraram no que pode chamar-se a «guerra dos números», a propósito principalmente das adesões dos trabalhadores, que

são cerca de 30 mil, lembra-se, encontrando-se de férias, actualmente, apenas cerca de um quinto.

Nas últimas, a Administração andava por volta dos 22 por cento, e a Federação (sindicatos) falava de 75 por cento. Estes números têm variado, mas não muito, de informação para informação e as informações estão a ser divulgadas com frequência. O facto pode querer dizer que é difícil apurar em termos exactos, ou mesmo aproximados, quantos trabalhadores estão em greve, quantos não estão. O que é facto é que a generalidade da população não tem ao seu dispor os serviços que os CTT habitualmente prestam.

Ontem, a Administração emitiu um extenso comunicado fazendo o ponto da situação, na sua perspectiva. O texto voltava a dizer que as adesões durante os quatro dias de greve em cadeia e por sectores não excederam os 16 por cento, e avançava, uma percentagem de 20 por cento para a paralisação de 72 horas que ontem teve início. Quanto aos serviços acumulados, reconhecendo embora que «tem-se observado uma certa acumulação» (mais de 5 milhões de objectos), e só na Central de Lisboa. Mas a Administração é optimista: a capacidade daquela estação é de 1,5 milhões de objectos diários, de modo que, em três ou quatro dias, a situação

Hoje, segundo dia de greve

Todo o país está sem CTT

- Administração e Sindicatos em «guerra de números»
- Situação não deverá alterar-se antes de segunda-feira

poderia normalizar-se.

O administrador Monteiro Lopes foi ontem dizer o mesmo também na televisão. A seguir, o dirigente Manuel Gonçalves rebatia com vigor esta argumentação, qualificando o administrador de «incompetente», e lançando um repto à Administração da empresa: que deixasse entrar nela os órgãos de Comunicação Social, para estes se inteirarem da situação em que aí se vive.

Quanto às percentagens de adesões divulgadas pela Administração, os sindicatos, além de contraporem outros, muito mais significativos, inflectem que os trabalhadores dos CTT sabem o que se passa nos seus locais de trabalho.

Segundo fontes sindicais, são inúmeros os locais de trabalho onde a paralisação é total. A Federação divulgou que a percentagem de adesões mais baixa ter-se-á registado em Portimão, apenas 39 por cento. Mas nos Açores e na Madeira, a percentagem foi ainda menor, segundo a ANOP.

Fontes sindicais consideram «incalculáveis» os prejuízos resultantes destas paralisações. De modo que talvez os números não sejam tão impressionantes como isso e cada um possa fazer uma ideia a partir da experiência que tiver — não conseguindo uma ligação, não tendo onde comprar um selo, não podendo emitir um telegrama, não recebendo qualquer correspondência. E tudo isto depois de ter estado alguns dias recebendo cartas, por exemplo, com dez, vinte e mais dias de atraso.

A questão fundamental em todo este processo é a actualização salarial, lembra-se uma vez mais. De parte, agora, pontos talvez secundários como as diuturnidades (e anuidades) e o subsídio de alimentação, os sindicatos exigem aumentos de 24,5% e a administração contrapõe 22%.

A federação disse ontem, com ênfase, que os 24,5% em que «questão» não representam, ao contrário do que sugere a administração, uma «posição irreduti-

vel». Essa percentagem é apenas a considerada necessária nesta altura, para cobrir o agravamento do custo de vida. Convirá lembrar que, em Lisboa, por exemplo, tal agravamento, num ano, foi recentemente calculado em cerca de 27%.

Lei da greve violada

À hora em que encerramos a nossa edição, os trabalhadores da Estação Central Telegráfica e Telefónica de Lisboa emitiam um comunicado alertando para uma situação em que a administração estaria violando a Lei da Greve e, principalmente, para o facto de determinados serviços estarem a ser prestados por pessoal não qualificado, por iniciativa da administração.

Segundo aqueles trabalhadores (98% em greve — dizem), não foi possível sequer, aos poucos que não aderiram à paralisação, assegurar os serviços urgentes. Por isso, dizem, «a empresa solicitou a intervenção dos piquetes de greve», ontem.

Pub.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA

CASA HIPÓLITO: Administração reprime e despide delegados sindicais

POR LUTAREM PELA DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES, QUATRO DELEGADOS SINDICAIS FORAM DESPEDIDOS, UM NÃO RENOVOU O CONTRATO A PRAZO E AINDA OUTRO, SUSPENSO SEM VENCIMENTO DURANTE DOZE DIAS !!!

A Casa Hipólito é uma das maiores empresas da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Lisboa e a maior empresa do Concelho de Torres Vedras, empregando aproximadamente 1200 trabalhadores.

Apesar de ser a maior empresa do concelho de Torres Vedras das empresas da Metalurgia mais significativas deste concelho é aquela onde os trabalhadores têm menos regalias sociais e onde o seu vencimento é o mais baixo.

Assim, compreende-se perfeitamente que os trabalhadores, por sua livre iniciativa tenham apresentado uma reivindicação de aumento salarial em Fevereiro à qual o patronato só no final de Maio veio minimamente a ter em conta, concedendo aquilo a que chamou «um adiantamento ao C.C.T.V.» no valor de 1000\$00.

Os trabalhadores descontentes com o aumento efectuado e a forma como o foi, por um lado, e o aumento entretanto verificado para as chefias por outro, decidiram também desta vez por abaixo-assinado, reivindicar um aumento salarial de 3000\$00 o qual veio a ser ratificado em plenário de trabalhadores, conjuntamente com o caderno reivindicativo entretanto elaborado pela Comissão Intersindical.

No referido plenário, os trabalhadores mandataram a Comissão Intersindical e a C.T. para conjuntamente negociarem o caderno reivindicativo com o patronato, recusando-se posteriormente a C.T. a cumprir as deliberações do plenário.

Com a finalidade de levar à prática a vontade dos trabalhadores, a Comissão Intersindical procurou reunir com a Administração da empresa, a qual sempre fugiu ao diálogo, argumentando não estar a Comissão Intersindical legalizada já que, embora tivesse conhecimento da sua composição, alguns sindicatos não haviam enviado a informação por correio e em carta registada com aviso de recepção. Corrigida esta anomalia, supunha-se não haver razão para a recusa do patronato, mas estava escrito não ser esta a razão da fuga ao diálogo. O verdadeiro motivo, no nosso entender, reside na incapacidade de diálogo, na falta de vontade da Administração em resolver os problemas dos trabalhadores.

Esta certeza, veio a ser plenamente confirmada quando da marcação dum plenário de trabalhadores, este foi proibido sendo mais uma vez alegado a ilegalidade da Comissão Intersindical, o que não correspondia à verdade. SÓ QUE OS TRABALHADORES AO TOMAREM CONHECIMENTO DOS FACTOS, PARARAM ESPONTANEAMENTE NO DIA 25 E 26 DE JUNHO.

Do resultado desta paralisação espontânea veio a ser aprovada uma série de paralisações de 4 horas diárias.

A Administração da empresa começando a mostrar as suas intenções, enquanto continuava a recusar o diálogo, emitiu uma série de comunicados que mais não eram que um vómito contra a Comissão Intersindical, procurando confundir os trabalhadores desmobilizando-os da luta pelos seus interesses. Esta manobra foi ao ponto de acabar por elaborar processos disciplinares a alguns delegados sindicais, membros da Comissão Intersindical, e dizemos alguns, na medida em que os delegados de escritório e dos técnicos de desenho não foram «contemplados» com o processo disciplinar — a Administração lá sabe porquê.

As acusações formuladas contra os referidos delegados são de um ridículo incrível. Pela Administração os delegados sindicais são acusados dos seguintes factos:

- Elaboração do Caderno Reivindicativo
- Marcação de plenário (até aqui nunca tinha sido proibido)
- Apelo à paralisação (leia-se apelo à defesa dos interesses dos trabalhadores)
- Prejuízos causados pela greve
- Falta de respeito pela Administração

Na sequência deste processo disciplinar e cometendo mais uma monstruosa ilegalidade quatro delegados sindicais metalúrgicos são despedidos, um outro não renovou o contrato a prazo, e ainda outro, este do Comércio, castigado com doze dias sem vencimento. E isto porque para a Administração, os Delegados Sindicais se empenharam na defesa dos interesses dos trabalhadores, procurando negociar com esta o Caderno Reivindicativo aprovado em plenário.

Falta de respeito pelos direitos, interesses e garantias dos trabalhadores, falta de respeito pela própria Lei vigente, que obriga a que só o Tribunal possa despedir delegados sindicais quando há razão para tal, o que não é o caso vertendo, intencionalmente e incapacidade de gestão, eis o péssimo retrato a corpo inteiro que a Administração deu de si aos trabalhadores da Casa Hipólito.

A actuação da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos tem-se pautado pela defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores. Perante esta ilegalidade e abuso de poder foi já entregue aos tribunais competentes a contestação do despedimento e o respectivo pedido de suspensão. Junto dos trabalhadores, este problema irá ser discutido para que se possam tomar as decisões adequadas quer à continuação da luta pelo caderno reivindicativo quer contra o despedimento cometido na pessoa dos Delegados Sindicais.

Tudo isto se passa no Portugal de ABRIIL. Naturalmente que o comportamento da Administração assenta na cobertura que lhes dá a política desenvolvida pelos últimos governos «AD», mas podem estar certos os senhores Administradores que, tal como os seus governos têm sido derrotados pela força organizada dos trabalhadores, também os trabalhadores da Casa Hipólito, apoiados nas suas organizações de classe e contando com o apoio solidário dos restantes trabalhadores e população em geral, saberão encontrar o caminho necessário para derrotar os intentos reacçãoários da Administração da empresa.

**CONTRA A PREPOTÊNCIA E A REPRESSÃO!
VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES!**

Lisboa, 11 de Agosto de 1981.

A DIRECÇÃO

Controladores aéreos

Boicote vai desviar tráfego do espaço aéreo português

Se vier a concretizar-se — e nada, por agora, faz crer que não se concretize — o boicote dos controladores portugueses de tráfego aéreo aos aviões de e para os Estados Unidos, todo o tráfego transatlântico terá de ser desviado por uma rota norte, através do espaço aéreo canadiano — anunciaram ontem em Washington autoridades norte-americanas.

Os controladores portugueses decidiram, na passada segunda-feira, boicotar, a partir

do próximo domingo, os voos de e para o espaço aéreo norte-americano, afectando deste modo toda a rota sul que atravessa o Atlântico.

Por enquanto, os voos da Europa e do Médio Oriente para as Caraíbas e a América Latina têm partido em segurança através do espaço aéreo português, incluindo Açores, embora com atrasos.

A decisão dos controladores portugueses foi aprovada em sinal de solidariedade para com

os 12 mil homólogos norte-americanos despedidos pela Administração de Reagan, por terem entrado em greve como forma de luta por aumentos salariais.

Na aprovação da decisão entraram ainda outros factores, o principal dos quais a considerada insegurança do espaço aéreo norte-americano, controlado por elementos chamados para substituírem os despedidos.

DESPORTO

FC Porto, 3-Vasco da Gama, 2

Futebol e (muita) "meiguice"...

A presença dos brasileiros do Vasco da Gama no Porto foi acontecimento. Cerca de 45 mil pessoas presentes nas Antas para levar «aquele abraço» que é como quem diz, para «torcer» pela equipa portista. Uma noite para testar o FC Porto europeu que já se vai definindo com contornos bastante nitidos, pese embora a ausência do irlandês Walsh, sem dúvida uma pedra basilar do conjunto «azul e branco». Futebol? Houve e com fartura, ainda que salpicado de muita «meiguice», como disse o testemunho as expulsões de Romeu e Dudu ainda no primeiro tempo.

Foi pena, de facto, que a partida tivesse enveredado pelo caminho quezilhento (mais por culpa dos vascaínos) já que o nível exibicional das duas equipas se poderá considerar excelente. Venceu o FC Porto, justamente, diga-se desde já, porque foi, na verdade, o conjunto mais objectivo, aquele que procurou com mais afinco a baliza contrária. No entanto, não queremos deixar de dizer que os vascaínos, tendo em conta o empenho que puseram na partida, não mereciam sair derrotados das Antas.

Como dissemos houve futebol e do melhor. Curiosamente, o

lance mais espectacular, aquele que ficou na retina, aconteceu logo nos primeiros segundos do encontro. Precisamente na primeira jogada que viria a culminar com um golo de antologia de Romeu. Vejamos: houve o pontapé de saída, o esférico foi para os pés de Jaime II, este, vendo Costa a desmarcar-se da esquerda para a direita, endossou-lhe a «menina» e o n.º 11 portista só teve tempo de levantar a cabeça, pois já se desmarcava Jacques para o interior da área, correndo, também ele, da esquerda para a direita. Num abrir e fechar de olhos, o couro apareceu nos pés do ex-bracarense que, depois de duas simulações frente ao guarda-redes Jair, optou por centrar com peso, conta e medida para o lado oposto, onde apareceu Romeu em entrada fulgurante de cabeça a anichar a bola no fundo das redes. Tudo ao primeiro toque, em velocidade e simples.

Saboreado que foi este «apetitivo» todo o mundo ficou à espera do manjar, que não tardou, diga-se de passagem, servido em bandeja de prata. Por banda dos portistas um «apetite» voraz pelo golo, que seria de confirmação e de tranquilidade. Por parte dos vascaínos, o toque de

classe, as tabelinhas no espaço impossível, para segurar e arrefecer o ímpeto. Um pouco contra a chamada corrente do jogo, Roberto Dinamite, quicá o melhor elemento do Vasco, não enjeitou uma oportunidade soberana que se lhe deparou e voltou tudo ao princípio.

O jogo trocou de emoção mercê da toada de parada e resposta que pairou durante algum tempo. Neste diz tu, direi eu, ganharam os portistas que, à passagem dos 33 minutos, rubricaram novo golo. Um tento para muita gente duvidoso, que deu origem a um sururu dos diabos, com comício em pleno centro do relvado, já que os brasileiros não aceitavam de bom grado a validação do golo. Quando tudo parecia sanado (já se tinha reatado a partida e tudo) uma disputa de bola mais aguerrida e eis Romeu e Dudu a contarem com um «vermelho» que os fez ir tomar banho mais cedo.

Receámos o pior. Acontece, porém, que os jogadores sentiram a responsabilidade e a partir daí, não obstante algumas entradas mais à margem da lei, a «cena» não se voltou a repetir.

Daí que o espectáculo tenha saído valorizado, não só porque o FC Porto alterou o seu es-

quema táctico, passando a jogar em contra-ataque, mas também porque a turma brasileira fez questão de vender cara a derrota. Um golo de Jaime II, a culminar um trabalho precioso de Jacques elevou, então, o marcador para 3-1, mas quase logo de seguida, o mesmo Roberto Dinamite (um nome com propriedade...) reduziria para 3-2, com um toque de subtilidade que deixou Tibi partido dos rins.

A arbitragem esteve muito mal, sobretudo nos momentos críticos do desafio em que nos pareceu carecida de «mão» para segurar os prevaricadores.

Arbitro: Joaquim Gonçalves (Porto).

FC PORTO: Tibi; Gabriel, Teixeira, Freitas e Teixeira; Jaime II, Rodolfo e Sousa; Romeu, Jacques e Costa.

VASCO DA GAMA: Jair; Rossemiro, Ney, Juan e João Luís; Serginho, Dudu e Amauri (Ticão, aos 70m); Wilsinho, Roberto Dinamite e Silvino (Renato Sá, na 2.ª parte).

Ao intervalo: 2-1. Marcadores: Romeu (30s), Roberto Dinamite (14 e 71m), Jaime II (33m) e Jacques (67m).

Cartões vermelhos: Romeu e Dudu, ambos aos 34 m.



Belenenses-Braga, activo, mas sem golos

Belenenses e Braga empate à segunda

Belenenses e Braga empataram ontem sem golos pela segunda vez no espaço de uma semana, em jogo particular de futebol disputado no Estádio do Restelo, Lisboa.

O Belenenses dominou a partida e desperdiçou algumas oportunidades de golo, no primeiro tempo por Moisés e Tozé e no segundo por Djão e Avelar.

Sob a arbitragem de Pedro Marçal, Lisboa, alinharam:

Belenenses: Padrão; Sambinha, (Lima 18), Luís Horta, Alinho, Carlos Pereira, Carlinhos, Pinto da Rocha, Tozé (Baltazar 25), Moisés, Toni (Quim 50) e Cepeda (Avelar 45).

Braga: João; Artur (José Artur 89), João Cardoso, Nelito, Dito, (Serra 70), Vítor (José Carlos 85), Duarte, Vítor Santos, Germano, (Spencer 70), Mundinho e Chico Faria (Guedes 80).

Assistiram cerca de quatro mil pessoas.

Fernando II com golo solitário derrota equipa de Pedroto

O Varzim, que esta temporada disputa o campeonato da 2.ª Divisão, venceu o Vitória de Guimarães por 1-0, em jogo particular, que ficou marcado por duas expulsões. Fernando II foi o autor do golo solitário, aos 44 minutos.

O varzinista Lima Pereira e o vimaranense Narciso foram expulsos aos 26 minutos, na sequência de agressão mútua.

O jogo foi disputado e o Vitória de Guimarães, apesar do seu insistente domínio no segundo tempo, não conseguiu superar a bem escalonada defensiva local, em que estiveram em plano de evidência os brasileiros Djair e Washington.

Sob a arbitragem de Xavier Oliveira, Porto, alinharam:

Varzim: Djair; Lima Pereira, Washington, Torres, Óscar, Albino (Toni 83), Pinto, Adão, André, Valdemar (Fernando 88) e Fernando II (Wilson 69).

Guimarães: Jesus; Gregório, Tozé, Santos, Murça, Festas, (Jeova 26) Abreu, Pedroto, Joaquim Rocha (Ivanir 45), Lúcio (Fonseca 45) e Narciso.

União de «2.ª» derrota Amora de «1.ª»

Um golo de Jorge Coutinho, aos 47 minutos, deu a vitória ao União sobre o Amora, em jogo disputado no Estádio dos Barreiros, Funchal. Sob a arbitragem de José Luís Abreu, alinharam: União: Marrafa; Correia, Brito, Ivo (Jones aos 75 min.) e da Costa, (Henrique aos 45 min.); Chico Norberto e Carlos Freitas, Jorge Coutinho; Cabumba e Jorge Oliveira (Garcês aos 56 min.).

Amora: Jorge; Pedrosa, Quim Zé, Helder e Simões; Jaime Formosinho e Baltazar; Alberto, Pereirinha e Amadeu (Amaral aos 63 min.).

Reservas do FC Porto derrotam Rio-Ave

A equipa de reservas do FC Porto derrotou o novo primodivisionário Rio Ave por 3-0, em encontro particular de futebol disputado no Estádio das Antas.

Sob a arbitragem de Fernando Alberto, Porto, alinharam:

FC PORTO: Zé Beto Bandeirinha, Fernando, José Luís, Lima Ferreira (Quinto 45) Frasco, João Pinto, Albertino, Júlio (Penteado 45), Jaime I (Níomar 45) e Queta.

RIO AVE: Trindade (Alberto 45); Sérgio (Duarte 45), Figueiredo, Brito, Caíca (Reis 73), Valter (Samuel 70), Quim (Cabumba 60), Pires (Biro), Paquito, Álvaro e Adérito.

Sorteio da 2.ª divisão

O sorteio do campeonato português de futebol da 2.ª divisão realizada em Lisboa determinou que os três clubes despromovidos da divisão principal actuem como visitantes na jornada inaugural, em 20 de Setembro.

Vejam-se os encontros da 1.ª jornada: **II Divisão - Zona Norte:** Feirense - Fafe, Salgueiros - Valdevez, Bragança - Gil Vicente, Chaves - Paços de Ferreira, Famalicão - Leixões, Neves - Varzim, U. Lamas - Amarante e Leça - Sanjoanense.

Zona Centro: Oliveirense - Rio Maior, Covilhã - Alcobaca, U. Coimbra - Águeda, Beira Mar - Portalegrense, Oliveira do Bairro - Académico de Coimbra, Nazarenos - Benfica Castelo Branco, Peniche - SL Cartaxo e U. Santarém - Guarda.

Zona Sul: Nacional da Madeira - Esperança de Lagos, GD Quimigal - Estrela da Amadora, Vasco da Gama de Sines - Farense, Montijo - Cova da Piedade, União da Madeira - Marítimo, Elvas - Barreirense, Lusitânia (Açores) - Lusitano de Évora e Juventude de Évora - Sacavenense.

III DIVISÃO - Série A: Maria da Fonte - Monção, Cabeceirense - Vianense, Ribeirão - Vizela, Prado - Riopelle, Moreirense - Vila Verde, Ponte da Barca - Mirandela, Sendim - S. Martinho e Aves - Límianos.

Série B: Marco - Lourosa, Valongense - Mogadourense, Valadares - Paços Brandão, Lixa - Régua, Lamego - Vilanovense, Ovarense - Candee, Ermesinde - Tirsense e Paredes - Infesta.

Série C: Alba - Seia, Alcains - Penafiel do Castelo, Marialvas - Anadia, Carvalhais - Espinho AC, Mangualde - Febrês, Viseu Benfica - Pedrulhense, Vilademouros - Quaias e Naval 1.º de Maio - Tondela.

Série D: U. Tomar - Campomaiorense, SL Marinha - Marrazes, Valscovense - Vieiraense, Estrela de Portalegre - Alpalhoense, Alferrarede - Bombarralense, Sp. Pomal - Marinhense, Torriense - Torres Novas e Caldas - U. Almeirim.

Série E: Oriental - Angrense (Açores), Loures - Pêro Pinheiro, Coruchense - Vilafranquense, Almada - Tires, Oliveirense (Açores) - Bucelense, Atlético do Cacém - Odivelas, Atlético - SL Olivais e Olivais - Moscavide - Vitória de Lisboa.

Série F: Louletano - Alvorense, Moitense - Silves, Aljustrelense - Trafalgar, Comércio e Indústria - Seixal, Redondense - U. Santiago do Cacém, Lusitano de Vila Real - Sesimbra, Olhanense - Desp. Beja e Serpa - Campinense.

Ao vencer o Lasa

Benfica deu um ar da sua graça



Baroti: «a forma está a chegar»

O técnico do futebol do Benfica, Lajos Baroti, mostrou um sorriso aos jornalistas afirmando que a sua equipa dera um ar da sua graça ao derrotar a Seleção do Lasa, por 4-1. Baroti disse que o Benfica jogou 60 minutos «em boa velocidade» assinando que a forma está a chegar com a rodagem nesta digressão ao continente americano. Sobre as aquisições, Folha e Filipovic, Baroti declarou que ambos os jogadores precisam ainda de tempo para se integrarem no sistema de jogo.

«Não é de admirar aquilo que se está a passar», comentou Baroti que espera uma outra presença positiva do Benfica no próximo jogo, sábado com a Seleção de Toronto.

Para Humberto Coelho, «capitão» do Benfica, a forma como a equipa se bateu, movimentando todas as peças, foi o factor mais importante a extrair do triunfo.

O rendimento da equipa está a subir no seu devido tempo, acrescentou Humberto que recordou serem de pouca importância os resultados conseguidos nos jogos anteriores.

O avançado Nené, que ganhou a Bola de Prata no último Campeonato, abriu o activo, aos 25 minutos, na marcação de uma grande penalidade, encaminhando a sua equipa para uma vitória fácil, que poderia ter um resultado mais dilatado.

O jogo efectuou-se no Estádio de Fairhaven, nos arredores de Boston, frente à selecção do Lasa, da Associação Luso-Americana de Futebol, e o triunfo do Benfica constituiu um prémio para a presença dos muitos emigrantes portugueses, entre os cerca de oito mil espectadores.

O primeiro golo surgiu na marcação de uma falta do guarda-redes Feley que rasteirou Chalan, depois do extremo benfiquista ter driblado quatro defesas, encarregando-se Nené de converter o castigo máximo.

A passe de César. Carlos Manuel elevou o marcador para 2-0,

num remate de longe, sem preparação, e Chalan, aos 38 minutos, limitou-se a empurrar a bola para o fundo da baliza, depois de um falhanço de Eduardo.

César fechou a contagem para o Benfica, aos 57 minutos, ao dar a melhor sequência a uma jogada de insistência de Chalan, junto à linha de cabeceira, enquanto, aos 74 minutos, Mesquita, à entrada da área, apontou o golo dos locais, com um remate forte, com culpas para Botelho.

O Benfica fez um jogo tranquilo, construiu a vitória à base da movimentação das suas principais pedras, revelando um melhor entrosamento como conjunto.

A passagem de Veloso para o meio-campo com a função de apoiar Shéu deu uma maior agressividade competitiva a este sector que passou a dominar o encontro a partir dos quinze minutos, depois de um período de ambientação às reduzidas dimensões do Estádio.

Três golos em treze minutos são o corolário da maior velocidade em que os jogadores desenvolveram as jogadas ofensivas, canalizadas com eficácia pelo sector esquerdo onde Cha-

Contrato assinado com o Sporting

Gomes desmente

O internacional Gomes desmentiu hoje a existência de qualquer acordo com o Sporting tendente à sua transferência do Gijon para o clube português. A afirmação de Gomes vem na sequência de informações que começaram a circular ontem segundo as quais os ex-futebolistas do FC Porto estaria já com contrato seguro no Sporting. Gomes mostrar-se-ia mesmo, aos microfones da RDP, surpreso por tais rumores considerando que os mesmos prejudiciais a possíveis negociações futuras, tendentes a uma eventual transferência.

Por outro lado, um porta-voz do Gijon disse à agência EFE que a notícia da transferência «é falsa», por não ter havido ainda o «mínimo contacto» entre o seu clube e o Sporting para discutir esse assunto.

Ao cuidado da nossa selecção

Suécia vence a Bulgária

A Suécia, adversária de Portugal no grupo seis europeu de qualificação para o Mundial de Futebol, venceu a Bulgária por 1-0 em jogo particular disputado em Uddevalla.

O veterano Thomas Sjöberg apontou o único golo, aos 15 minutos de jogo.

Portugal também vai ver

Festival dos festivais da canção vai ser televisionado por 22 países



Massiel

Um festival de canções, marcado para 22 de Agosto nas proximidades da capital norueguesa vai ser televisionado para 880 milhões de pessoas de pelo menos 22 países - anunciaram os organizadores.

O festival, que reunirá mais de 20 artistas individuais e grupos de música «pop», que ganharam os festivais europeus da canção desde o seu início em 1956, constituirá a principal atracção da sessão de abertura da trigésima Segunda Feira Anual de Momarkedet.

O espectáculo será transmitido em directo para a Noruega, Dinamarca, Bélgica, Alemanha Federal, Irlanda e Peru.

Portugal, juntamente com outros 15 países, comprou já a gravação do espectáculo para transmitir em diferido. Este é o caso da Suécia, Finlândia, Inglaterra, Áustria, França, Holanda, Espanha, Chipre, Grécia, Egipto, Jordânia, México, El Salvador, República Dominicana e Hong-Kong.

Participarão no festival antigos vencedores do concurso da Eurovisão como a suíça Lys Assia, que conquistou o primeiro lugar em 1956, Sandie Shaw e Lulu, da Grã-Bretanha, Massiel, de Espanha, a Francesa Frida Boccara, Johnny Logan, da Irlanda, e os «Buck Fizz», também britânicos, que ganharam o último festival.



Sandie Shaw

Bienal de artesanato em Vila Nova de Cerveira

O presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira salientou ontem «a necessidade de criar neste concelho uma escola de artes e ofícios».

Germano Cantinho falava na Bienal de Artesanato a decorrer naquela vila do Alto Minho durante uma sessão de homenagem à Imprensa.

A bienal, que se encontra patente durante todo o corrente mês, apresenta 50 ex-

positores pertencentes a várias regiões do Mondego para Norte.

Os artigos em exposição vão desde tapeçarias, louças, trajes regionais até à pirotecnia.

O responsável pela autarquia de Cerveira revelou que o município gastou na realização desta manifestação cultural cerca de cinco milhões de escudos.

Karl Boehm gravemente enfermo

O maestro Karl Boehm encontra-se em estado de coma, soube-se ontem junto dos seus familiares. O famoso chefe de orquestra austríaco, que conta 87 anos, sofreu há algumas semanas um ataque cardíaco durante a rodagem do filme «Electra» baseado na ópera de Richard Strauss, no qual colabora como director musical. O seu estado tem vindo deste então a agravar-se.

Sua mulher Thea e os médicos assistentes não abandonam

a sua cabeceira no apartamento do hotel «Steinlechner», residência habitual do maestro durante as temporadas do festival de Salzburgo.

Devido às suas precárias condições de saúde, o enfermo viu-se impossibilitado de assistir às festividades organizadas por ocasião do lançamento do livro «Karl Boehm - A Vida de Um Chefe de Orquestra», de que é autor o crítico musical austríaco Franz Endler.

ALUGA-SE

SÃO JOÃO
DO ESTORIL

Edifício térreo independente 300 m2 área útil mais 880 m2 logradouro.

Escritório/armazém/ etc.

Aceitam-se propostas.

Resposta a este jornal ao n.º 13801

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Administração dos Portos
do Douro e Leixões

Concurso público para execução da empreitada para «renovação do refeitório do pessoal da A.P.D.L.»

Na sede da Administração dos Portos do Douro e Leixões, Palácio da Bolsa, cidade do Porto, perante a comissão para esse fim nomeada, realizar-se-á no dia 30 de Setembro de 1981, pelas 15,00 horas, o concurso para execução dos trabalhos supracitados.

As propostas serão entregues naquele local, até à hora marcada para o acto público do concurso.

Preço base: 20 000 000\$00

Valor da caução provisória: 500 000\$00

Alvará: da I Categoria — Construção Civil e/ou 1.ª Subcategoria — Edifícios, na classe correspondente aos valores da proposta, tal como definida nos n.ºs 1 e 2 do Art.º 1.º, do Decreto-Lei n.º 310/80, de 19 de Agosto.

O programa e condições do concurso estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, nos seguintes locais:

- Divisão de Secretariado da Direcção dos Serviços Administrativos e Financeiros, Palácio da Bolsa, Porto;
- Secretaria de Expediente da Direcção dos Serviços de Produção e Obras, Avenida da Liberdade, Leça da Palmeira e
- na Secretaria Geral do Ministério dos Transportes e Comunicações, em Lisboa, onde pode ser examinado.

Administração dos Portos do Douro e Leixões, em 10 de Agosto de 1981.

Pel' O PRESIDENTE DO CONCELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

(assinatura ilegível)



CORUCHE



Grupo A - melhores 6 anos

PELA PRIMEIRA VEZ

JOÃO MOURA

DOMINGO 16 DE AGOSTO ÀS 17,30H

CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES

ANTÓNIO PALHA TELLES

ESPADAS

MÁRIO COELHO

PEPE CAMERA "DA VENEZUELA"

FORCADOS AMADORES DO MONTIJO

7 TOIROS

3 DE JORGE P. DOS SANTOS
4 DA HERDADE CAMARATE

NAS FESTAS DO CASTELO

JOÃO MOURA

2ª FEIRA 17 DE AGOSTO ÀS 17,30H

CAVALEIROS

LUÍS M. DA VEIGA

JOÃO MOURA

JOÃO PALHA TELLES

FORCADOS AMADORES DE CORUCHE E LISBOA

6 TOIROS

DE HERD. DE CONDE CABRAL

ALGARVE

TERRENOS RÚSTICOS

Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 80 000\$00. Telefone 364651 ou contactar com o sr. Rocha, Figueira (V. Bispo), (das 17 às 21 horas)

PORTO-BENFICA

EXCURSÕES ESPECIAIS

2 PARTIDAS

1 dia — Só transporte (22 de Agosto)

2 dias — Com alojamento (22-23 de Agosto)

PREÇOS ESPECIAIS

FORNECEMOS BILHETE PARA O JOGO

RESERVE ANTECEDÊNCIA COM CONSULTA-NOS TAMBÉM PARA:

- PASSAPORTES
- VIAGENS EM PORTUGAL E ESTRANGEIRO (CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA GRUPOS)

RUA IVENS, 10
Telefs.: 36 11 77 — 36 45 76
36 48 56



PRISMA

VIAGENS E TURISMO LDA.

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida.

Seja INDEPENDENTE.

GANHE MAIS DINHEIRO.

TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS

ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



LI COSTURA

LI FOTOGRAFIA

LI RELAÇÕES PÚBLICAS

LI VENDAS / MARKETING

LI CONTABILIDADE

LI RADIO ELECTRONICA, TV

LI DESENHO E PINTURA

LI ELECTRICIDADE

LI INGLÊS

LI SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

DL/21



CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA CODEX - Telef. 54 31 36

IPC envia "A Revolução de Maio" ao Festival de Edimburgo

"A Revolução de Maio", de António Lopes Ribeiro, filme de propaganda do Estado Novo, vai ser enviado pelo IPC ao Festival de Edimburgo, em representação do cinema português da década de 30, juntamente com "A Canção de Lisboa", de Cotinelli Telmo, "A Canção da Terra", de Jorge Brum do Canto e "Maria Papoila", de Leitão de Barros.

O cinema português dos anos 70 será também recordado no certame, que se realizará naquela cidade de 15 a 23 de Agosto, com os seguintes filmes:

"Jaime", de António Reis, "Brandos Costumes", de Alberto Seixas Santos e "As horas de Maria", de António Macedo.

Estes filmes serão exibidos numa secção especial do festival organizada pela revista de cinema "Frame Wark" em colaboração com vários críticos ingleses. O "special event" incluirá igualmente diversas produções recentes como sejam:

"Oxalá", de António Pedro de Vasconcelos; "Manhã Submersa", de Lauro António; "Cerrromaior", de Luís Filipe Rocha; "Bom Povo Português", de Rui Simões; "Acto dos Feitos da Guiné", de Fernando Matos Silva; "Conversa Acabada", de João Botelho e "Francisca", de Manoe, de Oliveira.

Esta última obra de Oliveira será projectada no fim do festival numa sessão especial para a imprensa.

A convite dos responsáveis por esta iniciativa, e com a colaboração do Instituto Português de Cinema, deslocar-se-ão a Edimburgo os realizadores António Pedro de Vasconcelos, Fernando Matos Silva, Rui Simões e Manoel de Oliveira que participarão em debates sobre cinema português. A mostra estará também presente o presidente da comissão administrativa do IPC, Luís de Pina. Todos estes filmes serão depois exibidos entre 2 e 10 de Setembro, no Centro Cultural Ica de Londres.

Praça de Touros do Campo Pequeno, quinta-feira, 6 de Agosto de 1981. Corrida da Imprensa. Touros dos Irmãos Vinhas para Luiz Miguel da Veiga, Emídio Pinto, forçados amadores de Santarém, Eloy Cavazos e «Niño de la Caape».

Corrida da Imprensa. Casa cheia, a condizer com o cartaz, de verdadeira excepção para o que resta da aficção de Lisboa e arredores. Já que as corridas da Rádio e da Televisão não se fariam de cavalos, que seja a da Imprensa a manter acesa em Lisboa a chama dos velhos tempos. Tempos em que era frequente anunciarem-se cartazes dignos de Madrid ou de Sevilha, corridas como essa que eu vi, com estes olhinhos que, se não cair dalgum cacilheiro, a terra há-de comer: Domingo Ortega, Manolete e Fermin Rivera. E, a cavalo, João Nuncio. Com touros de Infante da Câmara. Quase nada, só numa tarde quatro figuras grandes, desse tempo e de todos os tempos: e entre elas os "cumbres" do toureiro a pé e a cavalo.

Mas não exageremos, agora que ao Campo Pequeno não vêm figuras, e se vem alguma vem sozinha, com o contrapeso de nomes da terra, gente de pouco pedir, que se pedirem mais ficam em casa. De modo que honra seja feita à Casa da Imprensa, ao seu aficionado

propósito de reacender, ao menos uma vez no ano, a chama dessa tradição perdida; desses anos em que Lisboa entrava no calendário de todos os grandes do toureio, desde Guerrita a Joselito, de Belmonte a Manolete, de Armillita a Marcial Lalande. E desta vez, para que mais viva fosse essa chama, ao México foram buscar um dos primeiros, é obra, atravessar duas vezes o Atlântico só para vir tourear numa noite de quinta-feira ao Campo Pequeno.

Começemos pois por ele, por Eloy Cavazos. Como já passou a idade de crescer no tamanho (nasceu em Guadalupe, em Agosto do ano 50), continua pequenino na estatura; mas, reduzido também na arte, em seu lugar põe a graça da simpatia, e o movido valor que pelos vistos não perdeu nas centenas de corridas que já toureou desde aquela tarde de Madrid, Santo Isidro de 1972: passaram nove anos, e ainda hoje estou para saber como não precisou de escadote para montar a espada, e depois cravá-la assim, inteira e corajosa, emocionante, nos seiscentos quilos do castanho de Amelia Perez Tabernero. Espon-tâneo e variado, com o gesto e a alegria de quem faz a festa e deita os foguetes, Eloy Cavazos mostrou no Campo Pequeno, mesmo sem género propicio a grandes flores, e também por isso, um invulgar "placeamento", um sitio que lhe permitiu

meter-se assim com os Vinhas: que, bem contra vontade, foram obrigados a entrar na teia emaranhada, mas ligada, dos passes repentistas do mexicano, do seu tourear cingido, do seu sair com vista dos apuros, de cada situação tirando efeito para o adorno, que é como quem diz para o aplauso, que agradece com a mesma trepidante vibração do seu toureiro. Dividiram-se as opiniões no terceiro, que ou se engana a minha vista, ou tinha a vista dele reparada; mas já o aplauso foi unânime no sétimo, o que Cavazos retribuiu com esse gesto dos toureiros quando querem fazer mais sentido o agradecimento. Beijou um punhado de terra que pisava. A coisa não era para tanto.

El Capea não atravessara o largo oceano, mas chegava do seu ir e vir entre praça e praça de Espanha, toureiro de todas as tardes. Talvez por isso, Pedro Moya esteve no Campo Pequeno sem pôr a carne no assador. Alguns momentos houve, luzidos e com sabor, com eles se contentou um público pouco dado a exigências. A verdade é que não se empenhou com a capa (mesmo sem falar de que não alternaram em quites os matadores, isso no Campo Pequeno foi chão que deu uvas); e na muleta também não se entregou o de Salamanca, com o talentoso ofício se aliviou o quanto pôde para não lhe ficar a imagem comprometida.

E comprometida não ficou a imagem de cavaleiros e forçados: embora sem conseguirem na arena reclamar para si o lugar de vedetas, saírem do segundo plano para que nesta corrida os relegaram, contra o costume até no cartaz os nomes lhes puse-ram por baixo dos matadores. Veiga, que anda visivelmente mais confiante, começou adorado no primeiro, um Vinhas que aprendeu a lição depressa demais, quando a lide acabou já sabia mais de latim que o cavaleiro, pô-lo em apuros para lhe trocar as declinações; e no quinto, fino na brega mas sem aguentar nas reuniões, a lide de Veiga foi daquelas que se perdem entre tantas, sem nada para esquecer nem para recordar. E de Emídio Pinto ficou a impressão que está por fim a reencontrar o sitio que tardava; toureiro assente no sóbrio e clássico rigor, sem a centelha do inesperado, pôs emoção no aguentar os cites na cara dos touros, farpou com acertada brevidade. Desacertada, essa sim, aquela sua ideia peregrina de ir buscar, para o agradecimento dos aplausos, um forçado que não tinha sequer tentado a pega, porque o touro se pusera a coxear duma das mãos, ficara inválido de todo. De resto, nas três pegadas que pôde fazer, não esteve em noite feliz o grupo de Santarém, e injusto foi o público com a pouca fortuna do valoroso Pedro Balé, por isso também no

segundo Emídio deu sozinho a volta da praxe, essa volta que em praças portuguesas é mesmo da praxe, raramente tem a ver com aquilo que fizeram os toureiros, muito, pouco, ou nada.

Nada era o que eu devia dizer de tudo o que sucedeu no Campo Pequeno, diante daqueles Vinhas. Não por serem man-sos e sem estilo — mas por serem assim, sem presença, nem lâmina, nem cabeça, grandes só tinham as unhas. E, como se as hastes serradas não bastassem, o terceiro e quarto eram tão baixéis que definiam por si só o pouco escrupulo; ainda por cima, anunciados como touros, touros não eram, como muito bem sabiam desde os ganaderos ao inteligente. Enfim, a coisa está feita para logro do público, exploração dos ignorantes.

E o pior é que tudo indica tratar-se duma condenação perpétua, duma inútil e sempre adiada esperança, sem outro fundamento além daquele com que, do alto da triste figura, Don Quixote animava Sancho Pança, escudeiro de seus sonhos: "Todas estas borrasças que nos acontecem são sinais de que em breve irá o tempo serenar, e não-de suceder-nos bem as coisas, já que não é possível que o mal nem o bem sejam duradouros; donde segue que, tendo durado muito o mal, o bem está já perto".

Festival de Teatro Amador de Lisboa

Carnide apostou em Shakespeare

O Grupo de Teatro de Carnide conquistou o 1.º prémio do Festival de Teatro Amador de Lisboa com a apresentação da peça "Rei Lear", de W. Shakespeare, em tradução livre de Bento Martins.

O 2.º prémio foi atribuído ao Grupo de Teatro Patolas com a peça "Barracas" de Horácio Manuel, classificando-se em 3.º lugar "ex-aequo" o TAMUR — Teatro Amador do Murtal, que apresentou a peça "A Birra do Morto", de Vicente Sanches, e o GATO — Grupo de Acção Teatral de Oeiras, com a peça "Povoação — Vende-se", de Andres Lizarraga.

Foram ainda atribuídos os seguintes troféus:

Melhor encenação — Domingos Lobo, na peça "Povoação — Vende-se"; melhor interpretação feminina: Fernanda Ramos na peça "Os Restos"; melhor interpretação masculina: "ex-aequo", Paulo Magalhães em "Povoação — Vende-se" e João Barros na peça "A Confissão"; melhor realização plástica: Jorge Rocha na peça "Rei Lear"; melhor música: Amadeu de Moura Stoffel, já falecido, na opereta "Senhora dos Navegantes".

O Festival de Teatro Amador de Lisboa foi organizado por iniciativa da Câmara Municipal. Concorreram cerca de 30 agru-

pamentos que realizaram os espectáculos de selecção nas suas sedes. Todos os grupos receberam um subsídio para montagem das peças tendo tido à sua disposição apoio técnico.

O júri nomeado pelo município seleccionou 10 grupos que se apresentaram durante o mês de Julho no Teatro de S. Luís, de onde saíram os vencedores agora conhecidos.

Por ocasião da atribuição dos prémios em Setembro/Outubro, o município promoverá a apresentação de uma série curta de espectáculos, no Teatro de S. Luís, com cada um dos grupos premiados.

O Grupo de Teatro de Carnide

foi fundado em 1960 por um grupo de jovens do qual fazia parte João Mota que hoje dirige "A Comuna", fruto da natural tradição teatral da própria colectividade em que se insere: a Sociedade Dramática de Carnide.

Até hoje o grupo já apresentou mais de duas dezenas de obras tendo atingido uma grande maturidade técnica-artística no campo específico do teatro de amadores do nosso país.

O grupo de teatro "Patolas" foi fundado em Maio de 1976 exclusivamente por jovens operários residentes na zona oriental de Lisboa-Bairro Chinês, tendo até hoje realizado 130 espectáculos.

Prémio

D. Dinis - 81

As obras literárias "O Mosteiro", de Agustina Bessa Luís, e "Lusitânia", de Almeida Faria, publicadas em 1980 foram ambas distinguidas com o Prémio "D. Dinis"-81, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus.

O júri era composto pelos professores Maria Alzira Seixo, Ricardo Carvalho Callero, Alonzo Zamora, Vicente e Vasco Graça Moura, que presidiu ao mesmo.

O prémio no valor de 300 mil escudos, será entregue numa cerimónia a realizar em Outubro, na sede da Fundação da Casa de Mateus, localizada em Vila Real.



**CALDAS
DA RAINHA**

15 de Agosto às 18 horas

TRADICIONAL CORRIDA DE TOIROS

**Cavaleiros David Ribeiro Telles
Luís Miguel da Veiga**

**Espadas Ricardo Chibanga
António de Portugal**

**Forçados Amadores de Caldas da Rainha
7 touros de Simão Malta de Montemor-o-Novo
A QUASE CENTENÁRIA
CORRIDA DE TOIROS DA REGIÃO**



PAGA AS FAVAS!

UM GRANDE ELENCO NUMA GRANDE REVISTA!



SE

estiver cansado

procure boiar

e não hesite em pedir socorro

De 3.ª a 5.ª às 21.30
6.ª e sáb. às 20.30 e 22.45
Domingos às 16 e 21.30

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

O Evaldo foi-se embora

Silêncio nos jogos

Os joguinhos sem fronteiras acabaram mesmo agora provando mais uma vez que, se na TV de cá não têm fronteiras os jogos, a chatice também não. Ai, ô Climaco desculpa desculpa Climacozinho se alguma vez te dissermos cousas que ouvido incomodam: ontem, só, compreendemos que se existe alguém que sirva os interesses do País, se existe alguém que esclareça os milhões de portugueses, alguém que a gente precise de ouvir para entender algo, esse alguém és Tu, só Tu. Assim, sem ninguém falando, num silêncio sepulcral onde o país não tem voz parece mesmo que já entrámos pra CEE... Foi como se, de repente, a gente voltasse atrás ao tempo do velho cinema mudo dos Lumiére quando as imagens malucas contavam consigo apenas. Só faltou mesmo, e foi pena, que se esborrachasse o creme na fuça comercialona de Olivieri e Pancaldi, pois a TV que nós temos (temos é como quem diz...) não merece nem o creme: merece um pano encharcado...

A fábula

Se assim foi, por que seria? Falta o Climaco porquê? Porque — disse a locutora — estão em greve os CTT. Fica um fulano pasmado das estranhezas que são. As greves? Não valem nada, nem um tostão, um tremçoço. «Pff, pfff — dizem as gerências — a greve não nos afecta fiquem-se lá sem trabalho a ver se a gente se importa». Na visão do patronato a adesão é sempre pouca. Uma vez, na Rodoviária, disseram que os carros todos haviam funcionado: os carros que referiam eram os de mão e os triciclos... Ainda há dias, aqui,

no próprio Telejornal nos disseram que a adesão à greve dos CTT fora de trinta por cento: isto de cartas viciadas também as há, lá por casa... Não podem dizer agora que não teve efeito a greve, sem adesão, tal e coisa: foram milhões os que viram a força de quem trabalha naquela ausência do Climaco. É um simples pormenor. Será talvez uma fábula, para mostrar que não há força maior que a de quem trabalha. E o resto são cantigas de formigas e de pulgas.

Nem o pai morre...

... Então, foi o grande golpe. Ferido de ingratidão contestado na família que lhe recusa a atenção e que lhe não balsa a mão ao ver o pobre no chão, sai de casa, vai-se embora de cabeça erguida, o Evaldo. Foram de uma crueldade para o pobre, que só visto. Eu, rico de melodia que Helena tramóia canta, vejo Irene a dar cavaco ao mano, pinto calçado. Furor, quem quiser, amande-o entre desfreitas, maleitas, mais a peste a dê, quem queira: certo é que Evaldo se foi já balhelhas do toutiço abominando o malandro que o meteu nisso, uma vez ele que tanto aprecia o brandynho e o café... Entretanto, a Lígia sofre seu amor mal dirigido seu bem-estar mal digerido; o Nelson foge aos encartes da fraternal miguelice; a Sandra já fotografa muito melhor que o Cabrita e quer apanhar o Bruno, apanhá-lo em corpo inteiro; diz-nos a Celeste que ama que ela acamava melhor o Miguel que a Lígia acama, e acamarada com esforço; a Stela, rica maluca cai sempre nos laços que arma; o Marcos e a Janette metem os beijos e podem o que a censura lhes deixa...

Mas tudo isso não importa, suba a carne, suba o peixe falte o leite no mercado haja arroz de maior preço seja mais caro o transporte custe mais a gasolina as férias não tenham gosto caiba o prazer num dedal que não esteja costurando (e está sempre costurando sempre a picar-nos os dedos...) aconteça o que aconteça venha ou não a CEE ou talvez a ECC ou ainda a CEC quem sabe se a CCE, pertença ou não Portugal, à Europa, à América, à Ásia, Eufrásia ou Papuária, tudo isso não importa ao pé desta nossa angústia de saber que o Miguel vai prós anjinhos. Mas quando?

Morra o Miguel e depressa para ver se a gente almoça.

Evaldo não, nem os amigos dele

Pois foi-se embora o Evaldo. Demitiu-se da família, não podia sofrer mais e já não aguentava estava mesmo até aqui. Mas há quem diga (a Janette, a Janette topa-o bem!) que ele volta, que ele volta que ele volta pra fazer o quê? Ora, ora, o quê... Para fazer o que fazia: malandricas, traulhices, tudo o mais que a gente sabe. Sem ele e outros que tais era boa a água viva. A gente não os quer ver mais. Tenho dito.

RN coimbra

cep 02

INFORMAÇÃO

EXPRESSO

DAS BEIRAS

LISBOA - LEIRIA - COIMBRA - VISEU - GUARDA - VILAR FORMOSO

INICIO EM 10 DE AGOSTO DE 1981

HORÁRIO

07.00	P	LISBOA	00.30
09.25		Leiria	22.05
09.50		Pombal	21.40
10.30	C	COIMBRA	21.00
10.35	P		20.55
11.30		Mortágua	20.00
11.40		Santa Comba Dão	19.50
11.55	C	Tondela	19.35
12.15		VISEU	19.15
12.20	P		19.10
12.45		Mangualde	18.45
13.20		Fornos de Algodres	18.10
13.40	C	Celorico da Beira	17.50
14.15		GUARDA	17.15
14.40	P	Pinho	16.40
15.15		VILAR FORMOSO	16.15

(VIAGENS DIÁRIAS)

Para mais informações consulte os serviços RN

CURSOS DE VERÃO EM PORTUGAL E INGLATERRA

Verão é o tempo de férias e de descanso! É a melhor altura para passar algumas horas do dia a aprender ou a aperfeiçoar o seu Inglês, Francês ou Alemão.

- Cursos Intensivos mensais em Julho, Agosto e Setembro.
- 24 ou 40 aulas por mês.
- Aulas de 50 minutos.
- Horários a escolher de manhã, à tarde e à noite.
- Grupos para adultos, estudantes e crianças
- Lisboa, Benfica, Almada e Porto.
- Inscrições limitadas.

A Cambridge School também lhe oferece a oportunidade de passar algumas semanas na Universidade de Kent, em Canterbury, onde Linguarama/Cambridge organiza cursos intensivos de Inglês numa agradável atmosfera internacional.

Para inscrições e mais informações contacte-nos já, para:

LISBOA:
AV. DA LIBERDADE, 173-1º
TEL. 554780 - 554789 - 1200, LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 173-4º
TEL. 41352 - 576030 - 1200, LISBOA
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. - TEL. 884544 - 899601 - 1000, LISBOA
BENFICA:
EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. - TEL. 704329 - 703638 - 1500, LISBOA
ALMADA:
PRAÇA DO M.F.A., 12-1º TEL. 2760234 - 2753218 - 2800 ALMADA
PORTO:
RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º - TEL. 560397 - 561130 - 4000, PORTO

As Secretarias funcionam ininterruptamente das 9 às 21 horas.



«Os Anjos de Charley» voltam a actuar

- 18.50 Abertura
18.52 Sumário
18.57 Tempo dos Mais Novos
19.30 País, País
19.50 Debate sobre incêndios nas florestas
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Vamos Jogar no Totobola
21.15 «Os Anjos de Charley» - 9.º episódio.
22.05 «Água Viva» - episódio n.º 122.
22.50 Últimas Notícias
22.55 Encerramento da Emissão



Artur Duarte realizador de «A Garça e a Serpente»

2 RTP

- 20.27 Abertura
20.30 Informação/2
21.00 Noite de Cinema - «A Garça e a Serpente».
23.00 Encerramento da Emissão

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

RTP-1

«Os Anjos de Charley» (21.15)

RTP-2

«A Garça e a Serpente» (21.00)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA (tel. 2112871)

Amanhã

1 RTP

2 RTP

18.50: Abertura; 18.52: Sumário; 18.57: Tempo dos Mais Novos; 19.30: País, País; 19.50: Pergunte Conosco - 1.º programa; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.05: «Hollywood» - 11.º episódio; 22.00: «Água Viva»; 22.50: Últimas Notícias; 22.55: Encerramento da Emissão.

20.27: Abertura; 20.30: Informação/2; 21.00: Sinais do Tempo; 21.30: Solid Gold; 22.30: Lugares da Europa; 23.00: Encerramento da Emissão.

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE - T. 2752175

FÉRIAS DA COMPANHIA

A SEGUIR
«A RECTA-GUARDA»

de Romeu Correia

SUB SEC/CMA

A ARTE EM ITÁLIA

CIDADES DE ARTE

Visitando:

ROMA, ASSIS, PERUGIA, RAVENNA, FLORENÇA, VENEZA, VERONA, MILÃO, ETC.

PREÇOS DESDE: 49.500\$

AGUADELA SICILIANA

Visitando:

ROMA, NÁPOLES, AGRIGENTO, SIRACUSA, TAORMINA, ETNA, PALERMO, ETC.

PREÇOS DESDE: 59.750\$

CIRCUITOS DE 10 E 9 DIAS (em avião e autocarro)

PENSÃO COMPLETA, BONS HOTEIS DE 3 E 4 ESTRELAS

Informações e reservas:



UM SONHO ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA

LISBOA - Avenida de Liberdade, 233. Tel. 535121

LISBOA - Avenida de Roma, 36A. Tel. 778852

PORTIMÃO - Av. Tomas Cabreira - Vm. Santa Ana

Prato de Rocha. Tel. 23277

membro WATA em Portugal

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo

Circular e viver

Música

Tibor Varga, um dos maiores violinistas da actualidade, tocará hoje, às 21.30, na igreja dos Salesianos no Estoril. Presente de novo no VII Festival de Música da Costa do Estoril depois do seu grande êxito no passado mês de Julho, dará um recital a solo com a Sonata em Dó maior e a Partita em Ré Menor, de Bach, e a Sonata para violino, de Bela Bartok, de quem é considerado, talvez, o maior intérprete.

Non stop rock Algarve 81 - Amanhã, o Algarve vai ser palco de um Festival de Rock, a ter lugar na Praça de Touros de Vila Real de Santo António, às 21.30. O evento pretende preencher uma lacuna habitual no tocante a concertos de rock na área Oeste do Algarve, através de uma montagem de três dos mais significativos grupos rock portugueses: UHF, Táxi e GNR.

Cinema

Numa iniciativa conjunta da Secretaria de Estado da Cultura e da Embaixada de França, ao abrigo dos acordos vigentes, e com o apoio do Centro Cultural do Alto-Minho vai realizar-se em Viana do Castelo entre 15 de Agosto e 30 de Setembro, um estágio de Cinema Directo, com a participação de uma equipa de animadores franceses sob a orientação de Jean Rouch.

Este estágio, que terá lugar nas instalações do Centro Cul-

tural do Alto-Minho, admitirá seis participantes, com experiência anterior no domínio do cinema e ligados a Associações e Centros Culturais.

Qualquer informação poderá ser prestada no CCAM, ou através do telefone 24819.

Ilusionismo

Pombos, coelhos, cartas e jóias fazem parte do «mundo louco da fantasia» do ilusio-

rôteiro cultural

nista francês Pierre Brahma, bicampeão do mundo de magia, que se estreia no Estoril.

Brahma, 40 anos, natural de Marselha, é totalmente surdo desde 1973 e utiliza a expressão labial.

Formado em direito pela Universidade de Montpellier, participou em Maio num espectáculo do Ano Internacional do Deficiente no qual também actuaram Demis Rousos, Elton John e o futebolista

brasileiro Pelé. Estará no Estoril até 9 de Setembro.

Exposições

Fundada em 1963, a Cooperativa Árvore tem mantido uma actividade polifacetada, embora tenha dedicado ao longo destes anos uma atenção muito especial à divulgação das Artes Plásticas.

É no Porto um dos principais

centros de divulgação das Artes Plásticas, possuindo três amplas salas abertas aos seus sócios produtores e a outros artistas convidados a expor. Tem igualmente colaborado com diversos organismos nacionais e estrangeiros, nomeadamente com Associações de Amizade, com o British Council, Embaixadas da RDA, USA, Polónia, França, etc...

Desde o dia 31 de Julho e até 30 de Agosto está patente ao público na Cooperativa a «II Exposição Colectiva da Árvore» na qual estão representados cerca de 90 artistas - sócios produtores - com um total de 161 trabalhos.

Esta Exposição poderá ser visitada dentro do seguinte horário: segunda a sábado, das 16 às 23 e domingos das 16 às 20 horas.

D. António, Prior do Crato, é tema de uma exposição bibliográfica patente ao público na Biblioteca Nacional. Organizada por iniciativa do Governo Regional dos Açores, a mostra assinala o IV Centenário da batalha da Salga, na Terceira, em que os partidários de D. António venceram as tropas espanholas.

O futuro Centro de Arte Contemporânea da Gulbenkian pode ser antevisto através de projectos e de parte da colecção que vai albergar, patentes numa exposição que se estende pelos dois pisos da Galeria de Exposições Temporárias da Fundação. O certame assinala o 25.º aniversário da instituição.



Amanhã vai haver «rock» em Vila Real de Santo António

claras turismo

FÉRIAS VERÃO 81

VIAGENS DE AVIÃO

PALMA MAIORCA	desde 18 920\$00 por pessoa	1 semana
CANÁRIAS	desde 16 900\$00 por pessoa	1 semana
IBIZA	desde 19 100\$00 por pessoa	1 semana
BENIDORM	desde 18 620\$00 por pessoa	1 semana Pens. Completa
JUGOSLÁVIA	desde 29 800\$00 por pessoa	1 semana Pens. Completa
ROMÉNIA	desde 25 900\$00 por pessoa	1 semana Pens. Completa
MADEIRA E PORTO SANTO	desde 24 560\$00 por pessoa	2 semanas

INFORMAÇÕES E RESERVAS

R. N. — VIAGENS E TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 Lisboa Codex
Telef: 56 00 15 - 56 34 51/2

E NÃO SE ESQUEÇA...

CONNOSCA QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO
PEÇA O NOSSO PROGRAMA «FÉRIAS 81»

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	52\$20	57\$20
ALEMANHA FED (marco)	26\$10	27\$20
AUSTRIA (xelim)	3\$65	3\$85
BELGICA (franco)	13\$48	13\$48
BRASIL (cruzeiro)	\$401	\$655
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	53\$80	55\$80
(notas de 5 a 1000)	54\$30	56\$30
DINAMARCA (coroa)	8\$30	8\$70
ESPAÑHA (peseta)	\$620	\$720
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	66\$10	68\$10
(notas de 5 a 1000)	66\$60	68\$60
FINLÂNDIA (marka)	14\$25	14\$85
FRANÇA (franco)	10\$75	11\$45
HOLANDA (florin)	23\$50	24\$50
INGLATERRA (libra)	95\$75	99\$85
IRLANDA (libra)	119\$50	123\$50
ITALIA (lira)	\$048	\$058
JAPÃO (iene)	\$259	\$294
NORUEGA (coroa)	10\$60	11\$10
SUECIA (coroa)	12\$35	12\$95
SUIÇA (franco)	30\$55	31\$65
VENEZUELA (bolivar)	12\$45	13\$75

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem - cinema; 17.00: Ciclo musical; 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP-regiões; 20.00: Enquanto os outros vêm TV-jazz; 21.00: «Serões na Província», de Júlio Dinis - livre e directo; 02.00: Madrugada na RDP-Centro; 05.30: Programa rural. Grandes blocos informativos: 13.00 19.30 e 23.30.

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; 17.00: Arquivo do disco; 17.30: Quinteto para clarinete e cordas, de Arthur Bliss; 18.00: Dossiers Rimsky-Korsakov; 19.00: O canto e os seus intérpretes; 20.05: Bailado; 20.40: Peças para cravo, de Jean-Philippe Rameau; 21.00: Aspectos da música do Brasil; 22.00: Canções; 22.30: VI Festival de Música da Costa do Estoril; 23.00: O maestro Claudio Abbado; 00.25: Música de piano; 01.00: Fecho

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 16.15: A panela ao lume; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta; 18.10 Espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca; 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Tempo de desporto; 23.08: 24ª hora. Notícias de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolls rock; 21.03: A banda jazz; 22.03: Café concerto; 00.03: O vapor da meia-noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Meta final; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 eks.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13200

HORIZONTAIS:

- 1 Cavidades no queijo. Pronome relativo.
- 2 Monarcas. Cobre (s.q). Liga.
- 3 Fantasia (fig). Clima.
- 4 O mesmo que três. Ribeira de Portugal. Moderato.
- 5 Costurei (inv). Cidade de Itália.
- 6 Montão. Pequeno golpe.
- 7 Rio da Sibéria. Desviam de um lugar.
- 8 Quinhão (pop). Falda.
- 9 Cousa nenhuma. Pronome pessoal. Érbio (s.q).
- 10 Guarnição de asas. Pronome pessoal. Miriara.
- 11 Tornar a mastigar.

VERTICAIS:

- 1 Pacato. Negativa.
- 2 Vê. Reis. Brasil.
- 3 Narrador de acontecimentos.
- 4 Sufixo que designa abundância. Cento e um romano. Apelido.
- 5 Nosso Senhor. Palavra gálica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Artigo indefinido.
- 6 Lastimaram.
- 7 Procuo. Unidade monetária do Japão.
- 8 Madre. Mula.
- 9 Pronome pessoal. Governo.
- 10 Recusa. Percebem.
- 11 Observar. Cor vermelha coralina.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9060

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da Alemanha.
- 2 Terra nova e arroteada de fesco. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria.
- 3 Anel. Habitante da Malásia.
- 4 Nome de mulher. Nosso Senhor.
- 5 Indígenas. Preposição.
- 6 Desenrugadas.
- 7 Em as. Abreviatura de Santíssimo. Amónio (s.q).
- 8 Distar. Enterrar em atascadeiro.
- 9 Compra. Seguias.
- 10 Ósmio (s.q). Cupido. Preposição.
- 11 Amargo. Sufixo que designa abundância.

VERTICAIS:

- 1 Fútil. Sem nome.
- 2 Indignada. Pernadas de sobreiro.
- 3 Magalos.
- 4 Gavinha. V (inv). Parte do lombo dos bovinos entre a pã e o cachaço.
- 5 Alcançara com a vista.
- 6 Bondoso. Serra de Portugal. Sufixo que designa Estado.
- 7 Ave penalta. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Juízo.
- 8 Farinha grossa, o mesmo que ralão. Casta.
- 9 Grande. Cidade da Ásia Menor, capital da Síria.
- 10 Aquela que depois de morta foi rainha. Ósmio (s.q).
- 11 Irmãos do pai. Largo de Lisboa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13199

HORIZONTAIS:

- 1 A. Parem. Ada.
- 2 Liça. Aviem.
- 3 Urraca. Asse.
- 4 Cor. Atar. Ti.
- 5 Isar. Rara.
- 6 Na. Reinos.
- 7 Amoiram. Ai.
- 8 Aura. Arm.
- 10 MELÂNCOLIA
- 11 Amadas. Asso.

VERTICAIS:

- 1 ALUCINA. Ama.
- 2 Iros. Matem.
- 3 Parrano. Aia.
- 4 Aca. Raia. Ad.
- 5 Raça. Ruina.
- 6 E. Alrar. Cs.
- 7 Mâ. Emaço.
- 8 Varr. La.
- 9 Ais. Anatais.
- 10 DESTROÍ. Rás.
- 11 Ameias. Um.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9059

HORIZONTAIS:

- 1 Campas. Teor.
- 2 Atuam. Carpa.
- 3 Nas. Ovo. Ir.
- 4 Aca. Roménia.
- 5 La. It. Mr.
- 6 Esmolar.
- 7 Ais. Cai. Uma.
- 8 Prevê. Ois.
- 9 Aas. Rem. Ata.
- 10 Ri. Bala. Sor.
- 11 Osa. Mesa. Ma.

VERTICAIS:

- 1 Canal. Aparo
- 2 Ataca. Irais.
- 3 Musa. Uses
- 4 Pá.
- 5 Amorteceram.
- 6 V. S. Ele
- 7 Com. Mimosas
- 8 Tál. Eco
- 9 Erin. Lusas.
- 10 Oprmam. Tom.
- 11 Ra. Arrasara

Provérbio: A MELÂNCOLIA ALUCINA E DESTROÍ

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

- 13 a.

WEST SIDE STORY

c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- N. ac. men. 18 a.

LENNY

c/ Dustin Hoffman

Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

LUCKY LUKE A BALADA

DOS DALTON

c/ Elliot Gould, Genevieve Bujold

e Ricky Schroder

Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.10, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30

23.30

- Int. men. 18 a.

E TUDO O FUMO LEVOU

c/ Cheech Marin e Tommy Chong

Um filme de Lou Adler

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.

Aqui o fém... chegou o revólver mais rápido da fronteira, no mais «emotivo» e terrífico dos duelos do Oeste

AS MINHAS PISTOLAS

c/ Cantinflas

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Com Donald Sutherland, Mary Tyler

Não acons. men. 13 anos

20.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

O VERÃO MÁGICO

DO PATO DONALD

Falado em português

3.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Estreia às 21.30 - N. ac. men. 18 a.

É UM PRAZER VOLTAR

A VÉ-LA

c/ Ugo Tognazzi e Françoise Fabian

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18, 21.30 - N. ac. men. 18 a.

Um Charles Bronson sensacional!

O MECÂNICO

(Cópia nova)

Às 24 - N. ac. men. 18 a.

BLUEBOY E COMPANHIA LD.*

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.

CONVIVER, GOZAR...E NÃO SÓ

Pomográfico - Hardcore

Às 24 - N. ac. men. 13 a.

AMOR À PRIMEIRA DENTADA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

VESTIDA PARA MATAR

c/ Michael Caine, Angie Dickinson

Às 24 - Int. men. 18 a.

ZOMBIE A MALDIÇÃO DOS MORTOS

VIVOS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

HOMENS DESENFREADOS

c/ Michael Stearns e Robert Lott B. Mills

Um filme de Lee Frost

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

OS PASSAROS

c/ Roy Taylor e Jessica Tandy

Às 23.45 - N. ac. men. 13 a.

VIAGEM A ITÁLIA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos

AVENTURA NAS

CARAIBAS

Realização Philippe Mannier

(Colorido)

3.ª semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14-16.30-19-21.30

Não ac. men. 18 a.

A CHAMA DA LIBERDADE

c/ Manoj Kumar, Shashi Kapoor

e Hema Malini

Um filme de Manoj Kumar

Eastmancolor

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

HISTÓRIA

DE UM FOTÓGRAFO

7.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

Uma história de coragem e dignidade

humana

O HOMEM ELEFANTE

c/ Anthony Hopkins e John Hurt

Filme de qualidade

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

BATALHA

ALÉM DAS ESTRELAS

Não ac. men. 13 a.

c/ Robert Vaughn e Richard Thomas

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DAS 9 ÀS 5

c/ Jane Fonda, Lily Tomlin

e Dolly Parton

6.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

GERAÇÕES EM CONFLITO

c/ Rishi Kapoor, Ashok Kumar

e Moushumi

Um filme de Sikander Khanna

2.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21.00 - N. ac. men. 13 a.

BEN-HUR

c/ Charlton Heston, Stephen Boyd

e Haya Hararaet

70m

N. B. Não se realiza a habitual sessão

das 18.15

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

A alegria, a melodia, o luxo de Viena e

de Johann Strauss

A GRANDE VALSA

Um filme de Andrew L. Stone

Metrocolor

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.

NOVE MESES

c/ Lili Monori e Dicko Rosie

Um filme de Marta Meszaros

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Um poema de amor e violência

QUO VADIS

c/ Robert Taylor e Deborah Kerr

O filme é exibido no início da sessão

-NOVE MESES- Um tema tratado com rara sensibilidade por MARTA MESZAROS um dos maiores nomes da actual cinematografia europeia.

Em exibição no Cinema Nimas



PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14-16.30-19-21.30

- N. ac. men. 18 anos

A CHAMA DA IBERDADE

c/ Manoj Kumar e Hema Malini

Colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.

Vem aí...

AS MINHAS PISTOLAS

c/ Cantinflas

Aviso: O filme começa logo no início da

sessão

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 18 a.

HARLEM

Realização de Shirley Clarke

Música de Dizzy Gillespie

SALA 2

Às 15, 18.30 e 21.30

(Não ac. men. 13 anos)

KAGEMUSHA

(A Sombra do Guerreiro)

Real. Akira Kurosawa

Filme de qualidade

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- M. 18 a.

PROVIDENCE

Realização de Alain Resnais

Filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- M. 18 a.

TAXI DRIVER

Realização de Martin Scorsese

Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 21.30 e 23.30

Não ac. men. 18 anos

Uma história violenta e absorvente

A CIDADE VIOLENTA

com Charles Bronson

e Telly Savalas

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Para Todos (M. 6 a.)

É só saúde... e gargalhadas na melhor

comédia de Les Charlots

OS MALUCOS NO SUPERMERCADO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14-16.30-19-21.30

- N. ac. men. 13 a.

UM HOMEM (HOMBRE)

c/ Paul Newman

Um filme de Martin Ritt

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30

não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MEIÃO

14.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao

Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45-17-19-21.30-24

- N. ac. men. 13 a.

007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO

com Sean Connery

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

O ESPÍO MAIS PERIGOSO

DO MUNDO

14.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

Sete magníficos soldados numa épica

batalha além das estrelas

A BATALHA ALÉM DAS ESTRELAS

c/ John Saxon e George Peppard

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

2001: ODISSEIA NO ESPAÇO

c/ Keir Dullea, Gary Lockwood

e Stanley Kubrick

Metrocolor

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Int. men. 13 anos

DIVINA LOUCURA

c/ E. Bette Midler

4.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 - P. Restaurado-

res

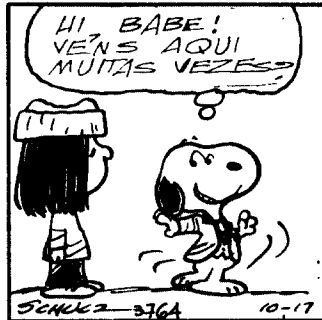


PORTE
PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

Dia 13

2.35 3.4 m 8.06 1.3 m

14.52 3.6 m 20.32 1.2 m

Dia 14

3.17 3.6 m 8.45 1.2 m

15.31 3.8 m 21.10 1.0 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	22°
VILA REAL	24°
PORTO	16°
P. DOURADAS	21°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	28°
LISBOA	18°
ÉVORA	24°
SINES	—
BEJA	21°
SAGRES	19°
FARO	21°
P. DELGADA	21°
FUNCHAL	20°

últimas

O SEMANÁRIO «O TEMPO», citando fontes da Polícia Judiciária, afirma, na sua edição de hoje, que um presumível autor do desvio da gasolina do depósito da aviação em que morreu Sá Carneiro e Amaro da Costa já teria sido identificado. De acordo com o jornal de Nuno Rocha, na altura do acidente, ocorreu na noite de 4 de Dezembro de 1980, em Camarate, faltariam 140 litros de gasolina nos depósitos da «Cessna».

UM PORTUGUÊS FOI PRESO em Porto Ordaz (Venezuela) sob a acusação de ter comido uma orelha a um cidadão venezuelano durante uma briga. José Leitão, de 20 anos, sem cadastro, discutia com o venezuelano Juan Bautista Villahermosa, 28 anos, quando lhe deu a vontade súbita de devorar a orelha direita ao seu parceiro de luta.

UMA RAPARIGA DE TREZE ANOS, Maria da Conceição Borges, foi encontrada morta, ontem à noite, no quarto de uma pensão situada na Rua de S. João da Praça, 83, em Lisboa. A morte, que ocorreu sem assistência médica foi participada ao piquete da Polícia Judiciária. Ao que parece, Maria da Conceição sofreria de uma doença cancerosa considerada incurável.

NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE SANTA APOLÔNIA foi ontem à noite incendiada mais uma carruagem. Nos últimos meses é o quinto caso do género praticado por desconhecidos.

Os valores dos aumentos dos Transportes

Passe L sobe para 560 escudos e o L1 para 735

A partir do próximo dia 1 de Setembro os portugueses que se movem na área de Lisboa vão ter os preços dos transportes aumentados numa percentagem que varia entre 16,6 e 33,3%.

Assim, o passe L, para Caris e Metropolitano, passa de 480 escudos para 560. O L1, que inclui uma coroa e é portanto, válido, para certos percursos em transportes suburbanos, passa de 630 para 735 escudos. Por sua vez, o L2, ou de segunda coroa, passa de 770 para 900 escudos. Quanto ao L3, sofre um aumento de 150 escudos e de 900 escudos passará a custar a partir do dia 1, 1050 escudos.

Na Transtejo, os aumentos são os seguintes: o bimodal

para a «zona estreita», de 300 escudos, passa a custar 350; o passe da terceira idade sobe de 100 para 117\$50; o bimodal para Alcochete aumenta de 800 escudos para 932\$50; para os estudantes, o passe sobe de 750 para 875 escudos, elevando-se o passe semanal da carreira Terreiro do Paço-Montijo de 210 para 245 escudos.

O passe válido em Lisboa para a terceira idade só em certas horas, sobe para 280 escudos.

Quanto aos bilhetes avulsos, eles também aumentam substancialmente. Um bilhete de autocarro de agente único aumenta 5 escudos (dos 20 escudos actuais sobe, portanto, para 25 escudos).

Nos eléctricos e autocarros

com cobrador o bilhete de uma zona sobe de 7 para 9 escudos; o de duas zonas, de 12\$50 para 16 escudos e o de mais de duas zonas, de 19 para 25 escudos. Nos elevadores da Carris, os bilhetes aumentam de 4 para 5 escudos.

O bilhete pré-comprado do Metropolitano passa de 8 para 10 escudos, enquanto o bilhete avulso passa de 12\$50 para 15 escudos.

Na Transtejo, os preços aumentam da seguinte forma: o bilhete simples entre Cacilhas e Terreiro do Paço aumentará de 12\$50 para 16 escudos; os bilhetes pré-comprados sobem de 9 para 11 escudos; o bilhete simples da carreira entre o Terreiro do Paço e Montijo, aumenta 10

escudos, ou seja, de 32\$50 para 42\$50.

A CP e a Rodoviária Nacional aumentam também as tarifas, estas a nível nacional, não havendo ainda números divulgados. Do gabinete de Relações Públicas da CP distribuíram hoje uma pequena nota: «Na base das determinações governamentais, a CP elaborou uma proposta técnica tarifária adequada que foi apresentada ao nosso Ministério (Transportes e Comunicações). A respectiva e indispensável homologação ainda não foi recebida na CP.»

As novas tabelas destas duas empresas públicas estão mais atrasadas, mas os aumentos surgirão também em Setembro.

Governo de Moçambique liberta quinhentos ex-pides

O presidente Samora Machel anunciou a libertação de 500 membros da antiga polícia política portuguesa (PIDE) detidos em 1974 quando a Frelimo tomou o poder — disse ontem Rádio Moçambique.

A Rádio, captada em Joanesburgo, disse que os presos estiveram num «campo de reeducação» na província do Niassa, no noroeste de Moçambique.

Alguns dos homens regressaram a casa, mas outros ficaram no Niassa encarregados de construir uma nova cidade — acrescentou a estação.

O anúncio da libertação foi feito por Machel durante uma visita à província, onde se encontra desde domingo, esclareceu a fonte.

NÃO tome banho em praias sem assistência

MARGUISS
CAIXILUX
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Escritórios e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28-A
Tel. 776610-776609-776633
1100 LISBOA

CRUZEIRO A PALMA E PORTOS FRANCOS
De LISBOA a LISBOA
2 Partidas: 16 e 23 de Agosto 1981
A sua melhor semana de férias
A bordo do moderno paquete
FUNCHAL
Classe única * Serviço de 1.º cl.
PALMA DE MAIORCA GIBRALTAR e CEUTA
Preços excepcionais desde **22.900s**
Vantagens compradas em Portos Francos
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
PORTO - Av. de Roma, 66-B - Tel. 805096
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8
UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

abreu
FUNDADA EM 1840
DEPARTAMENTO DE CARGA
SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM:
• Transportes Internacionais TIR
• Carga Aérea
• Carga Marítima
• Serviços Regulares em Camiões Completos e Grupagem de e para toda a Europa
• Grupagem Aérea para todo o Mundo
• Serviço Marítimo convencional e contentorizado
PORTO
Av. Aliados, 221
Telef. 317921
Telex. 22315 ABREU-P
LISBOA
Av. Liberdade, 164-4º
Telef. 368783/371341
Telex. 16426 ABREU-P
Também em CARGA a tradicional qualidade

4 SEMANAS DE EXCURSÕES
SUÍÇA ÁUSTRIA
Lago Constança-Munique-Salzburg
Vienna-Villach-Cortina d'Ampezzo
Innsbruck-Zurique
Partidas: 16, 23 e 30/7, 6, 13, 20 e 27/8, 3 e 10/9 - 8 dias de viagem
SUÍÇA ÁUSTRIA
Lago de Suica-Interlaken-Geneve
Milão-Venezia-Cortina d'Ampezzo
Innsbruck-Zurique
Partidas: 16, 23 e 30/7, 6, 13, 20 e 27/8, 3 e 10/9
CIRCUITO DOS 3 ALPES
14 dias
Madrid-Zaragoza-Barcelona-Montpellier
Marselha-Nice-Milão-Pádua-Veneza
Cortina d'Ampezzo-Innsbruck-Zurique
Partidas: 3/7 e 17/9
SUÍÇA ÁUSTRIA JUGOSLÁVIA
8 dias
Zurique-Innsbruck-Salzburg-Graz
Zagreb-Ljubljana-Postojna-Trieste
Pádua-Come-Lugano-Andematt
Partidas: 16, 23 e 30/7, 6, 13, 20 e 27/8, 3 e 10/9
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
PORTO - Av. de Roma, 66 - Tel. 803609
COIMBRA - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
FARO - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

CASA DA SORTE
Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL
1.º PRÉMIO - 2.659 - 30.000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 68.290 - 6.000 CONTOS
3.º PRÉMIO - 32.915 - 3.000 CONTOS
Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO
OUTROS PRÉMIOS
APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO
2.658 - 431.400\$00
2.660 - 431.400\$00
PRÉMIOS DE 120 CONTOS
301; 906; 1.014; 1.519; 1.767; 1.934; 3.820; 5.362; 6.481; 8.133; 9.345; 12.064; 12.642; 17.406; 19.856; 19.983; 20.137; 22.981; 23.765; 24.453; 27.544; 28.551; 29.143; 29.306; 29.331; 34.037; 35.312; 37.418; 39.185; 39.595; 40.602; 42.653; 44.817; 50.087; 50.201; 52.849; 57.921; 58.280; 59.279; 60.983; 61.281; 63.392; 69.075; 69.612; 71.033; 72.591; 73.000; 73.405; 73.522 e 74.704
PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
12.000\$00 - 290; 659 e 915
12.000\$00 - 193; 363; 393; 404; 450; 516; 589; 598; 654 e 807
6.000\$00 - 67; 72;
2.400\$00 - 9 (terminação)
PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)
2.601 a 2.700; 32.901 a 33.000 e 68.201 a 68.300
NOTA: O direito aos prémios prescreve em 15/02/82
ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL



ler / escrever

Ernesto Sampaio

APÓS um breve período dominado pelos movimentos colectivos e pela ideologia, isto é, pela medida do extraordinário, retoma a outra componente fundamental da sociedade burguesa: o pragmatismo e o utilitarismo.

É certo que em anos passados as pessoas também se comportavam em termos utilitaristas e privilegiavam os seus interesses pessoais privados, mas faziam-no quase às escondidas, já que os valores culturais dominantes eram outros: colectivos, altruístas. O entusiasmo por um mundo renovado atingia profundamente a personalidade dos indivíduos, e no universo ideológico-extraordinário cada um sentia existir uma coincidência entre a sua

penetra também em âmbitos que até há pouco tempo lhe estavam interditos: nos campos, por exemplo, da religião, da fé, da ideologia. O utilitarista não adere a uma fé através da «conversão», mas através do cálculo, da procura do que lhe «serve» ou lhe «rende». Busca fundamentalmente uma «técnica» para obter sucesso e se sentir bem, sereno, de boa saúde e belo aspecto. E experimenta diversas alternativas. Experimenta o cristianismo, o ioga, a dieta macrobiótica, uma que outra droga, a parapsicologia, a psicanálise, etc., avaliando tudo isto na base do que lhe rende, do prazer que daí pode extrair.

Também os sentimentos e as emoções constituem para o utilitarista dados manipuláveis, cal-

gista e ao psicanalista aprender a libertar os apetites sexuais e os sentimentos. Tudo se torna aprendizagem e contabilidade: uma contabilidade do prazer, da espontaneidade, da criatividade. Cautelosa, como a contabilidade do dinheiro.

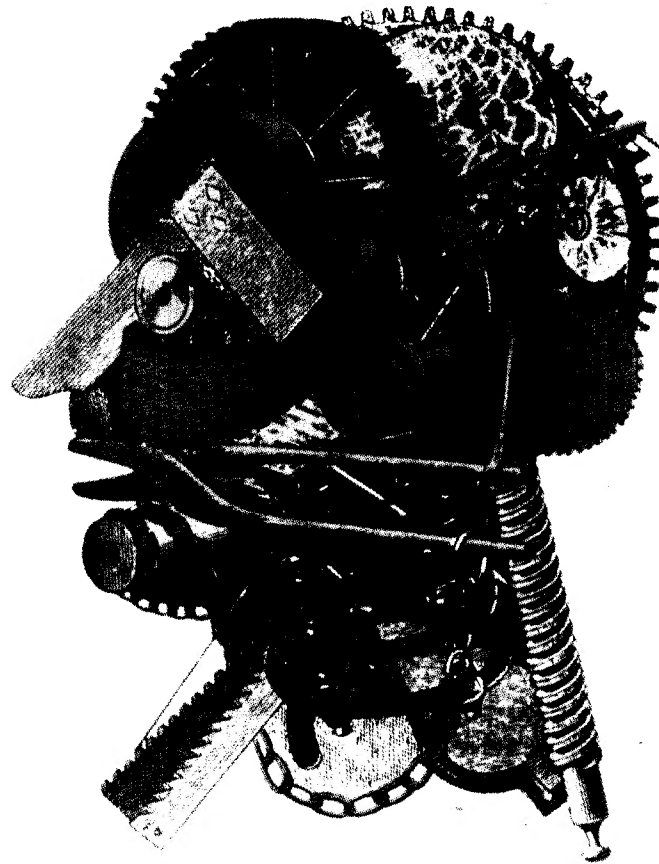
A família, estandarte esquelético e vergonhoso das mais infames retóricas, transforma-se numa associação de assistência mútua, deixando de ter qualquer valor em si própria. Já não são regras invioláveis ou questões de princípio que a fazem sobreviver, mas a sua utilidade funcional. Numa época como esta, em que os rendimentos pessoais de cada um não chegam para se viver com «dignidade» (como agora se diz), a família transforma-se numa espécie de

nais, poéticos e místicos; procura prazeres seguros, previsíveis e afasta tudo o que o perturba.

O amor é assim avaliado na base da sua capacidade de proporcionar segurança sem aborrecimento, e a própria linguagem que o exprime tem algo de contabilístico: «prestações sexuais», «acordo entre os partners», etc., tudo coisas comparáveis, mensuráveis, abertas às sondagens demoscópicas.

A avaliação amorosa faz-se em termos de comodidade, facilidade, bem-estar. Quem ama com entusiasmo, criatividade, paixão, é visto com extrema desconfiança pelo utilitarista e por ele considerado como um fulano meio místico-doido, meio perigoso aldrabão. Para o utilitarista, a poesia não compensa: é um sintoma de inépcia. Além disso, se lhe apetece poesia, compra-a na livraria ou no cinema, e a preços módicos.

No plano do consumo e na vida social, o utilitarista, na actual versão portuguesa, gosta das coisas cómodas, dos pequenos e grandes privilégios e planeia com minúcia o modo de obtê-los. Sejam quais forem as suas declarações políticas, no fundo é um céptico, despreza o «povinho», vive fechado para os outros. Aos generosos e altruístas, considera-os parvos ou hipócritas. Aprecia o sucesso e agarra-se como lapa ou mexilhão a quem o alcança. Agradar-lhe receber prendas, mas dá-as o menos possível, e arranja sempre qualquer explicação ética para justificar este comportamento. Na realidade, a sua ló-



gica consiste apenas em receber sempre mais do que dá.

Na actividade económica, não há em Portugal correspondência entre o surto utilitarista e o crescimento empresarial. Prevalece ainda, em muita burguesia, um conceito patrimonial da riqueza. Uma bela casa no campo é ainda o sinal mais espantoso de bem-estar e opulência, e também começa a manifestar-se, se bem que de modo caricatural, algo que recorda o edonismo e o utilitarismo da aristocracia de outrora: o gosto de ser servido, de se distinguir do «vulgar».

Como se vê, pode-se concluir que o Kapital já não é hoje senão uma grande reserva vazia, um espaço multiforme despovoado.

De quem ou de quê é Reagan o chefe? A burguesia do século XIX era uma classe que tinha um projecto; a dos dias de hoje é um montão de cadáveres, tão clara e definitivamente cadaverizados que muitos jovens já não entendem o que é isso de «tomar o poder»: do outro lado a noção de poder deixou de ter sentido.

Que dizer, na verdade, desta gente apanhada na teia normativa, formadora, informática de um Kapital que canalisa e nivela as energias e as palavras, se não que não existe, ou se existe, a sua existência é como um frémito de horror da história, imagem ampliada e deformada do espectro de penúria entre petróleo e átomo.



biografia e a história; sentia que a sua acção, por mais modesta, o transcendia, encarnando e realizando um ideal de perfeição.

Hoje, quase nenhum burguês — pequeno, médio ou grande — acredita nas soluções globais, extraordinárias, e apenas tem em mente interesses «concretos» e imediatos — o resto não lhe interessa. No mundo do extraordinário, as pessoas buscam a felicidade, pensam em termos de tudo ou nada. No utilitarismo, não se procura a felicidade, mas o «melhor» por referência a um «pior», ambos inculcados pela publicidade e pelos «mass media».

Nas empresas, já se sabe, a «racionalização» utilitarista faz tábuas rasas de todos os pruridos humanistas e toma os homens apenas por aquilo que rendem. Se alguém não serve, atira-se fora e arranja-se outro que funcione melhor, como se de maquinaria se tratasse.

Mas a orientação utilitarista

culáveis. Dos seus sentimentos e dos outros, interessa-lhe saber se lhe trazem vantagens ou desvantagens, prazer ou fastio. São coisas, também elas, de que é preciso avaliar as implicações e as consequências, e que não possuem qualquer sentido ou valor em si mesmas. O problema, ao lidar com sentimentos e emoções, os próprios e os alheios, consiste portanto em controlá-los, guiá-los, desfrutá-los, e isso implica trabalho, cálculos, a aprendizagem de técnicas.

Embora apregoe apreciá-la e procurá-la, o utilitarista não se abandona à espontaneidade criativa. É algo que lhe surge como uma perspectiva insegura e assustadora. Prefere aprendê-la: num «workshop» de expressão corporal, por exemplo, ou em escolas de mímica, desenho criativo ou poesia. Do mesmo modo, quando tem meios para isso, vai ao sexolo-

cooperativa de rendimentos compostos, e é ela que faz poupanças, compra a segunda casa, o automóvel, o televisor a cores, que toma e garante empréstimos, que arranja empregos graças à parentela ou às amizades. Os jovens, mesmo desempregados ou com um trabalho precário, conseguem sobreviver através da família. Não lhes falta comida nem os serviços essenciais, têm um sítio onde dormir e até, em alguns casos, fazer amor (com efeito, há pais que se tornaram tolerantes). Enfim, reina o pragmatismo, o bom senso: basta manter afastados dramas e exageros.

Nas relações de casal o utilitarismo apresenta-se sob a forma de uma defesa maciça contra o amor, o abandono, a paixão. Para triunfar neste domínio, quer-se o controlo permanente das paixões e intemperanças. Na verdade, ao utilitarista repugnam-lhe os impetuosos passio-

Lembranças para Manuel da Fonseca

Compadre, não deixes que te façam de bronze: precisamos pelo menos de uma perna livre para dar um coice neste mundo, à despedida.

O poeta não é um pássaro empalhado, limpo de tripas e miudezas por naftalinas de críticos e gramáticos, classificado e arrumado no lugar devido por arquivistas e bibliotecários.

Já alguém viu o Sol embalsamado? De vermelha crista, vivo sejas e sofras — canta!

Lavra-se com a mão o chão da pátria e rega-se com lágrimas e sangue, se preciso. Versos verdadeiros a vida os talha; tu, alentejano, em cada poema, por cada personagem, em cada verso, por mais distantes que fossem as palavras, sempre o disseste e repetiste por campos abertos e veredas, escrevendo a história do futuro: a cada um o que mereça, a terra a quem a trabalha.

Pois é verdade, também nós aqui chegámos: depois dos prémios, dos júris, dos louvores, das repetidas edições, das academias, dos estudos e das traduções em estranhas línguas, chegou o momento da consagração, das palmas, dos discursos, do aplauso.

Seria bom, todavia, que todos vissem que a virtude maior é ter-se sido capaz de viver as grandes lutas do nosso Povo, e a glória verdadeira haver sido em certos momentos a sua voz. Foi há quarenta nos, é agora.

Um abraço do

JOAQUIM NAMORADO



A Maré

Não sei se acredite nas pontas dos tamancos quadrados que revestem a calçada, não sei se todos são de facto antigos submarinos desidratados desde que deixaram de fumar. Se cada uma das janelas, tentando fornecer imagens à parceira, apenas tinha água, do lado de lá.

E todos, sem excepção éramos peixes, ou qualquer outro alimento aquático que o mundo comia com a ternura própria dos grandes glutões.

Foi, meu caro, naquela esquina, que um dia um dos napoleões se apaixonou por uma garoupa com cólicas nas escamas e uma terrível úlcera de estômago.

Esta mesma Lisboa, coberta de arranha-céus delicadíssimos perfumados de mofo cor-de-rosa, convidava aquaticamente os recém-chegados ao abrir os braços de uma estátua da liberdade nua, gorda, com pequenas cruzes gamadas inoxidáveis cerzidas na ponta dos peitos, verdadeiros obuses virados para o atlântico, um bivaque coberto de guelras tapando-lhe a cabeça.

Foi perfeitamente assim. Já nem preciso dos «se», agora lembro-me como se fosse ontem: o Rossio sempre em festa. Tinham-lhe oferecido uma enorme companhia dos becos e betesgas reunidas, em chocolate, e todos trincavam um pedaço. Assim se matava a fome.

Andávamos por aí de calções, os quais seguramente, se tivessem juízo, haviam de crescer e tornar-se calças.

E os pombos públicos eram pequenas criaturas anfíbias que davam espectáculos pornográficos hardcore para a pequenada, a troco de uma migalha de plácton.

É mentira! A atlântida nunca existiu! Existimos nós, lisboetas, sim senhor, durante anos e anos a tentar respirar debaixo de água e a viver todos os dias verdadeiros romances de ficção científica. Se o flash gordon e o super-homem estão realmente mortos, fomos nós, ao tentar transplantar-lhes guelras lusitanas, que desgrazadamente os asfixiámos. Porque nunca fomos peixes, nunca! E não é agora, com a subida da maré, que o vamos ser. Por isso é preciso abrir a boca, construir poços de ar, salvaguardar o património respirável e implantar novos mijatórios públicos nas ruas para que seja esse o único e genuíno verter de águas!

Aqui!

Eu, pela parte que me toca, não quero tornar a ser cometa. Nem sequer tenho o núcleo, nem a cauda. O planetário dos macaquinhos já se afogou há muito no Tejo, é tarde de mais para lunatismos.

Apesar da bota que se aproxima, tenho um vómito que sobe à boca de esgoto, uma crescente vontade de falar.

Manuel Cintra

A REALIDADE SUPERA A FICÇÃO

O Universo? Um ponto...

Todo o nosso universo não seria outra coisa que uma partícula minúscula, menor nas suas dimensões que um átomo de hidrogénio, denominada «Fridmon», segundo hipóteses levantadas por alguns físicos soviéticos.

Um dos mais destacados partidários dessas hipóteses é o académico soviético Moisei Markov.

Markov chamou «Fridmon» a essa partícula em honra do sábio afamado Alexander Fridman, autor do modelo de universo não estacionário.

Segundo Markov, o universo com as suas inalcançáveis galáxias pode caber num átomo. Para afirmá-lo recorre à teoria da relatividade de Einstein, segundo a qual as peculiaridades geométricas do espaço do

mundo real dependem da distribuição da matéria.

Isso determina a curvatura do espaço, vinculada ao campo gravitacional, que será maior quanto maior for a densidade da matéria que contém, e que com certa densidade chegará a ser tão grande, que o universo resultará fechado.

Sempre segundo Einstein, se num determinado espaço circunscrevermos as esferas de um raio sempre crescente, a matéria dentro da esfera aumenta proporcionalmente ao raio, e quando isso ocorre a superfície da esfera que circunscrevemos começa a reduzir-se.

Ao alargar-se o raio, o universo entra dentro de uma esfera de dimensões cada vez menores e converte-se finalmente num ponto.



Baseando-se nesta teoria, Markov afirma que dado que energia e massa são equivalentes e o universo contém energia gravitacional de sinal negativo, produz-se nele a igualdade entre a energia inerte e a gravitacional.

Como ambas têm sinais opostos, a energia global (a massa) pode diminuir até converter-se numa magnitude infinitamente pequena, chegando até zero, e como um corpo com massa nula não é mais que um ponto, o universo ver-se-ia contido num mundo quase fechado, cujas dimensões externas podem ser microscópicas.

Para que esta hipótese inverosímil se torne realidade seria necessário que a densidade média da matéria do universo se elevasse notavelmente e chegasse a 10-29

gramas por centímetro cúbico (assim se reconheceria que o nosso mundo em seu conjunto tem dimensões microscópicas).

De momento os dados registados dessas densidades são inferiores, mas as últimas experiências realizadas pelos físicos soviéticos demonstraram que o neutrino, que envolve o universo, poderia ter uma massa em repouso diferente da nula, o que faria que o seu peso aumentasse devido à massa invisível do neutrino, e assim se elevaria a densidade média da matéria a 10-29 gramas.

A teoria de Markov sobre os «Fridmon» constitui, pese embora ser até agora apenas uma previsão, uma revolu-

Um poema inédito

de Álvaro Magalhães

De «O Caderno de Bruno M.» (3)

de manhã vou ao café.
sento-me e pouso sobre a mesa o meu caderno.
enquanto o mundo passa lá fora com os seus vários sapatos
redijo pequenas notas, rolo nos dedos
restos de bolos-de-arroz que se transformam
numa espécie de poeira de livro.
depois levanto-me e saio.

durante o dia vou fazendo todas as mínimas coisas
que estão escritas na minha caixa de fósforos
e volto, sempre que posso, ao café
para que as notas cresçam e o tempo.

à noite chego cansado a casa
largo o caderno em qualquer lado
e a filha deixa nele suas pegadas infantis,
uma espécie de arabescos ou desenhos
que me comovem, humilham
quando me sento de manhã sobre outro dia
e viro a página.

vou mudar de café e de religião!



Álvaro Magalhães

Carlos Oliveira

2

«Rudes e breves as palavras pesam»

Em «Micropaisagem», na sequência principal «Estalac-tite», fala-se de «o pulsar/das palavras./atraídas ao chão-/desta colina/por uma densidade/que palpita/entre/a cal/e a água»; esse «pulsar» — «lembra/o das estrelas/antes de cair-em». As palavras, elas mesmas, «caem/do céu calcário,-/acordam flores/milénios depois./rolam/de verso em verso-/fechados/como gotas,/e ouve-se/ao fim /da página/um murmúrio/orvalhado». Noutro passo da mesma sequência fala-se de (como que preconizando) «registrar/nessa memória/ao contrário/de trás/para diante/as palavras/que ficam/assim/misteriosas/e depois/soletrá-las/do fim/para/o princípio./olhá-las/como imagens/no espelho (...)». A pormenorização alarga-se a outras actividades, podendo porém dizer-se que fecha, referindo-se às palavras, em termos de «reavê-las/num grau de pureza// extrema,/insuportável,-/quando/o poema/atinge/tal concentração/ que se transforma/a própria lucidez/em energia/e explode/para sair de si://não pode/com mais silêncio/oculto/e então/a força contraída/age/ao inverso/do excesso/em que se contraiu-/com o impulso/elástico/da estrela/tão,// cheia/de luz/que cintila/uma última/vez/e rebenta,/incapaz/de conter/a sua forma/logo/que a cintilação/a expande/um pouco mais//no céu/calcário./a faz/transportar/ a linha do horizonte/interior./o

• NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS • NOTÍCIAS •

GABRIEL GARCIA MARQUEZ acaba de bater um recorde histórico na literatura hispânica: o seu último romance, «Crónica de una muerte anunciada», atingiu a tiragem inicial de um milhão de exemplares. Embora esta «performance» seja, em Espanha, o acontecimento editorial mais importante do ano, não se pode dizer que indique verdadeiramente uma tendência: trata-se simplesmente de novo êxito de um autor consagrado, e acontece, paradoxalmente, quando já quase ninguém, no país vizinho, se lembra do «boom» da novela latino-americana que enriqueceu bastantes editores no princípio dos anos 60.

«FOLHAS VERDES» é a mais recente iniciativa de divulgação poética de Cabo Verde, nela colaborando os poetas do arquipélago Ovídio Martins, Osvaldo Osório, Oliveira Barros e Arménio Vieira. Sob a forma de folhas de papel verde, contidas num envelope, a nova publicação «pretende estabelecer um amplo circuito de promoção de poesia, recolhendo, publicando e divulgando poemas de todos os níveis e origens». O número dois de «Folhas Verdes», saído no mês de Julho, insere também 11 poemas, alguns em crioulo, mas a maior parte em português. A iniciativa pertence a um grupo não publicamente indentificado de funcionários e técnicos cabo-verdianos da Cidade da Praia, interessados pela poesia e pela cultura.

«UMA VIDA DE BOY», romance de Ferdinand Oyono, escritor dos Camarões, de língua francesa, acaba de ser lançado pela Editorial Caminho, na sua colecção «Uma Terra sem A mos». O livro é o diário de um «boy», criado de um padre ca-

tólico, e educado por este, e depois criado do comandante local, que toma consciência dos valores que lhe queriam inculcar e nos vai revelando a profunda violência da sociedade colonial. Nesta história vivíssima, assente nas relações da comunidade branca com os seus mais directos subordinados — os negros —, Oyono desvenda-nos a hipocrisia e o vazio da vida dos brancos e a sua prepotência, nos anos que antecederam a independência, para com os habitantes do país colonizado. Toda a obra de Oyono, de que a Editorial Caminho já publicou, na mesma colecção, «O Velho Preto e a Medalha», é uma denúncia da situação que o consagrado escritor camaronês, descreve nestes termos: «o colono impôs tudo em nome de uma civilização cristã e ocidental. (...) A dominação colonial tentava estabelecer mecanismos de dominação da alma, de lavagem dos cére-

bros. (...) O africano deixava de ser ele mesmo para ser a ficção que o colono queria ver nele. E o africano conseguia ser isso para sobreviver e até como forma de resistir. (...) A dominação colonial deixou sequelas que não se eliminam em duas ou três gerações».

O PRIMEIRO VOLUME DA «OBRA POÉTICA DE RUY BELO» foi agora lançado pela Editorial Presença, com o patrocínio do Instituto Português do Livro. Inclui os poemas integrados nos livros «Aquele Grande Rio Eufrates», «O Problema da Habitação», «Boca Bilingue», «Homem de Palavra(s)» e «País Possível», com um postácio de Joaquim Manuel Magalhães, que afirma: «A sua poesia é o lugar do mundo, o discurso da sua palavra interior não desiste nunca de ser um diálogo com o real...»

DE JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS, a Editorial Estampa publicou recentemente mais um volume das «obras completas»: «Leah e Outras Histórias», que em 1959 foi galardoado com o Prémio Camilo Castelo Branco da então Sociedade Portuguesa de Escritores. Esta edição, a sexta, do livro mais conhecido de Miguéis teve o patrocínio do Instituto Português do Livro, com o objectivo de lhe tornar o preço mais acessível.

Entretanto, a «Gávea-Brown» (Revista de Letras e Estudos Luso-Americanos) e o Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown promoveram, a 13 e 14 de Novembro próximo, um Simpósio internacional sobre a obra do escritor português José Rodrigues Miguéis falecido em Outubro do ano passado em Nova Iorque.

José Rodrigues foi um dos

grandes escritores portugueses da sua geração e que se auto-exilou em Nova Iorque, onde viveu desde 1936 e onde escreveu praticamente todos os seus livros.

Da sua obra vastíssima destacam-se, no romance, «Páscoa Feliz», «O Milagre Segundo Salomé», e a «Escola do Paraíso»; no conto, «Gente da Terceira Classe» e «Leah e Outras Histórias»; no ensaio e crónica, «É Proibido Apontar» e «O Espelho Polidrico». Rodrigues Miguéis deixou vários manuscritos prontos a publicar, tarefa que está a cargo da viúva, D. Camila Miguéis e da dr.^a Maria Angelina Duarte, da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, que acaba de defender a sua tese de doutoramento na Universidade de Minnesota sobre alguns aspectos da obra de Miguéis.

J. R. Miguéis, que foi tradutor para português de várias

Continua na pág. 4

ção no que concerne às noções do mundo material.

Fara ele, a infinidade do mundo parece um círculo no qual as magnitudes infinitamente pequenas se transformaram em infinitamente grandes, e adquire determinado sentido a correlação entre o «supergrande» e o «ultrapequeno», transformando-se os conceitos em seus contrários.

E ainda que a ciência seja por agora incapaz de responder se os «Fridmon» são idênticos a partículas como os prótons ou os neutrões, ou algo novo, a existência de soluções «fridmónicas» parece indicar que a realidade pode superar a fantasia.

Carlos Lopez
(EFE/Serviço ANOP)



José Rodrigues Miguéis



Gabriel Garcia Marquez

Rudes e breves as palavras pesam mais do que as lajes ou a vida, tanto que levantar a torre do meu canto é recriar o mundo pedra a pedra; mina obscura e insondável, quis acender-te o granito das estrelas e nestes versos repetir com elas o milagre das velhas pederneiras; mas as pedras do fogo transformei-as nas lousas cegas, áridas, da morte, o dicionário que me coube em sorte folheei-o ao rumor do sofrimento: ó palavras de ferro, ainda sonho dar-vos a leve ténpera do vento.

Desde logo o peso das palavras aparece associado a (ou mesmo dependente de) duas qualidades: a dureza e a brevidade (das palavras). A relação não é expressamente de causa-efeito, mas podemos talvez dizer que se lhe situa num plano muito próximo: não é declaradamente porque são **rudes e breves que as palavras pesam**, mas as palavras são rudes, breves, e pesam. A uma articulação consequencial prefira-se a enunciação, a enumeração de qualidades ou atributos processando-se copulativamente. Em qualquer caso, uma íntima relação existe e parece indestrutível. Mais, esta relação dobra-se logo para um plano comparativo onde as analogias de «lajes» e/ou «vida» aparecem. E não é aqui que essa relação se detém: alarga-se à expressão metafórica «levantar a torre do meu canto» e estende-se pelo menos a «recriar o mundo pedra a pedra». A metáfora é vastíssima, os seus limites extremos.

Trata-se fundamentalmente do canto, do «meu canto», da «torre do meu canto»: de «levantar a torre do meu canto»; fazer isto — é com palavras, e, no fazer disso, é com palavras, com as palavras, que se lhes experimenta o peso. A noção de **rudeza e brevidade** será anterior à do **peso**, mas a experiência do peso virá confirmar essa noção. Na prática, é com palavras, rudes, breves, que se levanta «a torre do canto»; com palavras «rudes e breves», antes de «pesadas»; e depois? Depois, possivelmente, não, como veremos. Entretanto, o trabalho que se impõe é o de construir a «torre do canto» com palavras, o seu peso, e a despeito do seu peso; vencer as dificuldades que este peso levanta. Num confronto imaginável com estas dificuldades, rudeza e brevidade parecem atributos secundários. O factor peso (chamemos-lhe assim) compreende esses atributos. Não fossem rudes, as palavras, e seriam mais facilmente tratáveis. Não fossem breves e tratá-las seria trabalho a fazer com mais larga margem de segurança, ou margem de

insegurança menor. Dir-se-ia óbvia uma relação de paralelismo entre a **rudeza** e as **lajes**, por um lado; por outro, entre a **brevidade** e a **vida**. Uma relação de paralelismo, mas não uma relação igualitária; há aqui um desequilíbrio que se impõe pela introdução do factor **peso**. Próprio das palavras, o peso não é exclusivo delas. Apenas — é delas porventura o peso que se sente mais em tratando-se do que aqui se trata: «levantar a torre do meu canto».

«Levantar a torre do meu canto» pode considerar-se metáfora do trabalho poético — para nos servirmos duma expressão titular da bibliografia activa do autor. Na metáfora há duas componentes fundamentais e duas relações conceptuais correspondentes: primeiro, a poesia é canto; depois, o poema (ou o livro, ou a obra) é construção, edifício. Erguer a construção, construir este edifício — é um trabalho minucioso e começa certamente pelos alicerces, mas principalmente do nível raso do chão. É a este nível que as palavras se comparam a pedras, podendo «pedras» ler-se sempre em sentido figurado, numa acepção metafórica. Assim como o o edifício, a construção, se faz com pedras, «pedra a pedra», o poema faz-se com palavras, palavra a palavra. Não é uma noção meramente objectualista, quer dizer, as palavras não são meros objectos, certamente. Se o fossem, não produziria efeito de sentido a avaliação comparativa (para mais) do **peso das palavras**, como aqui se faz. Não é uma noção objectualista, menos ainda uma noção positivista, vê-se a seguir, na metáfora da **mina**. Esta «mina obscura e insondável» pode entender-se como uma língua, um léxico. É aqui que o poeta tem de procurar os materiais de que deverá servir-se para fazer a sua escrita. Este material — trata-se das palavras, concretamente. Na imagem que se forma, porém, não figura que o poeta retire as palavras e positivamente se sirva delas para fins que lhe sejam alheios, mas alguma coisa de muito preciso: alterar a natureza das palavras, alterando (iluminando, aliás) o âmbito duma língua, dum léxico — onde elas estão. Para o fazer da escrita, elas seriam retiradas e colocadas «nestes versos», dotadas já do efeito sobre elas produzido ainda enquanto nessa «mina obscura e insondável».

Admita-se que não seja assim tão evidente: esta «mina obscura e insondável», tanto pode tratar-se das palavras, do léxico, duma língua, como do mundo, do real e da realidade do mundo. Inclina-mo-nos certamente mais para que é das palavras que se trata mas é preciso reflectir um pouco, a propósito, sobre as relações entre as palavras e o real e a realidade. As palavras nomeiam o real e designam a realidade, mas não substituem os objectos, as coisas, e apenas lhes metatizam

Continua na pág. 4



momento/em que adilação/se ultrapassa/a si mesma/e transgride/o limite/da estabilidade./o equilíbrio/que torna as coisas/coesas».

O livro «Entre Duas Memórias» pode considerar-se o cume de toda uma evolução ascendente. Dir-se-ia que paradoxalmente — as **palavras** não aparecem aí. Talvez porque agora já se encontra superada a fase em que o escritor se debate, na própria cena da escrita, com os próprios materiais de que dispõe para a produzir, e com os respectivos meios e expedientes processuais. Deixou de experimentar a necessidade expressiva de falar disso — do **com que** e do **como** do acto de escrever, da actividade da escrita. Atingiu o plano da mais plena expressão, aquele âmbito onde as palavras **dizem** por si mais do que o próprio escritor tinha intenção de fazer que elas **dissessem**. Há aqui uma distanciação que nem precisa de reflectir-se: há muito que o escritor a ganhou como noção prática, mais, como profunda consciência. As palavras deixam de questionar-se: são elas próprias uma questão íntima e indissolúvelmente ligada ao seu próprio processamento.

Detemo-nos agora um pouco mais atenta e demoradamente no «Soneto» (assim titulado) de «Cantata», onde o tema versado é, mais do que o das palavras, o do peso das palavras.



A raiva de Oskar Panizza

«Eu que queria observar a raça dos homens, repertoriar os seus erros e maldades e cobri-los de vergonha, não passo de um miserável cão que depressa esticará o pernil». Esta frase final do *Diário dum cão*, de Oskar Panizza, resume toda a sua vida: «raivoso», o seu pensamento ignorava os ditames do Estado e da Igreja («passava-lhes por cima», como se costuma dizer). A 19 de Outubro de 1904, Panizza decidiu deixar este mundo, circulou seminu pelas ruas de Oberfohring, na Baviera, foi preso e fechado na casa dos doidos, de onde só o soltaram em 1921. Depois, graças a Walter Mehring e a André Breton, que prefaciou a tradução francesa do *Concílio do Amor*, entrou na história da literatura, indo engrossar o cortejo dos revoltosos que se evadiram da vida pelo suicídio.

O *Diário dum cão* é a comédia humana posta a nu até ao osso. Fornicar, falar, sorrir, beber e comer, sob o olhar do cão que pensa, animado por uma espécie de loucura taxinómica — outras tantas actividades que podem

tornar-se assaz lúgubres. Um medopânico apodera-se então do leitor: quês estas criaturas insólitas são de facto homens e mulheres?

Aconselham-se as pessoas que passam o seu verão a pôr e a tirar roupa que meditem no que neste livro terrível roda em torno dum dos grandes rituais da humanidade, partilhada entre o sono e a vigília, o masculino e o feminino. «Em resumo, a espécie humana, uma vez desembarçada desses partos fomentados pelo espírito de dissimulação, pode reconduzir-se ao tipo da lebre esfolada, polida a pedra-pómus e rolada em farinha. Na rua, devia-se portanto chamá-los: homens esfolados com recheio de vagens». A metafísica, quando se atira às cegas o que nós descascamos por distração — palavras, amores, mentiras —, abre brechas no belo edifício social. Panizza, por este trabalho de demolição, teve de estoirar como um cão.

Journal d'un chien, de Oskar Panizza. Ed. Pléiade, coleção «Les Feuilles Vives», Paris.

ÍCIAS • NOTÍCIAS •

Continuação da pág. 3

obras da literatura universal, tem muitos dos seus livros traduzidos em checoslovaco, polaco, alemão e italiano.

A editora Gávea-Brown, do Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, prepara uma colectânea de histórias em inglês, traduzidas por uma equipa coordenada por George Monteiro e Carolina Matos. A mesma editora publicará um outro volume, em português, com histórias de imigração e que está ao cuidado de Onésimo T. Almeida.

No Simpósio, que será aberto a todo o público, apresentarão comunicações algumas das figuras mais grandes na crítica portuguesa actual como Eduardo Lourenço (Universidade de Viseu, França), Joel Serrão (Fundação Gulbenkian, Lisboa) e o poeta David Mourão-Ferreira (Universidade de Lisboa). Vinhos de diversas universidades

dos Estados Unidos e de Portugal, o simpósio conta com a participação ainda de John Kerr, Jr. (Universidade de Illinois, DeKalb), José Martins Garcia (Universidade de Brown), Maria Angelina Duarte, (Universidade da Califórnia, Los Angeles), Nancy T. Baden, (Universidade Estadual da Califórnia, Fullerton), Ronald Sousa, (Universidade de Minnesota), William Edgartown (Universidade de Indiana), Ana Maria Alves (Universidade Nova, Lisboa).

A revista «Gávea-Brown» publicará um número especial com as comunicações apresentadas.

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Universidade de Brown são os principais patrocinadores do acontecimento.

Na Feira do Livro de Lisboa este ano, José Rodrigues Miguel foi, depois de Eça de Queirós e Fernando Pessoa, o escritor mais vendido.

«Rudes e breves as palavras pesam»

Continuação da pág. 3

a presença (ou a ausência, que assinalam desde logo na sua própria configuração). Estamos aqui num domínio de carências. É uma situação que o escritor, não podendo furtar-se-lhe, tem de enfrentar, e resolver, de algum modo superar, no plano da escrita. Há um ideal semântico a perseguir, é aqui está uma tarefa prioritária: não se tratando de conseguir tal ideal (porque impossível) e importante pelo menos inflectir a escrita na consciência daquilo em que tal ideal consiste: na coincidência entre o máximo de significatividade de que as palavras sejam dotadas, e o real a que elas inicialmente se encontram referidas. Uma vez que o real é outra coisa que se trata, a escrita tem de, a um tempo, renunciar a esse ideal (semântico) e criar com o real uma relação estruturalmente simbólica. A designação da realidade (factor ou qualidade do real, ou dele e da sua percepção decorrente) é, como a própria palavra «designação» parece significar, o desfazer (ou desfazer-se) do signo linguístico como tal (signo), e a sua assumpção no sentido (progressivo e ascensional) do real, ou mesmo do concreto. Este movimento não se processa sem o auxílio duma (mínima que seja) animação sugestiva, que pode consistir no simbolismo próprio de cada nome ou designação (nominal, denominativo, neste caso). Diz-se «simbolismo» e pode fazer-se em termos de denotação. O processo precipita-se irreversivelmente numa segunda instância de relacionamento: a actividade conotativa. Assinale-se todavia que tal precipitação não implica uma perda de referências relativas: perdura e prevalece sempre vigiando o trabalho significativo, todo o labor verbal significativo. As próprias palavras representam-se sempre num âmbito de limitações determinado, e não ultrapassam os limiares do imaginário, quer dizer (neste caso), do irreal. Pode-se resumir dizendo que é ao domínio das palavras que tal noção de real e realidade se restringe: em poesia, no trabalho poético, não existe — que interesse, pelo menos — realidade e real fora das palavras.

É de «as palavras» que fundamentalmente neste poema se fala, o que deve ser entendido diferentemente de como se leria se metonimicamente apenas de «a palavra» (singular absoluto) se tratasse. Dizendo «as palavras» diz-se uma realidade múltipla, vária, plural, inúmera, inumerável: é evidentemente uma língua, o seu léxico, que principalmente se significa. Mas o que também principalmente se significa, aqui, é a dificuldade com que um desejo se orienta para o seu objecto, o dispêndio de energias com que esse desejo, o sujeito desse desejo, designativa ou nominalmente se apropria do seu objecto. Porque é no «obscuro» e no «insondável», se não que esse objecto se situa ou localiza — porque em larga medida ou mesmo medida totalizante, esse objecto não se localiza nem se situa —, pelo menos processa-se o movimento tendente a captá-lo, pela percepção. A dificuldade disto deve-se ao peso das palavras a que é absolutamente necessário recorrer. Esse peso é também, podemos dizê-lo, embora alguma coisa especulativamente, opacidade, densidade, espessura, ou, por ordem inversa: espessura, densidade, opacidade — qualidades que são, a uma primeira percepção, da realidade; e do real, a uma segunda percepção, ou seguidamente. A «mina obscura e insondável» tanto pode associar-se palavras, lexe-mas duma língua, como realidade e real. Real e realidade confundem-se com a linguagem, desde logo pela designação, que com o trabalho de palavras se faz, da realidade, e, depois, pela coincidência (neste caso) entre a língua, o léxico, e o real. A linguagem, no entanto, é, conceptualmente, um âmbito excedente de todos estes âmbitos relativos. Todavia, é evidente que também aqui aparece latente a consciência disso, desde logo na atribuição qualificativa respeitante às palavras, no «obscuro» e no «insondável» que lemos de preferência interpretativamente respeitante a léxico e língua.

Estamos no domínio da escrita, da escritura. Domínio a um tempo (aparentemente) seguro, definitivo, e (todavia) extremamente precário. É a estes domínios (simbólicos) que se reporta o «acender-te a granito das estrelas», declarado como intenção (veremos que não realizada, adiada para o futuro) de conseguir com as palavras um efeito de luz — nas trevas, na escuridão, ou nem tanto, no escuro («obscuro», «insondável»).

Uma ocorrência parece aqui muito forte, e devemos retê-la, inflecti-la: trata-se do «granito das estrelas». É uma prevalência: da pedra, do mundo mineral, da mineralidade do mundo — primordial. Repetir com as palavras, apesar do seu peso, um mesmo efeito de luz — e de fogo, incendiário — que o «milagre das velhas pedrneiras», eis uma imagem aparentemente fácil de formar. A esta sugestão, porém, outra se segue e sobrepõe, a da pelo menos aparente falência do processo intencional: «as pedras de fogo tranformei-as nas lousas cegas áridas da morte». A mineralidade do mundo não é — não era — somente primordial, original, inicial: é também final. Resta no entanto que alguma coisa se passou, e logo uma transformação, ainda que seja em termos de morte, aridez e cegueira que ela se traduz.

A percepção mais imediata é desencantada, certamente: a luz falhou, a iluminação não se deu, a vida não chegou a declarar-se emergentemente, e o conseguido com o trabalho das palavras fica aquém do «milagre das velhas pedrneiras». A justificação, mais ou menos explicativa, desta falência, pode encontrar-se nos dois versos que se seguem, onde se diz que «o dicionário que me coube em sorte/folheei-o ao rumor do sofrimento».

É preciso fazer aqui uma anotação marginal. A palavra poética é por vezes altamente polissémica. A necessidade duma leitura interpretativa e a impossibilidade prática de alargar essa leitura a um encadeamento sempre número de sugestões tem-nos retido muito num âmbito limitado de propostas interpretativas. Neste passo (o do «o dicionário que me coube em sorte...»), porém, não vemos que seja possível admitir mais do que uma hipótese interpretativa — a que a seguir se expõe —, e, no entanto, ela fica muito longe de satisfazer-nos em relação já não só à nossa própria leitura mas ainda, e talvez principalmente, ao passo do poema, a passagem, em questão. Anteriormente, lembra-se, dificuldade idên-

tica (aliás maior) já a experimentámos quando da ocorrência analógica de «aço na forja dos dicionários» respeitante a «palavras». Agora a dificuldade é menor, mas nem por isso deixa de o ser — dificuldade, obstáculo, não propriamente impedimento.

«O dicionário que me coube em sorte/folheei-o ao rumor do sofrimento». Fala-se aqui ainda da língua, dum léxico; da realidade e do real — neste caso identificadamente com uma designação nova e algo inesperada: o sofrimento, o seu «rumor». O «dicionário que me coube em sorte» pode (ou mesmo deve) entender-se como o legado herdado duma língua, dum vocabulário, neste caso, o português. Folhear esse «dicionário» é como fazer o reconhecimento dum campo, dum âmbito, dum espaço — onde essa língua se situa. E fazê-lo «ao rumor do sofrimento», se pode ter a ver com razões próprias do real, do concreto, das referências externas mas evolutivas, do real —, tem a ver também com a própria língua, sua vivência, por dentro, dada a íntima relação entre a vida, a existência, e a linguagem.

Ver-se-ia aqui, na percepção do real, da realidade, da vida, da existência, em termos de «rumor», um aparente distanciamento; — mas não alguma separação, certamente. A própria sugestão (denotação) de rumor (sem mais) implica alguma intimidade (e exige uma maior atenção perceptiva). Tratando-se do «sofrimento», é um pouco mais do que isso: a designação está dotada, aqui, de forte carga semântica, e, se a propensão da leitura é para privilegiar referências causais situadas no mundo, nem por isso deixará de se impor a imagem de que o sentido disto se manifesta ou declara associadamente com o «folhear» do «dicionário», melhor, «o dicionário que me coube em sorte». É numa língua que pensamos, na medida em que é numa língua que nos exprimimos — e o sofrimento, a sua percepção, não se afasta deste âmbito.

De qualquer modo, não deixará de ganhar alguma dimensão a sugestão da distância e da consequente separação que vai do «rumor do sofrimento» ao folhear do «dicionário que me coube em sorte». Perdura e prevalece alguma coisa sempre a noção (por mais vaga) de que existe um exterior relativamente a um interior — este, âmbito ou ponto de vista do sujeito pontual e localmente assumido num actividade que não se deixa envolver por completo pela insinuação atractiva do que externamente se passa (ou — como no caso, aliás — no plano da memória).

Resta, aliás, que folhear é no pretérito que se enuncia, tal como, pode-se ver, é o que se passa nos sintagmas verbais mais precedentes, a partir do quinto verso. Podemos entre-tanto guiar-nos por esta indicação, ver o soneto como que dividido em três partes, estas correspondentes a outros tantos tempos mentais ou de reflexão. Num primeiro tempo estariam os quatro primeiros versos, e, aí, a reflexão que se faz à volta do peso das palavras, com recurso à analogia entre elas e as lajes e a vida, e entre o levantar do canto e a recriação do mundo. Num segundo tempo processa-se, em termos de passado, o que acabamos de ver. Um terceiro tempo (a que correspondem os dois últimos versos) processa-se em termos expressos de presente, mas apontando intencionalmente para o futuro: «ó palavras de ferro ainda sonho/dar-vos a leve ténpera do vento».

Assim como ferro (na sua ténpera) ocorre para metaforizar as palavras, o seu peso (noção onde cabem outras qualidades, se quisermos, e desde logo densidade, e espessura, por exemplo, bem como dureza, consistência, estrutura, e textura) — vento (com sua ténpera — aliás, «ténpera do vento») ocorre para sugerir as palavras libertas desse peso e das qualidades que lhe andam associadas (qualidades negativas, impeditivas duma plena expressão significativa relativamente ao real do ar, à realidade aérea, ligeira, leve, desprendendo-se da atracção terrena, da propensão ou tendência terrestre). São o peso e as qualidades afins que melhor caracterizam a relação (e as dificuldades da relação) entre as palavras e a realidade. A diferença conceptual do real, num confronto com a realidade, implica que as palavras se libertem do peso que dificulta as suas relações com a realidade e adquira outras qualidades (outro peso, desde logo, menor). É a associação do peso (ou dum maior peso) das palavras a qualidades como rudeza e brevidade, e a tópicos como a construção do canto e o sofrimento, o que nos permite ver neste peso, na sua redução, uma relação mais premente com a realidade. A aspiração ao real implica um menor peso das palavras, mais leveza, digamos, uma passagem do movimento semântico para o aéreo e para o ligeiro mais leve do ar. Nomeando o real, as palavras libertar-se-iam da realidade, do peso da realidade, do seu próprio peso — que é o peso da realidade que designa —, e estariam mais aptas para a nomeação do real e do seu sempre relativamente menor peso em contraste com o maior peso da realidade (com a sobrecarga ideológica que lhe anda associada como qualidade que é sempre, de algum modo, do real). Noutro sentido (talvez mais rigoroso), as palavras, se a sua plenitude significativa ou expressiva pudesse (e poderá?) coincidir com o real, não teriam propriamente peso; ou teriam um mínimo de peso absolutamente impossível de eliminar, de anular: o peso que se lhes atribui é própria da sua relação prática, corrente, com a realidade, e do seu relacionamento sempre (e por isso) afectado, defeituoso, deformado, com o real.

Um pouco por toda a parte, corre-nos, à sugestão do vento associa-se uma noção de liberdade. Ainda aqui é este sentido que perdura e deverá prevalecer: numa relação com a realidade, as palavras estão presas à terra, atraídas à terra, pelo seu peso. Sem este peso, sem esta prisão, sem esta atracção, este procedimento atractivo (que sobre elas se exerce), as palavras libertar-se-iam e ficariam — libertam-se e ficam — disponíveis para uma relação mais liberta, livre, com o real. O sentido prende-se às carências com que a realidade terrena se identifica, mas aponta para a liberdade e o reino da liberdade que na sugestão do ar — limite do real, limiar do imaginário — se porpõe.

Luís de Miranda Rocha